



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS-FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA

TU, VOCÊ, OCÊ E CÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS/ ÁGUA BRANCA-AL

MACEIÓ

2024

MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA

TU, VOCÊ, OCÊ E CÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
SERRA DAS VIÚVAS/ ÁGUA BRANCA-AL

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para Defesa do Doutorado em Linguística.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Maceió
2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB-4 – 1251

S729t Souza, Maria Helena Menezes de.

Tu, você, ocê e cê na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas / Água Branca - AL / Maria Helena Menezes de Souza. – 2024.
135 f.: il.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório.
Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas,
Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e
Literatura, Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 132-135.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Sujeito - Variação linguística. 4.
Comunidade quilombola Serra das Viúvas - Água Branca (AL). I. Título.

CDU: 81'27(813.5)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo Dom da minha vida, por ter me feito uma criatura apaixonada pela docência, e me conduzir por um caminho assertivo para alcançar os meus objetivos. Agradeço ao meu Senhor e Salvador por ter me dado sabedoria e discernimento para chegar ao cumprimento das minhas obrigações de doutoranda e a conclusão da tese. Para mim é uma grande felicidade ser a primeira doutora deficiente/quilombola do estado de Alagoas. Este fato me deixou muito feliz, mas ao mesmo tempo reflexiva sobre o quanto precisamos avançar em relação à educação e profissionalização dos grupos que são socialmente marginalizados.

Agradeço à minha mãe Maria Eliane Menezes e ao meu pai Lourival Freire por todo apoio incentivo, cuidado e paciência durante toda minha trajetória acadêmica. Sou grata aos meus irmãos Erasmo Menezes e Evânio Menezes, bem como às minhas cunhadas Girleide Santos e Gustavo Ferreira por todo apoio e suporte em minhas necessidades.

Agradeço de maneira especial à prof^a Dr^a Elyne Vitória que me acompanhou como orientadora desde a graduação, já são quase dez anos de convivência. Sou grata pela paciência e pelo zelo de sempre. Posso afirmar que para além das orientações e direcionamento em cada encontro, a nossa relação e convivência me tornou uma profissional ainda mais qualificada, competente e disciplinada.

Gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas por me acolher no corpo discente e dar todo suporte necessário para a conclusão de mais uma etapa de profissionalização. Agradeço aos técnicos da secretaria de Pós-Graduação pela simpatia e prontidão nos atendimentos. Também aos professores e professoras pela oferta de disciplinas e por todos os ensinamentos ao longo desses quatro anos.

Sou grata à coordenadora do Programa, a Prof^a Dr^a Débora Massmann, pela gentil disponibilidade em ouvir e atender as minhas solicitações. Também agradeço por ter me recebido como estagiária durante dois períodos no curso de Graduação em Letras do Campus do Sertão. O estágio em suas aulas foi uma das mais importantes experiências da minha vida acadêmica, desse período guardo muitos aprendizados que certamente utilizarei na docência.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPQ, pelo fomento disponibilizado durante a maior parte do tempo em que estive como doutoranda, apesar de não ser um incentivo exclusivo para minha pesquisa, a participação no projeto de

reconstrução da memória da fundadora do PPGLL, Maria Denilda Moura, possibilitou singular experiência com a história do programa do qual faço parte.

Agradeço imensamente à minha comunidade, a comunidade quilombola Serra da Viúvas, que desde a graduação é o meu objeto de pesquisa. Aos participantes das entrevistas que formaram o corpus da minha tese, o meu muito obrigada. Também a todos os que compõem a povoação que me ajudaram com palavras de incentivo, ânimo e carinho. Esta conquista não é só minha, mas de todos nós quilombolas. Por fim, agradeço a todos os familiares, vizinhos, amigos e colegas, que contribuíram com esse processo de maneira direta ou indireta.

RESUMO

A presente pesquisa busca traçar o perfil sociolinguístico dos falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL em relação à variação de *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na posição de sujeito na fala dos quilombolas, com o intuito de verificar a frequência de uso das variantes que representam a segunda pessoa do singular. Este estudo visa também observar se existe interferência de fatores sociais e linguísticos na variação; constatar se a relação entre os interlocutores influencia a escolha linguística; e verificar se a metodologia de coleta de dados interfere na captura das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008[1972]), que trata dos usos variáveis da língua e trabalha com a concepção de língua heterogênea, partindo do pressuposto de que a língua não é estática, mas variável, influenciada por fatores de ordem linguística e social. Recorremos também à Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman (2003 [1960])), que versa sobre o uso dos pronomes de tratamentos, postulando duas características existentes nas sociedades, o poder e a solidariedade, sendo que a forma de tratamento empregada pelo falante é determinada pela relação existente entre os interlocutores em uma dada situação comunicativa. Nos valem de (Faraco 2017 [1996]) e (Lopes; Duarte 2003) para explicar o processo de mudança linguística enfrentado pelo pronome de tratamento *vossa mercê* até o pronome pessoal *você*. Para entender o comportamento linguístico variante de *tu com concordância*, *tu sem concordância*, *você*, *ocê* e *cê* no Brasil, recorremos ao mapeamento sociolinguístico realizado (Scherre *et al.* 2015) e (Scherre; Andrade; Catão 2020-2021). Neste trabalho, utilizamos duas amostras da mesma comunidade de fala, uma coletada no ano de 2016 com a metodologia tradicional de coleta da Sociolinguística Variacionista e outra coletada em 2022 com metodologia de coleta diálogo entre dois informantes. Para obtenção dos resultados, recorremos ao programa computacional GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Em nosso estudo, primeiramente analisamos a amostra coletada em 2022, realizamos três rodadas para melhor compreender a variação. Dessa forma, após a delimitação da variável dependente *tu*, *você* e *cê*, delimitamos as variáveis independentes para pesquisa, a saber, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, tipo de relação entre os falantes, relações entre sexos, relações entre faixas etárias, paralelismo pronominal e determinação do referente. De acordo com os resultados, a variante mais utilizada pelos quilombolas é *você*, mas também existe o uso da variante *tu sem concordância* e *cê*. Fizemos uma rodada que contemplou as variantes *tu* e *você*, nela constatamos que as variáveis condicionantes da alternância foram escolaridade, tipo de relação entre os falantes, sexo/gênero, paralelismo pronominal e relações entre faixas etárias. Na rodada que analisou *você* e *cê*, somente a variável tipo de relação entre os falantes foi considerada como estatisticamente significativa para a variação. Em análise da segunda amostra, as variáveis testadas foram sexo/gênero, faixa etária, paralelismo pronominal e determinação do referente. Conforme os resultados, houve poucas realizações das variantes *tu*, *você* e *cê*, entretanto, as ocorrências de *você* são mais frequentes do que *tu* e *cê*, nesta análise nenhuma variável foi considerada como estatisticamente significativa. Por último, realizamos uma análise das metodologias de coletas, entrevista entre documentador e informante e diálogo entre dois informantes, e comprovamos que o modelo adequado para captura das variantes de segunda pessoa do singular é o modelo de entrevista diálogo entre dois informantes.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; *Tu*, *você* e *cê*; Comunidade quilombola Serra das Viúvas.

ABSTRACT

This research seeks to outline the sociolinguistic profile of speakers from the quilombola community Serra das Viúvas/Água Branca-AL in relation to the variation of *tu*, *você*, *ocê* and in the subject position in quilombola speech, with the aim of verifying the frequency of use of variants that represent the second person singular. This study also aims to observe whether there is interference from social and linguistic factors in the variation; verify whether the relationship between interlocutors influences linguistic choice; and check whether the data collection methodology interferes with capturing the variants *tu*, *você*, *ocê* and *cê*. To develop this research, we used the theoretical and methodological assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008[1972]), which deals with the variable uses of language and works with the conception of heterogeneous language, assuming that the language is not static, but variable, influenced by linguistic and social factors. We also use the Theory of Power and Solidarity (Brown; Gilman (2003 [1960])), which deals with the use of treatment pronouns, postulating two characteristics that exist in societies, power and solidarity, and the form of treatment used by the speaker is determined by the relationship between the interlocutors in a given communicative situation. We use (Faraco 2017 [1996]) and (Lopes; Duarte 2003) to explain the process of linguistic change faced by the pronoun *vossa mercê* to the personal pronoun *você*. To understand the variant linguistic behavior of *tu* with agreement, *tu* without agreement, *você*, *ocê* and *cê* in Brazil, we resorted to the sociolinguistic mapping carried out (Scherre et al. 2015) and (Scherre; Andrade; Catão 2020-2021). In this work, we used two samples from the same speech community, one collected in 2016 with the traditional Variationist Sociolinguistics collection methodology and the other collected in 2022 with a dialogue collection methodology between two informants. To obtain the results, we used the computer program GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). In our study, we first analyzed a sample collected in 2022, we carried out three rounds to better investigate the variation. Thus, after delimiting the dependent variable *tu*, *você* and *cê*, we delimited the independent variables for research, namely, age group, sex/gender, education, type of relationship between speakers, relationships between sexes, relationships between groups age pronominal parallelism and determination of the referent. According to the results, the variant most used by quilombolas is *você*, but there is also the use of the variant *tu* without agreement and *cê*. We did a round that included the variants *tu* and *você*, in which we found that the conditioning variables for the alternation were education, type of relationship between speakers, sex/gender, pronominal parallelism and relationships between age groups. In the round that analyzed *você* and *cê*, only the variable type of relationship between speakers was considered statistically significant for the variation. In the analysis of the second sample, the variations tested were sex/gender, age group, pronominal parallelism and determination of the referent. According to the results, there were few losses of the variants *tu*, *você* and *cê*, however, the occurrences of *você* are more frequent than *tu* and *cê*, in this analysis no variable was considered statistically significant. Finally, we carried out an analysis of the collection methodologies, interviews between documents and informants and dialogue between two informants, and confirmed that the appropriate model for capturing second-person singular variants is the dialogical interview model between two informants.

Keywords: Sociolinguistics; Variation; “*Tu*”, “*você*” and “*cê*”; Serra das Viúvas quilombola community;

RESUMEN

Esta investigación busca perfilar el perfil sociolingüístico de hablantes de la comunidad quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL en relación a la variación de *tu*, *você*, *ocê* y *cê* en la posición de sujeto en el habla quilombola, con el objetivo de verificar la frecuencia de uso de variantes que representan la segunda persona del singular. Este estudio también pretende observar si existe interferencia de factores sociales y lingüísticos en la variación; verificar si la relación entre interlocutores influye en la elección lingüística; y verificar si la metodología de recolección de datos interfiere con la captura de las variantes *tu*, *você*, *ocê* y *cê*. Para desarrollar esta investigación, utilizamos los supuestos teóricos y metodológicos de la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico (Labov, 2008[1972]), que aborda los usos variables del lenguaje y trabaja con la concepción de lenguaje heterogéneo, a partir del supuesto que la lengua no es estática, sino variable, influida por factores lingüísticos y sociales. También recurrimos a la Teoría del Poder y la Solidaridad (Brown; Gilman (2003 [1960])), que aborda el uso de pronombres de tratamiento, postulando dos características que existen en las sociedades, el poder y la solidaridad, y la forma de tratamiento utilizada por los hablante está determinado por la relación entre los interlocutores en una determinada situación comunicativa. Utilizamos (Faraco 2017 [1996]) y (Lopes; Duarte 2003) para explicar el proceso de cambio lingüístico que enfrenta el pronombre de tratamiento *você* al pronombre personal *you*. Para comprender el comportamiento lingüístico variante de *tu con acuerdo*, *tu sin acuerdo*, *você*, *ocê* y *cê* en Brasil, recurrimos al mapeo sociolingüístico realizado (Scherre et al. 2015) y (Scherre; Andrade; Catão 2020-2021). En este trabajo utilizamos dos muestras de una misma comunidad de habla, una recolectada en 2016 con la metodología de recolección tradicional de Sociolingüística Variacionista y la otra recolectada en 2022 con una metodología de recolección de diálogo entre dos informantes. Para obtener los resultados utilizamos el programa informático GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). En nuestro estudio, analizamos primero la muestra recolectada en 2022, realizamos tres rondas para comprender mejor la variación. Así, después de delimitar la variable dependiente *tu*, *você* y *cê*, delimitamos las variables independientes para la investigación, a saber, grupo de edad, sexo/género, educación, tipo de relación entre hablantes, relaciones entre sexos, relaciones entre grupos de edad, paralelismo pronominal y determinación del referente. Según los resultados, la variante más utilizada por los quilombolas es *você*, pero también existe el uso de la variante *tu sin acuerdo* y *cê*. Hicimos una ronda que incluyó las variantes *tu* y *você*, en la que encontramos que las variables que condicionaban la alternancia eran la educación, el tipo de relación entre hablantes, el sexo/género, el paralelismo pronominal y las relaciones entre grupos de edad. En la ronda que los analizó *você* y *cê*, sólo la variable tipo de relación entre hablantes se consideró estadísticamente significativa para la variación. En el análisis de la segunda muestra, las variables analizadas fueron sexo/género, grupo de edad, paralelismo pronominal y determinación del referente. Según los resultados, hubo pocas realizaciones de las variantes *tu*, *você* y *cê*, sin embargo, las ocurrencias de *você* son más frecuentes que *tu* y *cê*, en este análisis ninguna variable fue considerada estadísticamente significativa. Finalmente, llevamos a cabo un análisis de las metodologías de recolección, entrevistas entre documentalistas e informantes y diálogo entre dos informantes, y confirmamos que el modelo apropiado para capturar variantes de segunda persona del singular es el modelo de entrevista dialogada entre dos informantes.

Palabras clave: Sociolingüística; Variación; *Tu*, *você* y *cê*; Comunidad quilombola Serra das Viúvas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapeamento dos pronomes de segunda pessoa do singular.....	28
Figura 2: Mapa com os pronomes de segunda pessoa singular no português brasileiro.....	29
Figura 3: Mapa com os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na região Nordeste.....	33
Figura 4: Mapa com os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular nas capitais e não capitais da região Nordeste.....	35
Figura 5: Mapa da cidade de Água Branca AL.....	52
Figura 6: Comunidade quilombola Serra das Viúva.....	53
Figura 7: Feira Artesanal.....	54
Figura 8: Marlene Araújo.....	55
Figura 9: Maria Izabel, matriarca da Serra das Viúvas.....	57
Figura 10: Sede da Associação.....	58
Figura 11: Grupo de Coco da Serra das Viúvas.....	60
Figura 12: Pedra do vento.....	61
Figura 13: Pratos servidos no Festival Gastronômico Quilombola.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Estratificação dos diálogos.....	65
Quadro 02: Lista/guia de tópicos.....	66
Quadro 03: Diferenças entre as amostras.....	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Aplicação do pronome de segunda pessoa do singular na amostra D2	83
Gráfico 2-Realizações de <i>tu</i> e <i>você</i> na amostra D2.....	87
Gráfico 3- Realizações de <i>você</i> e <i>cê</i> na amostra D2.....	101
Gráfico 4 - <i>Tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> na amostra DID.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variável escolaridade na amostra D2	89
Tabela 2 – Tipo de relação entre os falantes na amostra D2.....	90
Tabela 3 - Sexo/ Gênero na amostra D2.....	91
Tabela 4 – Paralelismo Pronominal na amostra D2.....	93
Tabela 5 – Relações entre faixas etárias na amostra D2.....	95
Tabela 6 – Relações entre sexos na amostra D2.....	97
Tabela 7 – Variável Faixa etária na amostra D2.....	98
Tabela 8 – Determinação do referente na amostra D2.....	100
Tabela 9 – Tipo de relação entre os falantes na amostra D2.....	103
Tabela 10 – Relações entre sexos na amostra D2.....	104
Tabela 11 - Sexo/ Gênero na amostra D2.....	105
Tabela 12 – Variável escolaridade na amostra D2.....	107
Tabela 13 – Variável Faixa etária na amostra D2.....	108
Tabela 14 – Relações entre faixas etárias na amostra D2.....	109
Tabela 15 – Determinação do referente na amostra D2.....	110
Tabela 16 – Paralelismo Pronominal na amostra D2.....	112
Tabela 17 - <i>Tu, você e cê</i> na amostra DID.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
2. O FENÔMENO EM ESTUDO	20
2.1 <i>De vossa mercê a você</i>	20
2.2 <i>Tu e você na modalidade oral: mapeamento histórico descritivo</i>	24
2.3 <i>Tu, você, ocê e cê nos estudos sociolinguísticos</i>	27
2.3.1 <i>Tu, você, ocê e cê no Nordeste</i>	30
2.3.2 <i>Tu, você, ocê e cê no estado de Alagoas</i>	35
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	43
3.1 Sociolinguística Variacionista	43
3.2 Teoria do Poder e da Solidariedade	48
3.3 Metodologia de Pesquisa	50
3.3.1 Objetivos e hipóteses da pesquisa	50
3.3.2 A comunidade Quilombola Serra das Viúvas	51
3.3.3 Coleta de dados: Diálogo entre dois informantes	64
3.3.3.1 Seleção dos informantes	64
3.3.3.2 Constituição da amostra.....	65
3.3.4. Coleta de dados: Diálogo entre informante e documentador.....	68
3.3.4.1 Seleção dos informantes	68
3.3.4.2 Entrevistas.....	69
3.3.5 Transcrição dos dados	70
3.3.6 Variáveis analisadas	71
3.3.6.1 Faixa etária.....	72
3.3.6.2 Sexo/gênero.....	73
3.3.6.3 Escolaridade	74
3.3.6.4 Tipo de relação entre os falantes	76
3.3.6.5 Paralelismo pronominal	77
3.3.6.6 Determinação do referente	78
3.3.7 Programa Computacional Goldvarb X	80
4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS	82
4.1 <i>Variação tu, você e cê na amostra D2</i>	82
4. 1.1 <i>Tu e você</i>	86
4.1.1.1 Variáveis estatisticamente significativas	87
4.2.1.1 A variável escolaridade.....	88
4.1.1.2 A variável tipo de relação entre os falantes	90

4.1.1.3 A Variável Sexo/gênero.....	91
4.1.1.4 A variável paralelismo pronominal	93
4.1.1.5 A variável relação entre faixas etárias	94
4.1.1.6 Variáveis estatisticamente não significativas.....	95
4.1.1.7 Relações entre sexos	96
4.1.1.8 A variável faixa etária.....	97
4.1.1.9 A variável determinação do referente e o nocaute	98
4.1.2 A variável dependente <i>você</i> e <i>cê</i>	100
4.1.2.1 Variáveis analisadas.....	102
4.1.2.2 A variável relação entre os falantes.....	102
4.1.2.3 Variáveis estatisticamente não significativas.....	104
4.1.2.3.1 A variável relações entre os sexos	104
4.1.2.3.2 A variável sexo/gênero	105
4.1.2.3.3 A variável escolaridade	106
4.1.2.3.4 Variável faixa etária.....	107
4.1.2.3.5 A variável relações entre faixas etárias.....	108
4.1.2.3.6 A variável determinação do referente e primeiro nocaute	110
4.1.2.3.7 A variável paralelismo pronominal e o segundo nocaute	111
4.2 Variação <i>tu</i>, <i>você</i> e <i>cê</i> na amostra DID	112
4.2.1 Variáveis analisadas	113
4.3 Discussão metodológica	118
CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, a variação na segunda pessoa do singular no Brasil despertou a atenção dos pesquisadores da Sociolinguística Variacionista nas diversas regiões do país, sendo assim, há uma gama de estudos descritivos que mostram o comportamento linguístico dos falantes brasileiros em relação à variação de *tu* e *você*. Uma das linguistas que tem se empenhado veemente na descrição do fenômeno no Brasil é a Marta Pereira Scherre que não mede esforços na tentativa de compilar todos os trabalhos já realizados no país. Esse fato pode ser comprovado pelo levantamento realizado por Scherre *et al.* (2015), e posteriormente atualizado por Scherre, Andrade e Catão (2020), tais estudos mapearam as ocorrências de *tu com concordância*, *tu sem concordância*, *você*, *ocê* e *cê* por regiões.

De acordo com os dados apresentados na pesquisa de Scherre, Andrade e Catão (2020), podemos identificar a predominância da variante *você* em praticamente todas as regiões do Brasil que foram pesquisadas. A captura das variantes *cê* e *ocê* não foi contemplada em todos os estudos que embasaram o mapeamento, por isso, é necessária cautela na apreciação dos dados para não haver equívoco na interpretação dos resultados. Os autores apontam a necessidade de pesquisas que contemplem pelo menos as cinco variantes.

Ainda de acordo com Scherre, Andrade e Catão (2020), quanto à variante *tu sem concordância*, podemos dizer que ocorre com menos frequência do que *você*, entretanto, há vasta ocorrência pelo território brasileiro. Algumas localidades preferem *tu sem concordância* para ocupar a posição de sujeito de segunda pessoa do singular, havendo poucas localidades que fazem o uso da forma *tu com concordância*. Esses resultados evidenciam que *tu com concordância*, forma herdada do português lusitano, aparentemente está em desuso no Brasil.

No Nordeste, observamos um comportamento semelhante ao do amplo território brasileiro, uma vez que há predominância da variante *você*, com menos ocorrências de *tu sem concordância* e mínima utilização de *tu com concordância*. As ocorrências de *tu com concordância* se restringem ao estado do Maranhão. No estado de Alagoas, constatamos também a preferência pela variante *você*, sendo o pronome *tu* utilizado em menor escala, mas *sem concordância*. Verificamos ainda a quase inexistência da aplicação de *tu com concordância*. Quanto às variantes *cê* e *ocê*, observamos que nem todos os estudos contemplam as ocorrências, por isso, ressaltamos a necessidade de estudo que abordem essas realizações.

Dos estudos realizados, depreendemos duas questões importantes que potencializam a necessidade do presente estudo, a primeira é a necessidade de pesquisas que descrevam as diferentes localidades do território nacional, uma vez que estamos diante de um processo de variação linguística sensível a questões regionais e, apesar da gama de trabalhos realizados no país, nem todas as comunidades de fala foram estudadas, pois, ainda há muitos locais carentes de descrições sociolinguísticas, principalmente comunidades alagoanas, sendo assim, temos um longo caminho a ser percorrido na descrição sociolinguística dessas variantes.

A segunda questão emergente é a ausência de estudos em comunidades e povos tradicionais, como por exemplo, comunidades quilombolas, indígenas e povos de terreiro. Há também carência de estudos nas comunidades que formam assentamentos, povos ciganos, ribeirinhos e as diversas comunidades rurais. Da falta de pesquisas com *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nessas comunidades, inferimos a escassez de descrição e interpretação da diversidade linguística brasileira que é composta por diversas comunidades.

As pesquisas sociolinguísticas do Brasil são majoritariamente realizadas nas capitais e grandes centros urbanos, com raras exceções. Por isso, a presente pesquisa analisa as realizações das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na função de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas / Água Branca - AL, partindo do pressuposto de variabilidade abordado por Labov (2008[1972]). Nesse contexto, esta pesquisa se justifica pela necessidade de descrição sociolinguística de *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nas diferentes comunidades de fala, principalmente em comunidades rurais e quilombolas, como é o caso da comunidade em questão.

Este estudo busca observar qual a variante preferida para ocupar a posição de sujeito de segunda pessoa do singular, e a frequência de uso das variantes em estudo. A pesquisa visa não somente verificar a interferência das variáveis externas faixa etária, sexo/gênero, escolaridade e tipo de relação entre os falantes, como entender se as variáveis internas paralelismo pronominal e determinação do referente condicionam a preferência e a frequência de uso das variantes. Também verificar se a relação entre os interlocutores influencia a escolha pronominal dos falantes. Esta pesquisa almeja ainda constatar se a metodologia de coleta de dados interfere na captura das variantes de segunda pessoa do singular na comunidade focalizada.

O panorama de ampla preferência pela utilização da variante *você* no Brasil, no Nordeste e em Alagoas, nos faz acreditar que, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, o cenário se repetirá. Dessa forma, para este estudo, a nossa hipótese básica é de que a variante *você* é mais utilizada dentro da comunidade do que as formas *tu sem concordância*, *ocê* e *cê*.

Os condicionadores linguísticos paralelismo pronominal e determinação do referente influenciam na escolha pronominal, dessa forma, a aplicação de uma das variantes condiciona

a sua repetição em uma mesma sentença linguística. No que diz respeito à determinação do referente, a nossa hipótese é de que a variante *você* ocorre tanto na referência determinada quanto na referência indeterminada, e as variantes *tu*, *ocê* e *cê* com referente determinado.

Os fatores sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade condicionam a escolha linguística dos quilombolas, e que o sexo/gênero masculino faz mais uso de *você*, *ocê*, *cê* que o sexo/gênero feminino. Para a variável faixa etária, consideramos que os mais jovens utilizam preferencialmente a variante *tu*, *ocê* e *cê*, enquanto os idosos preferem a variante *você*. Na variável escolaridade, acreditamos que quanto mais escolarizado for o informante, mais utiliza a variante *você*, e quanto menos escolarização tiverem os informantes mais farão uso da variante *tu*; e os informantes com mais escolarização da amostra farão mais uso das variantes *cê* e *ocê*.

A escolha linguística dos falantes é influenciada também pelo tipo de relação existente entre eles, sendo que, nas relações simétricas, os falantes utilizam mais a variante *tu*, já, nas relações assimétricas, utilizam mais *você*. Em relação às variantes *ocê* e *cê*, a nossa hipótese é de que elas se realizam nas relações simétricas. Por fim, acreditamos que o método de coleta diálogo entre dois informantes é mais eficaz na captura das variantes de segunda pessoa do singular do que o método entrevista de documentador e informante.

O presente trabalho é composto por três seções. Na primeira seção, tratamos do fenômeno em estudo, abordamos os estágios percorridos pelo pronome de tratamento *Vossa Merce* até *você*, em seguida, mapeamos e descrevemos o percurso histórico de *tu* e *você*, e, para finalizar a seção, apresentamos alguns estudos sociolinguísticos que tratam da variação entre *tu*, *você*, *ocê*, *cê* no Brasil, no Nordeste e especificamente no estado de Alagoas.

Na segunda seção, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos que embasam a presente pesquisa, em seguida, abordamos os objetivos e as hipóteses do trabalho. Na sequência, descrevemos o perfil social, histórico e cultural da comunidade quilombola Serra das Viúvas, e, posteriormente explicamos os passos seguidos para coleta e transcrição das amostras, bem como as variáveis selecionadas para análise, e o programa computacional utilizado para tratamento estatístico dos dados.

A terceira seção é composta pela exploração dos dados da pesquisa, e análise das amostras e metodologias. Inicialmente, analisamos a amostra composta por diálogos entre dois informantes, explanamos os dados gerais e posteriormente apresentamos a rodada entre *tu* e *você*, as variáveis estatisticamente significativas, as variáveis estatisticamente não significativas e nocaute. Na sequência, mostramos a rodada entre *você* e *cê* e também apresentamos a variável estatisticamente significativa, as descartadas e os nocautes. Em seguida, realizamos análise com a segunda amostra, entrevistas sociolinguísticas, expomos os

dados gerais e processamento das rodadas. Para encerrar a seção, realizamos uma análise das metodologias de coleta empregadas nesta pesquisa.

Com a realização desta pesquisa, esperamos não só que nossos objetivos sejam alcançados, esclarecendo a preferência linguística, a frequência de uso das variantes, os condicionadores linguísticos e sociais que possibilitam a ocorrência do fenômeno na comunidade e qual a metodologia adequada para captura das variantes, como também que esta pesquisa possa ser estímulo para o desenvolvimento de outras pesquisas sociolinguísticas nas diferentes comunidades de fala ainda não exploradas na variedade brasileira. A execução desta pesquisa contribui com os estudos sociolinguísticos brasileiros e colabora na construção do mapeamento linguístico em comunidades rurais e quilombolas.

2. O FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, tratamos inicialmente do processo de gramaticalização da forma *você*, posteriormente, descrevemos o percurso histórico dos pronomes que representam a segunda pessoa do singular, destacando alguns dos trabalhos que fundamentaram ou deram continuidade à análise linguística desses processos do Português Europeu ao Português Brasileiro. Em seguida, apresentamos alguns resultados de trabalhos realizados sobre o percurso de *tu*, *você* *ocê* e *cê* no Brasil com enfoque nas pesquisas realizadas no estado de Alagoas.

2.1 De *vossa mercê* a *você*

A gramaticalização é um processo natural que ocorre nas línguas. Nesse processo, um item sofre mudança, perdendo ou ganhando traços, assim, um item lexical pode se tornar gramatical, ou um item gramatical se tornar mais gramatical ainda, ocasionando o surgimento de ‘novos vocábulos’ nas línguas.

“[...] onde uma unidade ou estrutura lexical assume função gramatical ou onde uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical ainda, tem-se o processo de gramaticalização, que se manifesta em todas as línguas conhecidas e pode envolver qualquer tipo de função. (Heine; Claudi; Hünnermeyer, 1991a, p. 2)

Na gramaticalização, ainda que um item não mude de categoria, é possível que alguns traços semânticos sejam adquiridos pelos novos usos. Pode haver mudança de classe, em consequência da reanálise categorial, e existe a possibilidade de uma mesma forma ocupar várias categorias (Pereira, 2018).

Podemos dizer que, na gramaticalização, uma determinada forma linguística sofre alterações; uma espécie de resignificação da forma já existente. O primeiro autor a relacionar gramaticalização à mudança de um item lexical para gramatical foi Antonie Meillet (1965[1912]), para ele, a gramaticalização é constante e contínua, um processo inacabado. Conforme o autor, a gramaticalização explicaria a mudança linguística ao longo do tempo.

Por ser um fenômeno frequente nas línguas naturais, o processo de gramaticalização chamou a atenção de muitos estudiosos como Traugott e Heine (1991), Hopper (1991), Heine *et al* (1991), Hopper e Traugott (1993), Castilho (1997), também outros linguistas se dedicaram ao estudo do fenômeno, mas cada teórico aponta uma abordagem diferenciada sobre gramaticalização. De acordo com Borges (2004):

A própria complexidade em torno do fenômeno, decorrente de divergências sobre o que realmente se entende por língua e por gramática, faz com que o alargamento de perspectivas teóricas em torno do tema seja crescente. Entretanto, para a análise de fenômenos linguísticos, a noção geral de mudança, com base na ampliação dos limites de um morfema, do léxico em direção à gramática, ou de um nível ‘menos’ gramatical para ‘mais’ gramatical está presente, em maior ou menor escala [...] (Borges, 2004, p.06)

Uma das principais características da gramaticalização é a evolução de um item menos gramatical para mais gramatical. Assim como Meillet (1965[1912]), Heine e Reh (1984) e Croft (1999) dão ênfase ao caráter cíclico e evolutivo que está presente na gramaticalização, Hopper e Traugott (1993) atestam que, além de contínua, a gramaticalização é unidirecional. Hopper (1991), referindo-se à gramaticalização, trata do princípio da persistência (principle of persistence), que acontece quando mesmo mediante ao processo de gramaticalização o item não perde totalmente os traços originais. De acordo com Hopper (1991, p. 124), “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical”.

Lopes (2004) discute o princípio da persistência, abordado por Hopper (1991), e argumenta que “a gramaticalização, por seu caráter contínuo, pressupõe, principalmente nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas” (Lopes, 2004, p.51). Conforme Tamanine (2010), a gramaticalização é um processo sofrido por itens lexicais que, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, após gramaticalizados, podem continuar a sofrer transformações.

Esses estudos, apesar de seguirem muitas vezes por perspectivas teóricas diferenciadas, chegam a um divisor comum, o caráter evolutivo, contínuo e unidirecional da gramaticalização, bem como a atribuição de traços mais gramaticais ao item gramaticalizado. Vale ressaltar que, além da perda e ganho de traços, os itens lexicais podem mudar a categoria sintática, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser forma livre ou até mesmo desaparecer. Mediante as diversas abordagens teóricas acerca do processo de gramaticalização, convém mencionar que assumimos a definição de gramaticalização apresentada por Hopper (1991).

Nesta pesquisa, nos interessa entender a gramaticalização de *vossa mercê* > *você*. Para Menon (1995), a forma de tratamento *vossa mercê* “[...] se pronominalizou [...] mudando de categoria: de nome (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um nome [...] exercendo as mesmas funções gramaticais) para pronome [...]” (Menon, 1995, p.96-97). Para a autora, na gramaticalização de *vossa mercê* > *você* aconteceu uma mudança categorial, perdas de material fonético e de mudanças nos valores sociais. Lopes e Duarte (2003,

p.19-20) também argumentam que “[...] a gramaticalização de *vossa mercê* > *você* não foi um processo isolado, mas uma consequência de uma mudança encaixada linguística e social [...]”.

Lopes e Duarte (2003) mostram que o início do processo de pronominalização da forma *vossa mercê* aconteceu por volta dos fins do século XVIII e que, a partir do século XIX, já era possível notar a efetiva gramaticalização da forma *você*. As autoras apresentam a proposta de Hopper (1991) para elucidar suas afirmações, pois, no processo de gramaticalização sofrido pela forma *vossa mercê* até o pronome *você*, ocorreram os seguintes princípios: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. O princípio da estratificação está relacionado à coexistência das formas, Lopes e Duarte (2003) asseguram que quanto a *vossa mercê/você*, não houve a decadência imediata da forma *vossa mercê*, que era mais antiga. Nesse caso, houve um período de transição, de convivência, entre as duas estratégias.

O princípio da divergência evidencia como as duas formas tornam-se divergentes e mesmo assim permanecem ativas na língua. Em *vossa mercê e você*, notamos a permanência do item lexical original, *vossa mercê*, em coabitação independente com a forma gramaticalizada, *você*, entretanto, exercendo funções distintas. Lopes e Duarte (2003) demonstram como o substantivo *mercê*, preserva integridade fonológica e resquícios da semântica original, através do exemplo “estamos à mercê de bandidos” (Lopes e Duarte 2003, p.3), ambas as formas exercem funções gramaticais autônomas e divergentes no português brasileiro.

A especialização acontece quando a forma gramaticalizada passa a ocorrer em contextos específicos, especializando-se em uma dada função. Lopes e Duarte (2003) destacam que a especialização em *vossa mercê/você* se deu a partir do século XIX, quando *você* passou a ocorrer em contextos linguísticos específicos, com tendência de ocorrência, preferencialmente, em relações assimétricas de superior para inferior.

No princípio da persistência, alguns traços do significado original permanecem presentes na nova forma gramaticalizada, para Lopes e Duarte (2003), as formas não perdem totalmente suas propriedades originais, também não assumem definitivamente os traços característicos da nova classe gramatical. Na forma *você*, persiste a especificação original de terceira pessoa, ou [φeu], embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de segunda pessoa [-EU]. O princípio da decategorização consiste na perda ou neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria origem. Segundo Lopes e Duarte (2003), na forma *vossa mercê*, que era anteriormente um nome, houve a adoção dos atributos da categoria-destino, pronome de segunda pessoa.

Lopes (2008) ressalta que, na gramaticalização de *vossa mercê* > *você*, não houve perda completa dos traços originais (expressão nominal de tratamento) ou assunção definitiva de propriedades da nova classe (pronomine de segunda pessoa) da qual *você* passou a fazer parte. Ocorreu que se criaram algumas incompatibilidades entre as propriedades formais e as semântico-discursivas, pois, com a inserção de *você* no quadro pronominal do português, houve a persistência da especificação original de terceira pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passasse a ser de segunda pessoa [-EU].

Rumeu (2014) constatou que, na gramaticalização de *vossa mercê* > *você*, as formas se distinguem concretamente em relação às noções de gênero formal e de pessoa semântica. Enquanto a forma nominal de tratamento *vossa mercê* é marcada positivamente em relação ao seu gênero formal [+ fem], a forma pronominal pessoal *você* assume representação neutra [Ø fem]. A interpretação neutra assumida pela forma pronominal *você* a aproxima das legítimas formas pronominais de primeira pessoa — *eu, nós, a gente* — e de segunda pessoa — *tu* e *vós*. Em relação ao traço de pessoa semântica, a autora observou que a forma nominal de tratamento *vossa mercê* admite a especificação [- EU], o que a assemelha a forma pronominal *você* que, por sua vez, faz referência ao ouvinte [-EU], assim como evoca as legítimas formas pronominais de referência à segunda pessoa do discurso *tu* e *vós*.

Faraco (2017[1996]) relata que, entre os séculos XIV e XVIII, o português mudou completamente o sistema de tratamento do interlocutor, substituindo o sistema tardio do latim (*tu/vós-vós*) por um sistema particular em que as novas formas de tratamento têm como característica o fato de que elas se combinam com a terceira pessoa do verbo e não mais com a segunda pessoa. O autor segue afirmando que, para tratamento ao rei, era utilizado um sintagma nominal que fazia referência não diretamente ao rei como pessoa do discurso, mas a uma de suas propriedades, à sua mercê, à sua senhoria, sendo utilizado um sintagma nominal de terceira pessoa, determinando a concordância do verbo em terceira pessoa.

Era um modo metonímico de fazer referência ao rei como interlocutor, semântica que vai se perdendo à medida que o sintagma nominal se gramaticaliza, isto é, à medida que ele perde sua realidade composicional e passa a significar em bloco; à medida que ele perde sua significação metonímica e adquire uma significação dêitica, processo que é acompanhado de sucessivas erosões fonéticas até a relativa estabilização da forma *você*. Da situação original, preservou-se apenas a relação de concordância, depois de um período de instabilidade.

Ainda segundo Faraco (2017[1996]), a introdução da forma *Vossa + N*, inicialmente para o tratamento do rei e mais tarde para o tratamento em geral, criou um sistema duplo para o tratamento não íntimo do interlocutor: lado a lado com o sistema antigo (explícito nos textos

dos séculos XIII e XIV) do uso de *vós* + a segunda pessoa plural do verbo, passou a existir um segundo sistema combinando com a terceira pessoa do verbo. A inserção e principalmente a expansão social do uso dessas novas formas geraram dois sistemas rivais na gramática: formas rivais de tratamento, cada uma estabelecendo concordância com formas diferentes do verbo.

Nesse contexto, observamos que a gramaticalização é um processo de mudança linguística que está para todas as línguas naturais, estas por estarem em contínua transformação permitem o rearranjo das suas formas linguísticas, do qual resulta novos vocábulos nas línguas, e isso torna o processo de gramaticalização importante para a compreensão do percurso histórico e linguístico. Na gramaticalização de *vossa mercê/você*, verificamos que tanto fatores de ordem social quanto de ordem linguística influenciaram a mudança linguística, o que nos leva a questionar como essas formas gramaticalizadas se comportam atualmente.

2.2 *Tu e você* na modalidade oral: mapeamento histórico descritivo

As formas de tratamento ao interlocutor utilizadas no português brasileiro para se referir à segunda pessoa tiveram origem no sistema de tratamento latino, que se realizava através da forma *tu* para designar singular e *vós* para determinar plural. Por volta do século IV, o pronome de tratamento *vós* começou a ser utilizado como estratégia de referência a um interlocutor no singular, que era o imperador. Brown e Gilman (2003 [1960]) argumentam que a mudança pode ter ocorrido pelo fato de o Império Romano, na época, possuir dois imperadores, um em Constantinopla e outro em Roma. Sendo assim, os comunicados eram emitidos para os dois imperadores. Aos poucos, a forma de tratamento *vós*, que era direcionada a duas personalidades diferentes, foi ganhando traços de plural, em consequência da dualidade.

Para Cunha e Cintra (2001), o imperador, representante do povo na época, dirigia-se aos seus súditos utilizando o pronome *nós*, os súditos, por sua vez, passaram a tratá-lo por *vós*. Assim, o pronome de tratamento *vós*, por fazer referência ao imperador, adquiriu o caráter de respeito e menção a um ‘superior’. De acordo com Souza (2012), o cenário linguístico lusitano possuía o *tu* como estratégia de referência à segunda pessoa do singular, utilizado em circunstâncias mais informais, e a forma *vós*, que era utilizada no plano da cortesia, tanto para referir-se a um interlocutor (singular) como estratégia respeitosa, quanto para referir-se a vários interlocutores (plural).

Por volta do fim do século XV em Portugal, a forma *vós* se mostra insuficiente para marcar deferência e honra na organização social que se formava no país, isso acarretou a intensa utilização das formas nominais (Faroco, 2017 [1996]). As formas *Vossa Mercê* e *Vossa*

Senhoria, que eram utilizadas exclusivamente para tratamento do rei, passam a ser utilizadas com ampla frequência entre aristocratas não íntimos e pessoas de status social inferior. No século XVI, *Vossa Mercê* passou a ser utilizado em qualquer tipo de relação não íntima, até mesmo pela baixa burguesia. Com a expansão do uso, a forma *Vossa Mercê* perdeu seu status honorífico, e a aristocracia passou a utilizar *Vossa Senhoria* ao lado de *vós*.

Faraco (2017 [1996]) relata que, nas línguas da Península Ibérica, as formas *Vossa Mercê/Vuestra Merced* geraram um novo pronome de segunda pessoa *você/usted*, com sua contraparte plural *vocês/ustedes*. O novo elemento gramatical desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas, particularmente do português, por ser um pronome de segunda pessoa do discurso, mas estabelecer concordância com a terceira pessoa verbal, o que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos, que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal.

Ainda de acordo com Faraco (2017 [1996]), no fim do século XV e começo do XVI, as formas de tratamento não íntimo do interlocutor singular em Portugal eram as seguintes: *vós*, como forma universal; e *Vossa Senhoria* e *Vossa Mercê*, como formas socialmente mais específicas, *Vossa Senhoria*, sendo a mais comum entre a aristocracia; e *Vossa Mêrce* utilizada com suas variantes.

Vossa Mercê e *Vossa Senhoria* eram as diferentes variantes, com aquela tendo um status socialmente inferior a esta, embora ambas estivessem em oposição a *tu* em termos de formalidade. Essa marca de relativa formalidade ligada à *Vossa Mercê* parece ter se mantido em Portugal, uma vez que, em território português, *tu* é ainda de uso corrente no tratamento íntimo e *você* é usado no tratamento entre iguais não solidários ou, mesmo, no tratamento não solidário de um interlocutor de status social inferior.

No Brasil, segundo Faraco (2017 [1996]), *você* é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades. A razão para esse uso tão amplo de *você* deve ser encontrada na história da formação do país. Para o autor, o fato de não termos documentos das formas linguísticas correntes nos primeiros tempos da ocupação europeia, dificulta a possibilidade de conclusões. Mesmo assim, o uso de *Vossa Mercê* e suas variantes, entre a população não aristocrática, a partir dos fins do século XV, pode dar pista para algumas especulações. Foi principalmente dessa parte da população que veio a maioria dos que chegaram ao Brasil, como colonos a partir da segunda metade do século XVI, início da ocupação do país, época em que o processo de arcaização de *vós* e o processo de simplificação fonética de *Vossa Mercê* estavam bem avançados.

Lopes (2008) mostra que *Vosmecê*, *mecêa*, *vosse*, *você* e a própria forma original *Vossa Mercê* aparentemente chegaram no Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos, século XIII-XIV. A partir de meados do século XVIII, os usos tornam-se divergentes. A forma vulgar *você* torna-se produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sócio pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*.

Faraco (2017 [1996]) pressupõe que, desde o início da ocupação europeia do Brasil, as formas predominantes de tratamento do interlocutor eram as diferentes variantes de *Vossa Mercê*. Por outro lado, as outras formas que passaram por uma história turbulenta em Portugal nos séculos XVII e XVIII (especialmente *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*) não alcançaram o Brasil, salvo como formas artificiais usadas na correspondência oficial e em alguns contextos muito formais nos altos escalões da administração pública, como nos tribunais e, depois da independência política, no Parlamento, onde ainda *Vossa Excelência* é de uso obrigatório.

A crise de tratamento em Portugal era socialmente restrita à classe alta e média alta, cujos integrantes em geral não emigravam para o Brasil. Por outro lado, a sociedade brasileira como tal não estava passando por uma crise de tratamento naquela mesma época. As alterações no sistema de tratamento trouxeram algumas simplificações na conjugação verbal e as formas verbais da segunda pessoa do plural se arcaizaram. A forma *tu* tem uso regionalmente restrito no Brasil, onde se registra, em certas variedades, a ocorrência de *tu* em combinação com formas verbais de terceira e não de segunda pessoa (Faraco, 2017[1996]).

A pesquisa de Lopes (2008) constatou que, no Brasil, a concorrência entre *tu* e *você* passa a ser maior em relações solidárias mais íntimas a partir do século XIX. No português europeu, *você* não se generaliza como ocorre no Brasil, nesta variedade tal estratégia não era negativamente marcada. Considerando-se os fluxos e contra fluxos da variação *você* e *tu* no século XX, alguns estudos demonstraram que o uso majoritário de *tu* – forma recorrente no século XIX – só será suplantado por *você* por volta dos anos 20-30 do século XX. No último quartel do século XX, no entanto, há um retorno do pronome *tu* à fala carioca, porém sem a marca flexional de segunda pessoa.

2.3 *Tu, você, ocê e cê* nos estudos sociolinguísticos

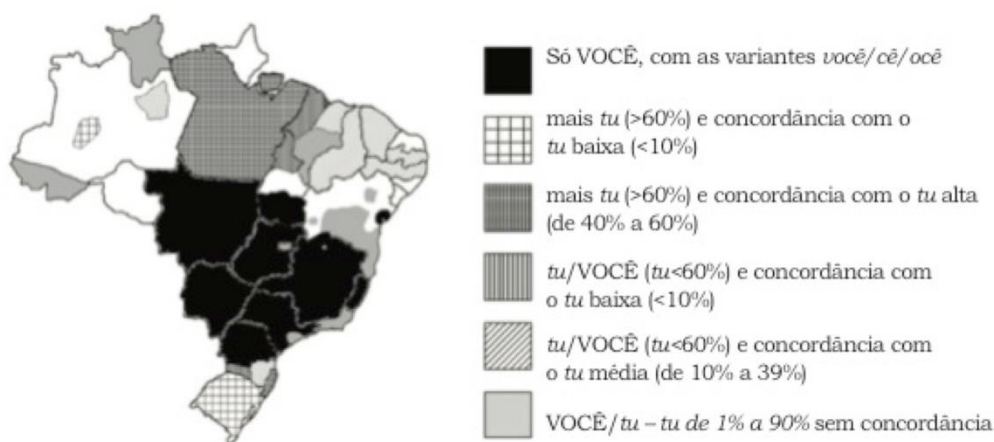
No Brasil, uma das variações que mais tem atraído olhares dos pesquisadores é a variação de *tu* e *você* na posição de sujeito, muitos são os autores que se debruçaram sobre este fenômeno em diferentes comunidades de fala. Fato positivo para o mapeamento da variação no Brasil, pois é importante entender o comportamento linguístico de cada localidade brasileira, apesar de ser uma tarefa árdua que exige tempo e pesquisadores. Com o objetivo de fazer um levantamento de pesquisas já realizadas com a segunda pessoa do singular, Scherre *et al.* (2015) sistematizaram os estudos realizados no Brasil para explicar o panorama da variação.

Scherre *et al.* (2015) apresentam pesquisas de diversas partes do país, evidenciando como variação *tu* e *você* tende a se comportar nas diferentes regiões. Os dados da pesquisa mostram que o *você* e as variantes *ocê* e *cê* apresentam maior predominância no Centro-Oeste do país, enquanto a predominância do pronome *tu* é mais comum nas regiões Norte e Sul. Nas regiões Sudeste e Nordeste, foi observada ampla concorrência entre as duas formas pronominais, havendo alterações na preferência de uma ou outra forma de acordo com a comunidade de fala pesquisada e fatores linguísticos e/ou sociais analisados.

Na sistematização das áreas estudadas, Scherre *et al.* (2015) perceberam a escassez de pesquisas em algumas variedades. Sendo assim, após alguns anos, os autores resolveram fazer um novo levantamento de pesquisas com a variação do pronome de segunda pessoa do singular, dando conta de explicar o comportamento linguístico de localidades ainda não estudadas. Com a finalidade de atualizar os resultados das pesquisas sobre *tu* e *você* no Brasil, Scherre, Andrade e Catão (2020) fizeram um redesenho do mapa dos pronomes *tu com concordância*, *tu sem concordância*, *você*, *cê* e *ocê* no português brasileiro falado.

Os autores revisitaram Scherre *et al.* (2015, p. 137-162), síntese de 38 trabalhos em seis subsistemas pronominais: (1) só *você*: uso exclusivo de *você/cê/ocê*; (2) mais *tu* com concordância baixa: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%; (3) mais *tu com concordância* alta: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60%; (4) *tu/você com concordância* baixa: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%; (5) *tu/você com concordância* média: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%; (6) *você/tu – tu sem concordância*, conforme figura 1.

Figura 1: Mapeamento dos pronomes de segunda pessoa do singular¹



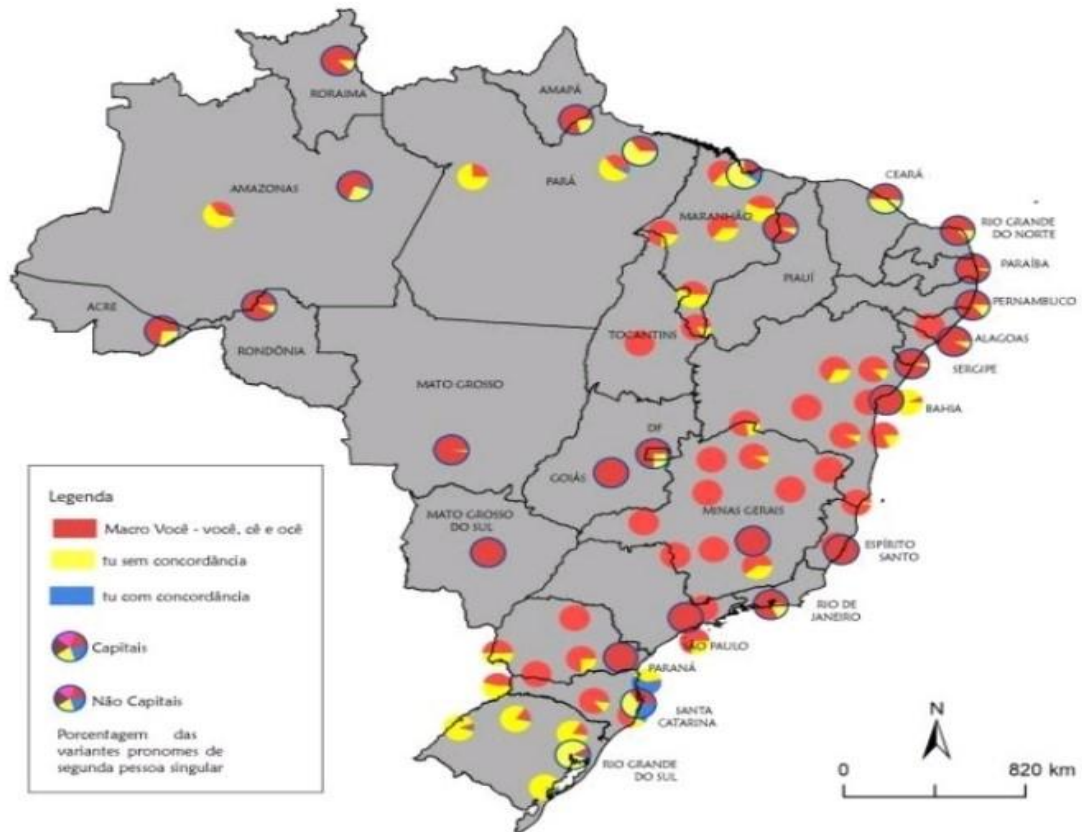
Fonte: Scherre *et al.* (2015, p. 142)

Os autores voltam aos dados descritos em Scherre *et al.* (2015) e, em seguida, incorporam dados de mais 21 pesquisas sociolinguísticas, para (i) desenhar áreas não desenhadas: Macapá/Amapá; Maceió/Alagoas, sertão alagoano; (ii) confirmar áreas desenhadas: Santa Leopoldina/Espírito Santo, Brasília expandida/Distrito Federal, ou projetadas: Rio Branco/Acre, Porto Nacional/Tocantins; e (iii) redesenhar áreas desenhadas: Ressaquinha/Minas Gerais, Lontra-/Minas Gerais, São José dos Campos/São Paulo, Cametá/Pará, Santarém/Pará, São Luís/Maranhão, Fortaleza/Ceará, João Pessoa/Paraíba, Salvador e Feira de Santana/Bahia, Curitiba, Irati, Pato-Branco e Londrina no Paraná.

Scherre, Andrade e Catão (2020) organizaram dados de cerca de 70 localidades, relatados em artigos, dissertações e teses, totalizando cerca de 54.000 dados, 30.000 dados de 25 capitais mais o DF e 24.000 dados de não capitais: 12 do Sudeste; 4 do Norte; 16 do Nordeste e 12 do Sul. Os dados das pesquisas foram coletados por meio de gravações de entrevistas sociolinguísticas, de conversas espontâneas, de entrevistas geolinguísticas e de testes com figuras. Os autores organizaram médias simples das ocorrências das formas pronominais e apresentaram um mapa com a distribuição do Macro *Você* (*você, cê e ocê*), *tu sem concordância* e *tu com concordância*, conforme podemos observar na figura 2.

¹ “As partes brancas no mapa indicam as áreas para as quais não dispomos de informação disponível ou suficiente (Rondônia, Amapá, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe)” (Scherre *et al.*, 2015, p. 140).

Figura 2: Mapa com os pronomes de segunda pessoa singular no português brasileiro



Fonte: Scherre, Andrade e Catão (2020, p.273)

Nos resultados, os autores observaram o vigor do *tu sem concordância* no vasto território brasileiro, com mais frequência no Rio Grande do Sul, em áreas do interior da Bahia, em Fortaleza, em áreas do Maranhão, do Pará e do Amazonas. Ressaltaram também a focalização dialetal do *tu sem concordância* no Distrito Federal e sua identificação em Minas Gerais, ao norte (em Lontra) e ao sudeste (em Ressaquinha), no reduto do macro *você*, que recobre grande parte do Brasil central, a antiga São Paulo, representada em mapas do Brasil de 1709. Fato instigante dos resultados é a recorrência do macro *você* em Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, mais representadas por pesquisas nas capitais.

No que diz respeito ao *tu com concordância*, novas pesquisas evidenciam apenas cerca de 10% em São Luís/Maranhão na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização, cerca

de 8% em Cametá-Pará e nenhum caso em Belém, nem em Santarém. Os autores seguem afirmando a necessidade de urgentes pesquisas no vasto território brasileiro, com o controle de, pelo menos, cinco possibilidades disponíveis no português brasileiro: *você*, *ocê*, *cê*, *tu com concordância* e *tu sem concordância*, com o controle rigoroso dos contextos sintáticos e das nuances interacionais. O mapa é dinâmico e o desafio de seu redesenho está sempre lançado.

2.3.1 *Tu*, *você*, *ocê* e *cê* no Nordeste

Focalizando na região Nordeste do Brasil, Cardoso (2013) realizou uma pesquisa com base nos dados do Projeto ALiB, que foram obtidos a partir da documentação referente a oito capitais selecionadas, as capitais localizadas na região Nordeste foram Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa e Teresina. Os resultados da pesquisa mostram a posição de proeminência de *você* em relação a *tu* como pronome de referência ao interlocutor.

Silva (2019), na sua revisão de literatura, analisou alguns estudos realizados com a variação *tu* e *você* no Nordeste, especificamente no Maranhão, em Fortaleza, Salvador e Alagoas. A autora constatou que a variação entre os pronomes de segunda pessoa ocorre de diferentes maneiras na região, tendo alguns locais apresentado percentuais maiores de *tu*, como é o caso de Maranhão e Fortaleza, enquanto os demais apresentam o predomínio do *você*.

Divino (2020), no que concerne ao uso das formas de tratamento *tu* e *você*, a partir da análise de um extrato do corpus do ALiB, faz uma fotografia geossociolinguística do português falado em cinco estados da região Nordeste: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. A amostra contou com a análise das falas de 140 informantes, compreendendo as capitais dos cinco Estados e 25 cidades do interior, totalizando 30 localidades. Os informantes foram distribuídos entre ambos os sexos, duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e dois graus de escolaridade (até o ensino fundamental II e universitário), o nível universitário foi controlado somente nas capitais.

No tocante à interpretação dos dados, a autora realizou duas análises: uma geral, incluindo todos os estados estudados e outra análise de cada estado separadamente. Na análise geral dos dados, obteve um total de 1.995 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, sendo 1.769 contextos com o emprego de *você* (88,7%) e 226 usos de *tu* (11,3%). Mesmo com um número reduzido do pronome *tu* na amostra investigada, a linguista focalizou em elucidar quais os contextos em que esse pronome ainda perdura.

Na análise geral com os cinco estados, no que concerne à variável referenciação, os dados evidenciaram que das 1.588 ocorrências de pronomes com referenciação específica, 225

foram do *tu* (0,711) e 1.363, do *você*. Na referenciação genérica, a autora observou 407 ocorrências, das quais apenas uma aparece com o pronome *tu*. Sobre a variável tipo de questionário, encontrou uma maior utilização do *tu* nas questões metalinguísticas, com peso relativo² de 0,777; das 59 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, houve 16 realizações do *tu*. No questionário morfossintático, foi obtido peso relativo de 0,615, isto é, das 742 ocorrências, 113 realizações foram do pronome *tu*. No discurso semidirigido, ocorreu um favorecimento de 0,567 (peso relativo) para realização do *tu*.

De acordo com os resultados, nos cinco Estados do Nordeste, sobre a variável localidade, nas cidades de Rio Grande do Norte (Mossoró, Pau dos Ferros, Caicó, Natal); Alagoas (União dos Palmares, Arapiraca); Sergipe (Aracaju e Propriá) e Pernambuco (Arco Verde), não houve nenhuma ocorrência do pronome *tu*. Mas a cidade de Cabrobó, em Pernambuco, foi a localidade onde *tu* foi mais favorecido, com peso relativo de 0,78 e frequência de 31,7%. As cidades de Itaporanga, na Paraíba, e Afrânio, em Pernambuco, apresentaram pesos relativos significativos, respectivamente, 0,77 (frequência de 35,5%), 0,717 (frequência de 22,9%). Em relação à variável escolaridade, nos cinco Estados, houve 0,523 de peso relativo de utilização do *tu* pelos falantes do Ensino Fundamental.

A rodada binária do Goldvarb X apontou como variáveis relevantes no emprego de *tu*: referenciação, parte do inquérito, localidade e escolaridade. Na descrição da análise por estado, as variáveis selecionadas como significativas foram: em Pernambuco – referenciação, parte do inquérito, faixa etária e localidade; na Paraíba – parte do inquérito, faixa etária e localidade; em Alagoas – sexo e tipo de questionário; no Rio Grande do Norte e em Sergipe, não houve variáveis selecionadas.

Em Pernambuco, foram apontadas como mais relevantes as variáveis: referenciação, parte do inquérito, faixa etária e localidade. A partir dos resultados, observou-se que a variável referenciação foi favorecida pela referência específica, a qual apresentou peso relativo de 0,690

² “O peso de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca aconteceu quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é ‘relativo’ ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input. Por exemplo, se no total dos dados, a variante tem frequência de 70% e os homens na amostra a usam com frequência de 80%, enquanto as mulheres a usam numa taxa de 60%, então, relativamente ao uso geral, os homens favorecem (porque estão acima de 70) e as mulheres desfavorecem (porque estão abaixo de 70%). Por tanto, um fator para falante masculino vai receber um peso relativo acima de 0,50- digamos, algo como 0,54, enquanto o fator para falantes feminino vai ser abaixo de 0,50- por exemplo, talvez 0,46. Os valores dos pesos, recaem no mesmo intervalo entre 0 e 1 que as probabilidades, e representam tendências probabilísticas, mas não são tecnicamente equivalentes a probabilidade *stricto sensu*. O valor de um peso entra na equação logística (junto com outros pesos e o input) para modelar a frequência de uso da variante investigada quando o fator associado estiver presente no contexto da fala” (Guy; Zilles, 2007, p.239).

e frequência de 19,9% de uso do *tu*. A variável parte do inquérito teve maior realização do *tu* nas questões do discurso semidirigido, com peso relativo de 0,616 e 18,2% de uso; em seguida, no questionário semântico-lexical; e depois, no questionário morfossintático.

A faixa etária I destacou-se com peso relativo 0,569, embora bem próximo à faixa etária II (0,444). A variável localidade revelou favorecimento da utilização do pronome *tu* nas cidades pernambucanas de Cabrobó, Afrânio, Salgueiro e Limoeiro. No total de 717 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, 117 foram da variante *tu* nas elocuições, obtendo 16,3%. A liderança foi de Cabrobó com, 0,764 de peso relativo.

Na Paraíba, das 425 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, 336 apresentaram o uso do *você* (79,1%) e apenas 89 de emprego do *tu* (20,9%). Os grupos de fatores mais significativos foram parte do inquérito, faixa etária e localidade, com os seguintes resultados: *tu* foi mais usado nas questões metalinguísticas (0,921); a faixa etária II deu preferência pela variante *tu* (0,567); a localidade de Itaporanga apresentou um maior uso do *tu* (0,685).

Em relação ao Estado de Alagoas, das 374 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, 356 foram do *você* (95,4%) e 17 foram do *tu* (4,6%). As variáveis significativas foram: sexo, com 0,725 de peso relativo por parte das mulheres; e tipo de questionário, com 0,933 de peso relativo nas questões metalinguísticas. Os estados do Rio Grande do Norte e Sergipe não apresentaram variação. No Rio Grande do Norte, houve 220 ocorrências de *você* (99,4%) e apenas 1 ocorrência de *tu* (0,6%), empregado na cidade de Angicos, por um falante do sexo masculino, faixa etária II, de nível fundamental de escolaridade. Em Sergipe, das 249 ocorrências, 247 são da variante *você* (99,2%) e 2 da variante *tu* (0,8%), na cidade de Estância.

Scherre, Andrade e Catão (2021) focalizaram a distribuição dos pronomes pessoais de segunda pessoa no singular na posição de sujeito em pesquisas da região Nordeste do Brasil, com ponderações sobre a projeção de seis subsistemas feita por Scherre *et al.* (2015) e sobre aspectos interacionais em função do tipo de coleta de dados. Para tanto, tomaram como base o desenho do mapa dos pronomes de segunda pessoa de Scherre *et al.* (2015), as reflexões de Scherre e Andrade (2019), o redesenho do mapa de Scherre, Andrade e Catão (2020) e a apresentação de Scherre (2020) no V Fórum de Estudos Linguísticos do Ceará (FELCE), a partir de diversas análises de pesquisadores brasileiros até 2020.

Os autores apresentam um novo mapa da região Nordeste com percentuais médios de usos de *você*, *cê*, *ocê*, *tu sem concordância* e *tu com concordância* e o inseriram no mapa do Brasil. A partir das discussões, os autores formularam algumas tabelas e mapas com levantamento dos resultados, conforme podemos observar nas figuras 3 e 4. A seguir apresentamos alguns dados apresentados pelos autores, tomando por base essas figuras.

O mapa da Figura 3 apresenta a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular nas capitais de cada estado do Nordeste, mostrando, primeiramente, que São Luís-Maranhão se destaca por ter as formas pronominais *você*, *tu sem concordância* e *tu com concordância*, diferentemente das demais regiões, que não registram o uso da variante *tu com concordância*. De acordo com as pesquisas que embasam o mapa, o *tu sem concordância* apresenta um percentual médio de 66%.

Figura 3: Mapa com os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na região Nordeste



Fonte: Scherre, Andrade e Catão (2021, p.175)

A presença de *tu sem concordância* se destaca ainda em Fortaleza-Ceará. Essa variante também é registrada em Natal-Rio Grande do Norte e em Recife-Pernambuco, com cerca de 15% dos casos. Teresina-Piauí, João Pessoa-Paraíba, Maceió-Alagoas e Aracaju-Sergipe apresentam percentuais ínfimos de *tu sem concordância*. Salvador-Bahia se apresenta como a capital de uso exclusivo de *você* na região Nordeste. Pelas pesquisas tabuladas, em termos

médios, podemos vislumbrar a maior parte da região Nordeste, sempre com uso marginal de *cê* e sem ocorrência de *ocê*. Ainda no trabalho de Scherre, Andrade e Catão (2021), apresentamos algumas considerações sobre as diferentes regiões.

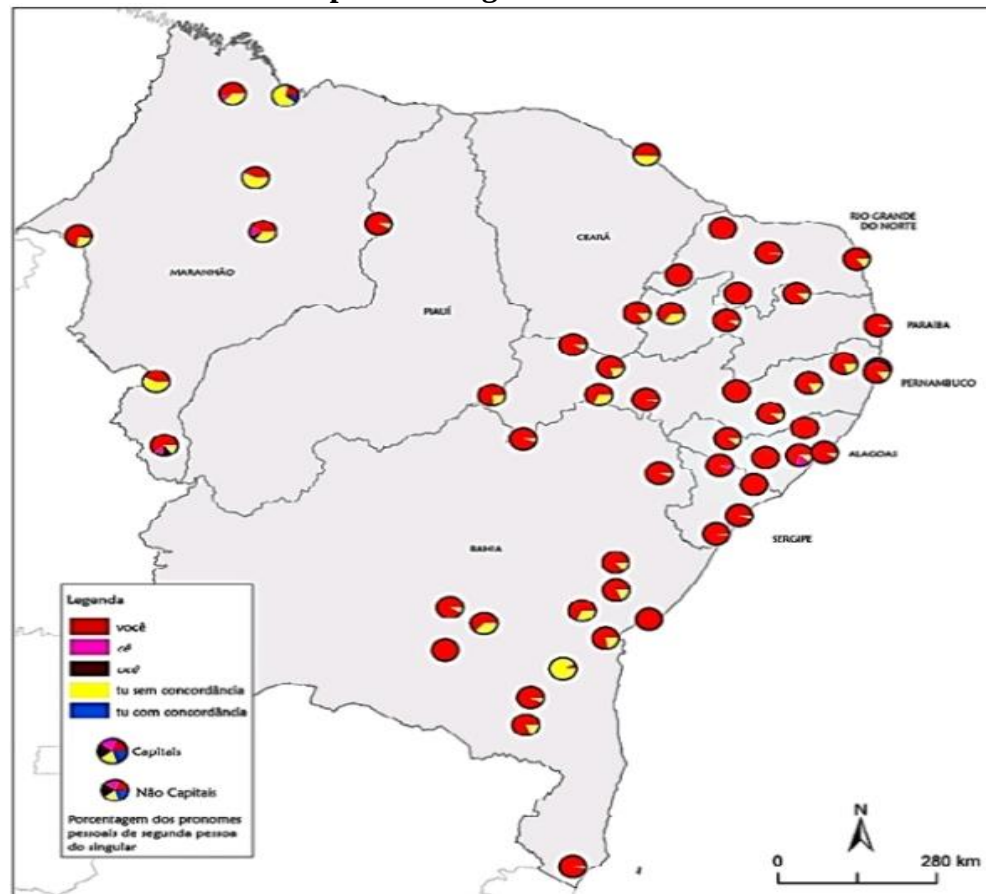
Das observações dos resultados obtidos através das pesquisas, os autores destacam São Luís-MA com um sistema diferente das demais capitais, uma vez que houve mais aplicação de *tu* do que *você*, e, no que se refere a aplicação de *tu*, os falantes preferem *sem concordância*, embora haja 11% de ocorrências de *tu com concordância*. Também há poucas pesquisas que considerem as variantes *cê* e *ocê*.

Em Teresina-PI e Fortaleza-CE, os falantes utilizam a variante *você* preferencialmente. Nas duas capitais, há um pequeno percentual de *tu sem concordância*. Dos resultados, podemos observar a necessidade de pesquisas com *cê* e *ocê*. Em Natal, há uma preferência pelo uso da variante *você*, há também ocorrências de *tu sem concordância*.

Na amostra de João Pessoa, também houve mais ocorrências da variante *você*, ainda assim, uma tímida utilização de *tu sem concordância* e raríssimas ocorrências de *tu com concordância*. Na amostra de Recife, também é evidente o alto índice de aplicação de *você* e baixa aplicação de *tu sem concordância*. Nessa amostra, não há aplicação de *tu com concordância*. Em João Pessoa e Recife, não há estudos que mostrem como se comportam as variantes *cê* e *ocê*. Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Maceió-AL e Aracaju-SE aparecem com uso preferencial de *você*, mas com registro de 16% de *tu* em Natal, e registro de 14% de *tu* em Recife. Salvador-BA, capital do *você* na região Nordeste, registra apenas 3% de *tu*. Ainda não há o controle dos casos de *cê* na fala soteropolitana.

Após a descrição geral dos estudos com as variantes da segunda pessoa do singular nas capitais dos estados do Nordeste, os autores refazem o mapa da região com a síntese dos dados das capitais e não capitais, conforme figura 4. De acordo com os resultados, observamos a ausência de *cê* e *ocê*, este fato ocorre sempre pela falta de estudos que contemplem as variantes.

Figura 4: Mapa com os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular nas capitais e não capitais da região Nordeste



Fonte: Scherre, Andrade e Catão (2021, p.180)

De forma geral, os dados mostram que muitas localidades foram inseridas, e, de acordo com as informações, há predominância da utilização da variante *você* em Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. No Ceará, há disputa equilibrada entre *você* e *tu sem concordância*. Na Bahia, apesar da preferência pela variante *você* em várias amostras, em algumas há divergências, uma vez que a amostra de Santo Antônio de Jesus e Jitiúna apresentam altos índices da utilização de *tu sem concordância*, respectivamente 78% e 92% de frequência, evidenciando um resultado oposto aos das demais localidades do Nordeste. No Maranhão, há variação equilibrada entre *você* e *tu sem concordância*, também existe no estado realizações de *tu com concordância*, mas com percentuais inferiores a 11%.

2.3.2 *Tu, você, ocê e cê* no estado de Alagoas

Após descrever as pesquisas com o pronome de segunda pessoa do singular no Nordeste, apresentamos estudos realizados no estado de Alagoas. Iniciamos nossa apresentação com Tenório (2002), que foi um dos primeiros estudos realizados no estado. Analisando o uso de *tu*

e *você* em 80 diálogos de maceioenses, sob uma perspectiva funcionalista através de uma análise qualitativa dos dados, a autora observou que há um uso efetivo das formas *tu sem concordância* e *você*, havendo apenas duas ocorrências de *tu com concordância*. O uso de *tu* ocorre preponderantemente em diálogos com o objetivo de estabelecer intimidade entre os falantes ou de atribuir à frase um caráter irônico, predominando em frases interrogativas.

Silva e Vitória (2017) analisaram as realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você* e *você/cê* na posição de sujeito na fala dos sertanejos alagoanos, objetivando descrever como essas variações ocorrem na comunidade de fala pesquisada. Como corpus, utilizaram a amostra do Projeto Lusa (A língua usada no sertão alagoano) que é composta por 96 entrevistas estratificadas de acordo com as variáveis independentes sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Ao analisarem os dados, obtiveram apenas três realizações do pronome *tu*, 473 realizações do pronome *você* e 33 realizações da sua variante *cê*. Assim, decidiram analisar somente a relação entre as variantes *você* e *cê*. Ao todo, tiveram 506 realizações da variação estudada, que foram estatisticamente tratadas pelo programa computacional Goldvarb X.

A partir da análise estatística dos dados, constataram que, na fala dos sertanejos alagoanos, há a variação *você/cê*, com percentuais de 94% do pronome *você* e 6% de realizações da sua variante *cê*. Apesar do baixo percentual de realização da variante *cê*, segundo as autoras, seus resultados apresentam, segundo Labov (2003), uma regra variável, o que as leva a acreditar que o uso de *cê* ainda está se implementando na comunidade de fala estudada. Observaram ainda que a variação *você/cê* não ocorre de maneira aleatória, mas sim condicionada por grupos de fatores linguísticos e sociais, paralelismo formal e escolaridade.

A variável social escolaridade foi a primeira a ser selecionada pelo programa como significativa, a variável foi estratificada em quatro fatores, a saber analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. O pronome *você* apresentou maior frequência em todos os níveis de escolaridade, porém, a variante *cê* apresenta-se com um percentual mais elevado entre os informantes de ensino médio. A variável linguística paralelismo formal apresentou um percentual elevado do pronome *você* em todos os fatores, mas, o *cê* mostrou-se com percentual mais elevado no fator antecedido por *cê*. As autoras acreditam que a variação analisada se enquadra no subsistema *você/tu sem concordância*, conforme Scherre *et al.* (2015), no qual faz parte o uso das formas *você* e *tu* – *tu* de 1% a 90% sem concordância.

Vitório (2018) analisou a variação *tu* e *você* em Maceió, Alagoas. Para dar conta do problema de restrição, utilizou uma amostra sincrônica composta de 72 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas segundo as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. A autora registrou um percentual de 98% de *você* contra apenas 2% de uso de *tu*, que

representam apenas seis realizações dessa forma pronominal. No entanto, a autora acredita que tais resultados sinalizam o fato de que o pronome *tu* representa [+ intimidade], logo seu uso é desfavorecido em modelos de entrevistas sociolinguísticas em comunidades de fala em que não possuem esse pronome como primeira forma de tratamento ao interlocutor.

Para dar conta do problema de avaliação, Vitório (2018) elaborou um teste de percepção e aplicou a 46 informantes maceioenses, com o intuito de mensurar como essas formas são avaliadas na comunidade em estudo. Seus dados revelam que *você* apresenta alto grau de aceitabilidade nas diferentes relações sociais analisadas, indicando não só um caráter mais respeitoso e mais distante, concorrendo com o *senhor(a)* e o *pronome zero*, mas também de maior intimidade e proximidade, concorrendo com o pronome *tu*, o que confirma a generalização de *você* como uma forma não marcada na comunidade de fala maceioense.

Em relação ao encaixamento da variação *tu* e *você* na posição de sujeito na fala maceioense em algum subsistema proposto por Scherre *et al.* (2015), a autora acredita que se encaixa no sexto sistema – *você/tu* – *tu* de 1% a 90% sem concordância, caracterizado não só pela ampla variação dos percentuais de uso de *você*, *cê*, *ocê* e *tu* a depender da comunidade de fala em estudo e de diversas variáveis linguísticas e extralinguísticas, bem como pelo fato de o uso do pronome *tu* não ser a primeira opção nas interações entre os pares e os não íntimos e ocorrer sem a concordância verbal de segunda pessoa do singular.

Vitório (2019), com o objetivo de analisar que significados sociais estão associados ao pronome *tu*, mensurou, a partir da abordagem direta, como estudantes universitários do agreste alagoano avaliam o uso desse pronome. Para tanto, recorreu à Teoria da Variação e Mudança e considerou os seguintes parâmetros de julgamento social: percepção de uso na comunidade, crenças em relação ao próprio uso linguístico, avaliação quanto ao uso do *tu*, percepção quanto à variação diatópica, percepção quanto à pessoa com quem se fala, percepção quanto ao nível de escolarização e percepção quanto ao preconceito linguístico.

A percepção dos estudantes sinalizou que o pronome *tu* parece ser pouco produzido em sua comunidade – 11%, mas muito utilizado pelos estudantes – 83%, sendo associado não só à variação geográfica, caracterizando-se como de uso comum no estado de Alagoas, mas também à relação de informalidade da situação comunicativa e proximidade/intimidade entre os interlocutores. A autora também mostra que não há preconceito linguístico relacionado ao uso desse pronome, pois segundo os estudantes, não é influenciado pelo nível de escolaridade dos falantes, mas pela região geográfica e pela relação entre os agentes da comunicação.

De acordo com Vitório (2019), não há uma avaliação negativa em relação ao uso de *tu*, mas uma avaliação que condiciona o seu uso à relação entre os interlocutores, ou seja, *tu* parece

ser mais comum em relações que há um grau de intimidade maior entre os falantes, caracterizando-se como um marcador sociolinguístico. A avaliação negativa parece emergir quando há a associação entre o uso de *tu* e a concordância verbal, revelando que construções do tipo *tu estuda, tu quer, tu vai, tu fez* podem ser alvo de preconceito linguístico, pois contrariam a norma padrão que diz que sujeito e verbo devem estar em harmonia.

Silva (2019) realizou um estudo na cidade de Coité do Noia, que fica localizada na região do Agreste de Alagoas. A amostra foi constituída por 36 informantes, distribuídos em 18 diálogos - (D2). Para melhor entendimento das realizações da segunda pessoa do singular, a autora optou por fazer duas rodadas no programa Goldvarb X. Na primeira, testou as variáveis *tu* e *você/cê* e, na segunda, *você* e *cê*. Na rodada com *tu* e *você/cê*, obteve 57 realizações do pronome *tu* e 463 realizações do pronome *você/cê*, totalizando 520 realizações, sendo 11% de *tu* e 89% de *você/cê*. Os grupos de fatores influentes foram relação entre faixa etária, paralelismo pronominal, relação entre os sexos e faixa etária.

Na variável relações entre faixa etárias, nas relações simétricas em casos como jovem/jovem, o uso de *tu* foi mais elevado, enquanto, em relações assimétricas como adulto/adulto, houve probabilidade de maior ocorrência do pronome *você*. No paralelismo pronominal, o pronome *tu* apresentou maior frequência quando antecedido por *tu*, e o *você/cê* quando antecedido por *você/cê*, confirmando o princípio do paralelismo. Na relação entre os sexos, houve maior probabilidade para o *tu* em relação entre iguais, especialmente em relações entre informantes do sexo feminino, enquanto o *você* tende a ocorrer em relações com interação de informantes de sexos diferentes. No que diz respeito à faixa etária, houve maior probabilidade do pronome *tu* na fala dos mais jovens, e *você* na fala dos mais velhos.

Na segunda rodada com os pronomes *você* e *cê*, a autora obteve 463 realizações – 372 do pronome *você* e 91 da variante *cê*, representando 80% de *você* contra 20% de *cê*. As variáveis tipo de relações entre interlocutores, relações entre sexos e relações simétricas e assimétricas foram significativas, mostrando que *cê* é utilizado em relações de intimidade e *você* em casos de intimidade ou não. Na relação entre os sexos, *você* tende a ocorrer em relações formadas por informantes de sexos opostos, enquanto *cê* apresentou maior frequência quando em relações entre sexos iguais. Nas relações simétricas e assimétricas, o *cê* apresenta maior probabilidade em relações simétricas, nas quais existem maior intimidade entre os informantes, enquanto o *você* aponta seu favorecimento em relações assimétricas, nas quais prevalecem a relação de poder entre os informantes, ou seja, quando há uma hierarquia social entre eles.

Silva, W., (2020), ao analisar os pronomes de segunda pessoa do singular em falares alagoanos, utilizou um corpus composto por gravações realizadas no formato de entrevistas

semiestruturadas. Cada entrevista é constituída pela fala do/a entrevistador/a e de um/a informante e tem entre 9 e 11 minutos. Essas gravações fazem parte do projeto “Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL”, um banco de dados alagoano que disponibiliza gravações e transcrições de 240 participantes residentes de 10 cidades alagoanas. A autora selecionou 8 municípios, a saber, Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios, União dos Palmares, Penedo, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres.

A pesquisadora observou inicialmente que a forma *você* e suas derivadas *cê* e *ocê* são expressivamente mais usadas do que a variante *tu* no falar alagoano em diferentes funções sintáticas. O uso de *você* é fortemente condicionado pela referência indeterminada, correspondendo a 100% das ocorrências, seguida da forma determinada que equivale a 94,2% dos casos. Quanto à forma *tu*, a determinação ocorre em 100% dos dados analisados. Sendo assim, a autora assegura que, nas comunidades de fala estudadas, a indeterminação só acontece com o *você* e que a variável tipo de referência é uma regra categórica para *tu*.

Na variável sexo/gênero, foi verificado que apesar da forma *você* ser mais usada que o *tu* tanto no sexo/gênero feminino, com um percentual de 95,9% de uso, quanto para o masculino, com um percentual de 98,5%, as mulheres aparecem como maior favorecimento da forma *tu*, com uma frequência de uso de 4,1% dos dados, resultado que apresenta peso relativo igual a 0.63. Já os homens alcançam um percentual de uso de 1,5%, com peso relativo de apenas 0.37. Dessa forma, o sexo/gênero feminino favorece o uso da forma pronominal *tu* e o masculino favorece o uso de *você*.

A faixa etária mostrou-se um fator estatisticamente significativo para o fenômeno linguístico estudado, pois apresentou significância de 0,026. Confrontado o uso do pronome *tu* com a idade do interlocutor, a autora percebeu que o crescimento da linha coincide com o crescimento da faixa etária. Assim, quanto menor a idade do falante, menor a frequência da variante *tu* no seu discurso e quanto maior a faixa etária do falante, maior o uso do pronome.

Observando as ocorrências de *você*, *ocê* e *cê* com base nos resultados, as variáveis sexo/gênero, idade, função sintática foram selecionadas como estatisticamente significativas. Na variável sexo/gênero, o sexo masculino apresenta um total de 469 dados, 5,6% é da variante *ocê* e 26,7% é da variante *cê* com peso relativo de .58 e .59, respectivamente. Já as mulheres de um total de 517 realizações, apresentaram um percentual de 3,4% de *ocê* e 16,6% de *cê* com peso relativo de .42 e .41.

Em relação à variável função sintática, foi constatado que, para variante *ocê*, o fator função sintática não é considerado um condicionante, pois o peso relativo para as ocorrências de sujeito e não sujeito são iguais. No entanto, para a forma *cê*, este fator linguístico é

considerado estatisticamente significativo, apresentando predominância da função sujeito com peso relativo de .85 em oposição a .15 de não sujeito.

A pesquisa mostrou que o tipo de referência não condiciona uso de *ocê*. No entanto, no caso da variante *cê*, o tipo de referência é considerado muito relevante, com significância 0,001. A forma *cê* é mais favorecida pelo fator determinação, com peso relativo de .60 e menos favorecida pela indeterminação, com peso relativo de .40. Na faixa etária, o aumento gradativo de *ocê* e *cê* cresce com o aumento da faixa etária do falante, ou seja, quanto maior a idade, maior é a probabilidade de uso das formas *ocê* e *cê*. A autora conclui que tanto a variação entre o *você* e *tu* quanto entre *você*, *ocê* e *cê* caminham para uma mudança linguística em progresso em direção ao aumento do uso da forma *você* e ao desaparecimento das formas *tu*, *ocê* e *cê*.

Vitório (2021), ao mensurar o que pensam estudantes universitários em relação à concordância verbal com o pronome *tu*, recorreu ao problema empírico da avaliação linguística e adotou uma abordagem direta, através de um questionário de atitudes linguísticas, que foi respondido por 60 estudantes universitários pertencentes à região do agreste alagoano e que estudam na UFAL – Campus Arapiraca. Para a análise estatística dos dados, utilizou a plataforma R e o software Iramuteq. De acordo com a autora, os dados sinalizam *que tu sem concordância* é uma forma aceita e usada pelos estudantes universitários do agreste alagoano, corroborando as análises de produção que mostram que as poucas realizações de *tu*, nas comunidades alagoanas estudadas, ocorrem com o verbo na terceira pessoa do singular.

A alta percepção de uso de *tu sem concordância* não condiz com as descrições sociolinguísticas, que, através de entrevistas sociolinguísticas, registram poucas realizações dessa variante. O uso de *tu sem concordância* não é avaliado negativamente, sendo percebido como prático, normal, familiar, cultural, bom, popular, costume, íntimo, informal, comum, bonito, correto, engraçado e prestigioso. Quando usado em situações informais e com pessoas próximas, não recebe avaliação negativa, sendo considerado um marcador sociolinguístico, fortemente relacionado à origem geográfica, à situação comunicativa e à pessoa com quem se interage. A autora também observou que predomina a crença de que as variáveis sexo, idade, classe e estudo não interferem nesse uso, reforçando que não há avaliação social negativa associada ao seu uso, mas, se usado em situações formais, pode ser alvo preconceito linguístico.

Vitório (2022), com o intuito de explorar o status do pronome *tu sem concordância* na fala alagoana, retornou aos dados de Vitório (2018) e Vitório e Silva (2021), mas focalizando os contextos de uso de *tu* e *você*. A amostra é constituída por um questionário composto por nove situações hipotéticas vivenciadas por um estudante universitário, que interage com os

seguintes personagens: mendigo, médico, caixa de supermercado, irmã, professor, amigo, pai, mãe e namorada, resultando em três relações: ascendente, descendente e simétrica.

O questionário foi aplicado a 90 estudantes universitários – 46 de Maceió e 44 do Sertão. Para a descrição dos dados, considerou, como variável dependente, *tu* e *você*, e, como variáveis independentes, os grupos de fatores relação (ascendente, descendente e simétrica), interação (pedinte-esmoler, médico-paciente, caixa-cliente, irmão-irmã, professor aluno, amigo-amigo, pai-filho, filho-mãe e namorado-namorada) e localidade (Maceió e Sertão). A autora recorreu à estatística descritiva/inferencial de modo a observar as frequências dos dados e inferir associação entre a distribuição das variáveis controladas. Para tanto, utilizou a plataforma R (R Core Team, 2020), mais especificamente na interface RStudio, por meio dos pacotes ggplot2 (Wickham, 2016) e ggstatsplot (Patil; Powell, 2018).

Após análise dos dados, a autora computou 684 realizações de *tu* e *você* sujeito na amostra analisada, que representam 75% (516/684) de *você* contra 25% (168/684) de *tu*. Essa diferença foi estatisticamente significativa, em que $\chi^2 (1, n = 684) = 177.05$ $p < 0.001$, com associação média ($V^2 = 0.51$). Sendo *você* a variante mais selecionada para representar a segunda pessoa do singular, a autora também observou um percentual expressivo de uso de *tu*, assim, analisou os fatores que mais se associam com a distribuição desse pronome. A distribuição analisada foi condicionada pelas variáveis relação, interação e localidade.

Os dados obtidos permitiram mostrar que *tu sem concordância* é uma variante associada a situações que socialmente são vistas como solidárias, igualitárias e familiares, como é o caso das interações amigo-amigo, irmão-irmã, namorada-namorado, filho-mãe, pai-filho. Situações que também permitem o emprego de um estilo mais informal da linguagem, onde há mais intimidade entre os falantes, nesse contexto, *tu sem concordância* é uma variante que exprime simetria e proximidade. A forma *você*, por sua vez, aparece como a variante coringa para representar a segunda pessoa do singular, sendo usada em qualquer contexto interacional.

Dos resultados das pesquisas apresentadas nesta revisão de literatura, observamos que há variação entre *tu* e *você* no longo e vasto território brasileiro e que cada região tem sua forma preferida de expressão da segunda pessoa do singular, entretanto, *você* tende a ser a variante preferida. Na região Nordeste, o comportamento linguístico é parecido com as demais regiões do Brasil, com *você* sendo a variante preferida, variando principalmente com *tu sem concordância*. Nas pesquisas, observamos também, em algumas localidades, a presença tímida de *tu com concordância* e *cê* e *ocê* em algumas amostras. No estado de Alagoas, percebemos a preferência de *você*, mas também a utilização de *tu sem concordância*.

Apesar de vislumbrar a gama de estudos com a variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito, entendemos que a necessidade de estudos com essas variantes linguísticas não se encerra, pelo contrário, os estudos acima descritos são estímulos para as pesquisas nas demais localidades que ainda não foram pesquisadas. Sendo assim, consideramos importante a exploração de novos dados nos diferentes municípios do estado de Alagoas, principalmente, em municípios distantes dos grandes centros urbanos, como é o caso da comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada na região do alto sertão alagoano a 300 km de Maceió.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que embasam o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, expomos os pressupostos teóricos básicos da Sociolinguística Variacionista e da Teoria do Poder e da Solidariedade. Em seguida, expomos os objetivos e as hipóteses da pesquisa, bem como apresentamos a comunidade quilombola Serra das Viúvas. Na sequência, fazemos uma abordagem acerca da constituição do corpus, a metodologia utilizada para coleta, os critérios e procedimentos para a transcrição dos dados. Para finalizar a seção, discorreremos sobre as variáveis utilizadas neste estudo e também sobre o programa estatístico Goldvarb X.

3.1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística³ é uma subárea da Linguística que teve sua expansão na década de 1960 e seus postulados definem a língua como um sistema heterogêneo, no qual a fala e o contexto social do falante são determinantes na explicação dos fatos da língua. Seu escopo aborda uma carência que ainda não havia sido suprida nos estudos linguísticos, a explicação da variação e da mudança existente em todas as línguas naturais, bem como a influência de fatores sociais e linguísticos no funcionamento da língua. Rompendo com o mito de homogeneidade linguística, a Sociolinguística surge como resposta as teorias linguísticas da época, uma vez que adotavam modelos de análises que não consideravam o contexto social, histórico e cultural dos grupos de fala como influenciadores dos fatos da língua. A nova corrente teórica também propôs uma metodologia de análise que sustentava suas afirmações.

Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) acreditavam que a Linguística Histórica e os estudos da época ainda não haviam superado a explicação da variação e mudança linguística, e a influência do contexto social na língua, levando Labov (2008[1972], p. 298) a argumentar que “a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua, tanto quanto a teoria química não pode ignorar as propriedades observadas dos elementos”. A nova vertente apontava a necessidade de maiores especulações no que se refere ao comportamento social dos falantes, principalmente no que condicionava determinado

³ Existem diversas subáreas da Sociolinguística, como, por exemplo, Dialetoлогия, Sociolinguística Histórica, Sociolinguística Educacional e outras. Neste estudo, focalizamos na Sociolinguística Variacionista.

comportamento linguístico. A língua é dotada de heterogeneidade estruturada e o comportamento social do falante está diretamente relacionado às suas escolhas linguísticas.

A subárea da Sociolinguística que dá conta da variação e da mudança linguística é a Sociolinguística Variacionista, que a partir dos contextos sociais e linguísticos, explica os usos variáveis da língua e a mudança linguística, e entende que variações e mudanças são inerentes a todas as línguas. A variação linguística é o processo em que duas ou mais formas ocorrem no mesmo contexto social com o mesmo valor representacional e/ou referencial, como é caso da representação da segunda pessoa do singular na posição de sujeito, objeto desta pesquisa. A variação é inerente ao sistema linguístico de todas as línguas, não interfere no seu funcionamento, e sua existência não afeta a compreensão dos falantes.

A ocorrência de variação na língua demonstra a existência de variantes linguísticas, que são as formas linguísticas diferentes que possuem o mesmo significado. Segundo Labov (2008 [1972], p. 313), “A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social/ ou estilística”. A variação linguística acontece quando há a coexistência de duas ou mais variantes linguísticas que se encontram em situação de alternância e disputa, como as realizações de *tu*, *você* *ocê* e *cê*.

A Sociolinguística Variacionista entende que a variação linguística ocorre em diferentes níveis linguísticos, a saber, lexical, fonológico, morfológico, sintático e discursivo. A heterogeneidade linguística mostra que o sistema linguístico não é uniforme ou homogêneo, entretanto é ordenado, pois possui regras categóricas, que são imutáveis, e regras variáveis, assim, nem todos os fatos da língua sofrem variação. “[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado de fatores linguísticos fundamentais” (Labov, 2008 [1972], p.238). Nesse contexto teórico, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) argumentam que:

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistema que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam, mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p.108).

Quando os autores concebem a língua como entidade dotada de heterogeneidade, aceitam o caráter variável do sistema, que até então não era levado em consideração. Ainda de acordo com a Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), os

fatores que produzem a variação e a mudança, não só no âmbito linguístico, como também no da vida humana, não são abruptos e repentinos, mas atuam de forma lenta e gradual, e requerem a observação dos estágios de uma língua. A Sociolinguística Variacionista investiga a estrutura da língua e a sociedade que a constitui, focalizando a relação entre aspectos linguísticos e aspectos sociais. Considerando a língua como variável no tempo e no espaço, múltipla, dinâmica, flexível e motivada por restrições linguística e sociais, a mudança linguística, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é assim definida:

A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p.125)

Assim como na variação linguística, a mudança não ocorre aleatoriamente, mas é resultado de um processo ordenado de variação. Quando há variação de um determinado fenômeno linguístico, é comum que, ao longo do tempo, uma das variantes deixe de ser utilizada pelos falantes e se torne obsoleta, entrando em desuso. Entretanto, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) asseguram que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p.125). Dessa maneira, antes da concretização de uma mudança na língua, há um longo processo de variação no qual as variantes passam por muitos estágios, até resultar na mudança linguística. Um exemplo concreto de mudança linguística é a variante *Vossa mercê* que era expressão de tratamento, mas, ao longo dos séculos, passou pelo processo de variação e tornou-se o pronome pessoal *você*.

A pesquisa na área da Sociolinguística utiliza como objeto de estudo a língua falada, escrita ou sinalizada, que precisa ser observada, descrita e analisada em seu contexto social, histórico e cultural, ou seja, em situações reais de uso. Para tanto, Labov (1994) aponta uma metodologia para a sistematização de descrições sociolinguísticas. Conforme seus postulados, a língua pode ser estudada pelo viés diacrônico e sincrônico.

Para o estudo diacrônico da língua, o autor propõe a coleta de dados de uso da língua em uma determinada comunidade de fala e, passado um período, repete-se a coleta, que após um estudo quantitativo, os dados coletados são comparados. Estudos desse tipo são denominados estudos em tempo real, e são subdivididos em estudo de tendência e estudo de painel. Em estudo de tendência (*trend study*), é coletado dado de uma comunidade de fala em um período, posteriormente, seguindo a mesma metodologia da primeira coleta, se realiza outra

coleta para poder comprar os resultados. No estudo de painel (*panel study*), voltamos à comunidade pesquisada, para o recontato com os informantes que participaram da primeira coleta, com a aplicação do instrumento utilizado anteriormente.

Para investigar a língua pelo viés sincrônico, Labov (1994) propõe a metodologia de estudo em tempo aparente, que objetiva analisar o processo de mudança através da variável faixa etária dos falantes que compõem a amostra da comunidade. Esse estudo acontece por meio de uma coleta de dados em determinada comunidade de fala, essa coleta forma uma amostra sincrônica que é investigada em seu estado atual, sem comparativos com outra amostra, como nos estudos em tempo real. Em nossa pesquisa, realizamos um estudo em tempo aparente, uma vez que coletamos duas amostras sincrônicas da comunidade quilombola Serra das Viúvas, mas o intervalo de tempo entre as coletas e a estratificação da amostra não permite a realização de um estudo diacrônico. Em um estudo sincrônico das amostras, analisamos como se comporta a variação de *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na função de sujeito.

Uma outra noção importante trabalhada pela Sociolinguística Variacionista é a de comunidade de fala, que se caracteriza por indivíduos que se relacionam, por diversas redes comunicativas, e que tem seu comportamento linguístico regido pelo mesmo conjunto de regras (Labov, 2008[1972]). Segundo o autor, “a comunidade de fala não é definida por acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas” (Labov, 2008 [1972], p. 120-121). Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. As atitudes sociais em relação à língua são extremamente uniformes numa comunidade de fala.

Apesar da definição de Labov (2008 [1972]), a noção de comunidade de fala é complexa, tendo em vista a dificuldade de delimitação do que se caracterizaria uma comunidade de fala. Neste trabalho, assumimos a definição de comunidade de fala abordado por Labov (2008 [1972]), e expandida por Guy (2001), que propõe três critérios para sua delimitação: 1 os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; 2 devem ter uma frequência alta de comunicação entre si; 3 devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Para além das definições de Labov (2008 [1972]) e Guy (2001), na delimitação da comunidade de fala desta pesquisa, utilizamos a delimitação geográfica, isto é, a comunidade de fala objeto de estudo é composta pelos os moradores da área geográfica que compreende o território da comunidade quilombola Serra das Viúvas.

Para dar conta da variação e mudança linguística em uma dada comunidade de fala, a Sociolinguística Variacionista postula também cinco problemas empíricos⁴: restrição, encaixamento, avaliação, transição e implementação. Neste estudo, investigamos *o problema de restrição ou fatores condicionantes*. O problema de restrição tem que, como nada na língua é fruto do acaso, a variação e a mudança linguística não são aleatórias, mas ordenadas e influenciadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, tais fatores condicionam a escolha dos falantes de uma variante mediante a outra, e objetiva constatar os mecanismos que regulam tanto a variação quanto a mudança, também suas formas de interação no sistema e o caminho percorrido pela variação para tornar-se ou não mudança linguística.

No estudo com o problema dos fatores condicionantes, primeiramente se determina o fenômeno variável, nesta pesquisa o fenômeno *tu, você, ocê e cê* na posição de sujeito e posteriormente, as condições possíveis para a variação. As condições observadas como influentes na variação são propriamente os condicionadores da variação do fenômeno. “Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968], p.126). Tendo em vista a afirmação de que toda mudança implica primeiramente um processo de variação, podemos inferir que os fatores condicionantes influenciam a variação antes da mudança linguística.

Considerar o problema dos fatores condicionantes implica em dizer que o contexto social e histórico interfere no comportamento linguístico dos falantes. Também nos leva a argumentar que os fatores internos interferem na escolha linguística dos falantes. Nos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil com o fenômeno variável *tu, você ocê e cê* em posição de sujeito, os condicionadores sociais faixa etária, sexo/gênero e escolaridade se destacam como influentes na variação. Em Alagoas, por exemplo, o estudo de Silva e Vitória (2017) mostrou que a variável escolaridade condiciona a utilização da variante *você*, sendo que em todos os níveis escolares o falante prefere utilizar a variante *você*. As pesquisas de Silva (2019) e Silva, W., (2020) mostram que a faixa etária também condiciona a aplicação da variante *você*, e que falantes de faixas etárias mais elevadas optam preferencialmente pela variante *você*. Na pesquisa de Silva, W., (2020), o sexo/gênero do falante se mostrou relevante, uma vez que o sexo/gênero masculino condiciona a preferência de uso pela variante *você*.

As pesquisas realizadas no estado de Alagoas mostram não somente que fatores sociais condicionam a variação de *tu, você, ocê e cê* na posição de sujeito, mas também evidenciam a importância de considerar os fatores internos ou linguísticos. As investigações evidenciam os

⁴ Para informações sobre os outros problemas empíricos, consultar Labov (2008 [1972]).

fatores condicionantes paralelismo pronominal e determinação do referente como relevantes nas pesquisas. Os estudos de Silva e Vitória (2017) e Silva (2019) constataram a importância do paralelismo pronominal, pois, apresentou-se condicionante da variante *você* sempre na anteposição das variantes *você* e *cê*. Silva, W., (2020), em sua investigação, constatou que a variável determinação do referente condicionava a aplicação da variante *você*, haja vista que *você* ocorria preferencialmente na referência indeterminada.

Nesse contexto teórico, analisamos a variação *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em posição de sujeito na comunidade quilombola da Serra das Viúvas a partir do *problema dos fatores condicionantes*. Para tanto, além de considerarmos a língua como sistema linguístico dotado de uma heterogeneidade ordenada, adotamos a metodologia de tempo aparente.

3.2 Teoria do Poder e da Solidariedade

Na década de 1960, Brown e Gilman produziram um artigo inovador no estudo das formas de tratamento, “The pronouns of power and solidarity”. Neste artigo, os autores apresentavam um modelo que envolve o uso dos tratamentos correspondentes às duas características principais da sociedade, o poder e a solidariedade. Para isto, analisaram a covariação entre a forma de tratamento empregada e a relação existente entre o falante e o interlocutor ao qual se dirige. Brown e Gilman (2003[1960]) admitem que traços da organização social de uma dada comunidade linguística podem se deixar transparecer pelo uso efetivo da língua. A Teoria do Poder e da Solidariedade é vislumbrada pelos autores a partir das relações sociais que transparecem no emprego de certas formas pronominais.

Na nova proposta teórica, o poder é o relacionamento não recíproco que se estabelece entre duas ou mais pessoas, sendo que estas não exercem o mesmo poder em determinada área de comportamento. A semântica do poder evidencia formas de tratamento típicas da relação entre um superior e um inferior, revelando a existência de uma estrutura social e hierarquias entre indivíduos. A hierarquização pode ter bases divergentes e determinados valores sociais vigentes, dentre os mais comuns estão a força física, a riqueza, a idade, o sexo, ou papéis institucionalizados no estado, na igreja, no exército e na família.

Constatada a existência de relações de poder, Brown e Gilman (2003[1960]) evidenciam a existência de relações solidárias, que são as relações interpessoais estabelecidas a partir de um padrão de reciprocidade. Esse tipo de relação por vezes apresenta mais complexidade, que a relação de poder, por dificilmente haver a possibilidade de ocorrer efetivamente uma relação simétrica, tendo em vista que a maioria das relações tende a ser assimétrica, ou seja, de poder.

Mediante a dificuldade de se estabelecer relações em que não haja nenhuma denotação de poder, os autores observam a existência de relações menos assimétricas entre pessoas que realizam as mesmas atividades cotidianas, exercem a mesma profissão ou frequentam a mesma escola. As relações solidárias podem ocorrer pela frequência do contato entre duas pessoas ou ainda a partir de similaridades objetivas, mas é importante ressaltar que a frequência do contato pode ou não fazer com que essas pessoas passem a empregar os tratamentos considerados solidários, por isso é necessário o estabelecimento de uma relação mais íntima.

Brown e Gilman (2003 [1960]) observavam que a diferença entre *tu* e *vós* ocorria em latim mediante a oposição entre singular e plural. No século IV, *vós* passa a funcionar, a partir da reforma de Diocleciano, como estratégia de tratamento para fazer referência a uma única pessoa que fosse uma personalidade real, como é o caso dos imperadores de Roma e de Constantinopla. A escolha do *vós*, como forma de tratamento, se deu a partir da noção de pluralidade implícita que evidenciava metaforicamente as relações de poder na sociedade.

A semântica do Poder se manifesta nas relações interpessoais por meio do uso assimétrico e não recíproco do *Vous*. Em relações sociais assimétricas, o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *Tu* e é tratado por *Vous*. A semântica da Solidariedade se expressa pelo uso de formas de tratamento que indiquem simetria, reciprocidade entre os interlocutores. O uso recíproco do pronome *Tu* é o que caracteriza esse tipo de relação interpessoal distensa. No entanto, é possível observar-se o uso recíproco da forma de tratamento *Vous* entre os interlocutores, o que permite entender o relacionamento entre iguais (classe alta) como um relacionamento movido pela Solidariedade (Rumeu, 2011, p.117).

Para além das reflexões dos autores, comungamos das ideias de Rumeu (2011) quando afirma que as sociedades modernas assumem diferentes formas de engendrar as dinâmicas do poder e da solidariedade a partir da distinção entre as formas *tu/vous*, já que as relações sociais não só se movimentam a favor da solidariedade, mas também se manifestam movidas pelo poder, refletindo, assim, em diferentes usos sociais das formas de tratamento.

Consideramos a Teoria de Poder e da Solidariedade importante para o estudo do emprego da segunda pessoa do discurso em todas as relações, sejam elas simétricas e assimétricas, ascendentes e descendentes, uma vez que as relações sociais estão submetidas ao poder e a solidariedade. É importante constatar o comportamento linguístico das sociedades em todos os momentos históricos, mesmo ciente de que as relações humanas são complexas. Assim, buscamos, a partir dos pressupostos da teoria, entender as relações de poder e solidariedade existentes na comunidade quilombola Serra das Viúvas, através do uso das variantes *tu*, *você* *ocê* e *cê* na posição de sujeito.

3.3 Metodologia de Pesquisa

3.3.1 Objetivos e hipóteses da pesquisa

O objetivo de nosso estudo é analisar, conforme os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Teoria do Poder e da Solidariedade, a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você/ocê/cê* na posição de sujeito, relacionando a estrutura linguística e a sociedade para entender o funcionamento linguístico da comunidade estudada. Para tanto, realizamos análises quantitativas dos dados com o intuito de responder às seguintes questões:

- i. Qual a frequência de uso das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nas amostras analisadas?
- ii. Há condicionamento dos fatores linguísticos paralelismo pronominal e determinação do referente na variação em estudo?
- iii. Essa variação é condicionada pelas variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade?
- iv. A relação existente entre os interlocutores influencia a escolha linguística?
- v. A metodologia de coleta utilizada interfere na captura das variantes de segunda pessoa do singular?

Como respostas provisórias às questões acima formuladas e baseados nas discussões abordadas até aqui, propomos as seguintes hipóteses:

- i. Partimos do pressuposto de que os pronomes *você* e *ocê* e *cê*, ocorrem com mais frequência que o pronome *tu* na fala dos quilombolas da Serra da Viúvas;
- ii. O fator de ordem linguística paralelismo pronominal influencia na escolha pronominal feita pelos falantes, sendo que a ocorrência de *você* em uma sentença condiciona a aplicação de *você*; a aplicação de *ocê* favorece o uso de *ocê*; a ocorrência de *cê* provoca sua repetição em uma mesma sentença; e a ocorrência de *tu* em uma determinada sentença ocasiona outras realizações da mesma variante.
- iii. A determinação do referente condiciona aplicação das variantes, e a nossa hipótese é de que a variante *você* ocorre tanto na referência determinada quanto na referência indeterminada, e as variantes *tu*, *ocê* e *cê* na referência determinada;

- iv. Os fatores sociais condicionam a escolha linguística dos quilombolas, e que o sexo/gênero masculino faz mais uso da variante *você*, *ocê*, *cê* que o sexo/gênero feminino;
- v. Para a variável faixa etária, partimos do pressuposto de que os mais jovens utilizam preferencialmente a variante *tu*, *ocê* e *cê*, enquanto os mais idosos preferem as variantes *você*;
- vi. No que diz respeito à variável escolaridade, acreditamos que quanto mais escolarizado o informante, mais utiliza a variante *você*, por outro lado, quanto menos escolarização tiverem os informantes, mais farão uso da variante *tu*; acreditamos também que os informantes com mais escolarização da amostra farão mais uso das variantes *cê* e *ocê*.
- vii. A escolha linguística dos falantes é influenciada pelo tipo de relação existente entre eles, sendo que, nas relações simétricas, os falantes utilizam a variante *tu*, e utilizam *você* nas relações assimétricas. Em relação às variantes *cê* e *ocê*, a hipótese é de que elas se realizam nas relações simétricas, nas quais há maior intimidade entre os informantes.
- viii. O método de coleta diálogo entre dois informantes (D2), é mais eficaz na captura das variantes de segunda pessoa do singular, principalmente da variante *tu*, do que o método diálogo entre documentador e informante (DID).

Para confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas acima, apresentamos os objetivos específicos que nortearam esta pesquisa:

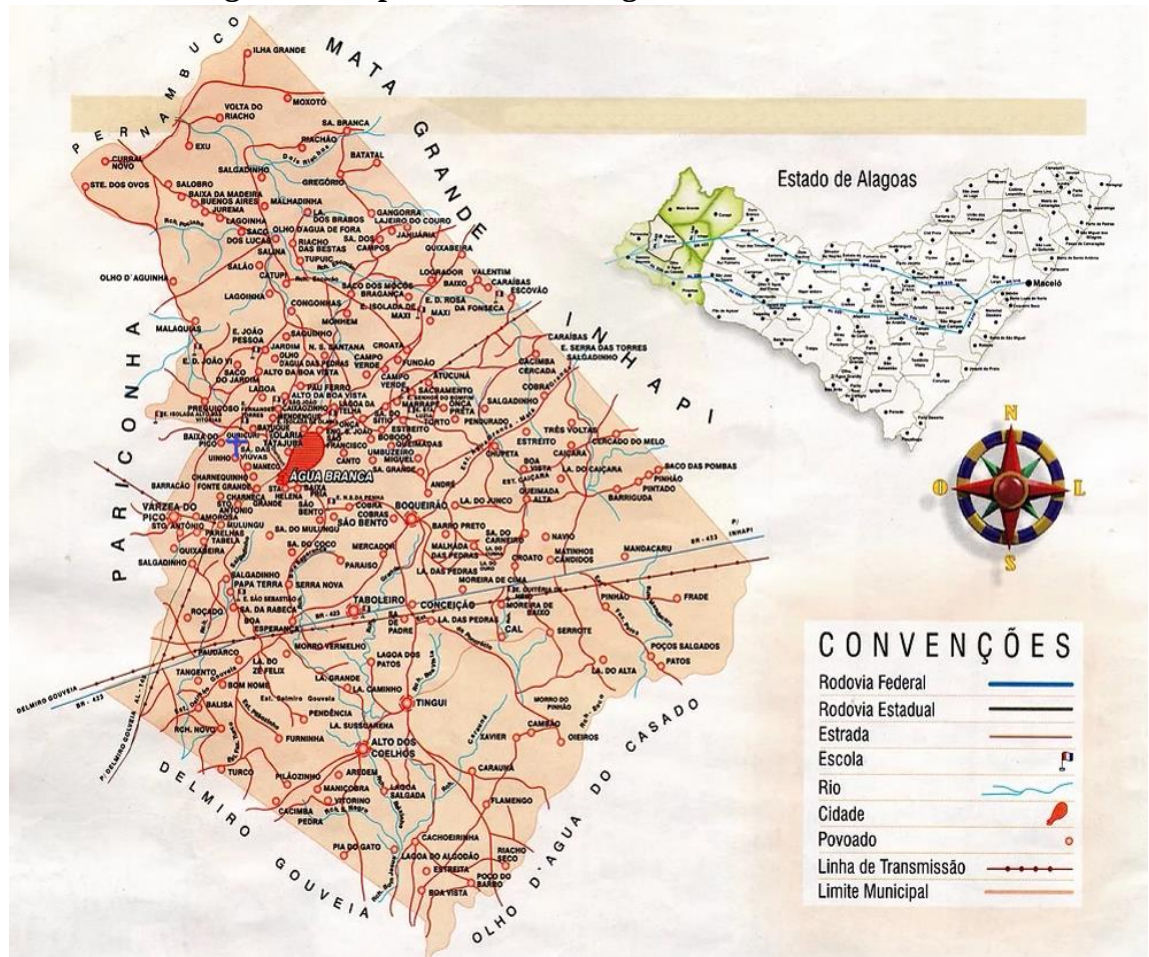
- i. Verificar a frequência de uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na comunidade;
- ii. Descrever os fatores linguísticos e/ou sociais que condicionam as realizações de *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na comunidade quilombola Serra das Viúvas;
- iii. Constatar entre as metodologias DID e D2, qual delas favorece a captura das variantes de segunda pessoa do singular.

3.3.2 A comunidade Quilombola Serra das Viúvas

A comunidade quilombola Serra das Viúvas é uma comunidade rural, que está situada a aproximadamente 4 quilômetros da sede do município, Água Branca, no alto sertão alagoano, conforme a figura 5. A comunidade é composta por aproximadamente 250 moradores. O povoado recebeu da Fundação Cultural Palmares a certificação de comunidade quilombola em setembro de 2009, desde então, em união com as outras cinco comunidades quilombolas do

município de Água Branca, luta em prol de melhores condições sociais, vida digna e equidade dentro dos seus territórios.

Figura 5: Mapa da cidade de Água Branca AL⁵



Fonte: Página da Prefeitura Municipal de Água Branca- AL⁶

Alguns moradores relatam que o nome Serra das Viúvas faz referência a três viúvas que habitavam a comunidade no início da povoação. De acordo com os quilombolas, o fato de a comunidade ser situada numa região serrana do município e ser habitada por apenas três viúvas, deu a comunidade o nome de Serra das Viúvas. A figura 6 mostra uma parte do território que compreende o quilombo.

⁵ No mapa a comunidade está situada à esquerda, onde se encontra localizada uma cruz em cor azul escuro.

⁶ Disponível em: < <https://www.aguabranca.al.gov.br/dados-gerais/>>. Acesso em 09 de janeiro de 2023

Figura 6: Comunidade quilombola Serra das Viúvas



Fonte: Marques (2022)⁷

Os moradores do quilombo têm como prioridade a agricultura de subsistência na qual plantam e colhem frutas, verduras, legumes, raízes e grãos para a sobrevivência familiar e comercialização. Uma das raízes mais plantadas pelos quilombolas é a mandioca e a macaxeira, que servem para fazer farinha de mandioca, bolos, beiju, cuscuz e outros derivados. O feijão e o milho também são plantados por praticamente todos os moradores, tanto para consumo quanto para venda. Na comunidade, há criatório de animais como porco, galinha caipira, ovelhas, cabras, bodes e bois para consumo próprio e comercialização na própria comunidade.

O quilombo se destaca, no estado, pela confecção de artesanato com a palha de Ouricurizeiro e cipó. A tradição artesanal está fortemente marcada na história da comunidade. A vassoura de palha e a bolsa de feirante eram os principais artesanatos produzidos no povoado. Por volta do ano 2000, alguns artesãos formaram um grupo e começaram a testar a confecção de novas peças, a proposta do grupo era produzir e comercializar por todo o estado. A ideia de trabalhar coletivamente teve êxito, e lentamente foram expandindo a confecção e comercialização. Em 2010, o grupo formou uma associação, e como o coletivo era composto

⁷ Disponível na página do Instagram de Danilo Luiz Marques
https://www.instagram.com/p/CfH9L9ILLzH/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFlZA==.
Acesso em 08 de setembro de 2023.

apenas por mulheres, apesar de já ter agregado homens, a organização foi denominada de Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas. Formalizada juridicamente, a associação ganhou força e atualmente é reconhecida internacionalmente. A figura 7 mostra a artesã Izabel Oliveira em uma feira artesanal no ano de 2022.

Figura 7: Feira Artesanal



Fonte: Ambrósio (2022)

Uma das mulheres de destaque na comunidade Serra das Viúvas é Marlene Araújo, grande líder comunitária quilombola, que participou ativamente do processo de reconhecimento da identidade quilombola. Marlene é artesã desde a infância, pois aprendeu o ofício com sua mãe Maria Izabel. As primeiras peças de artesanato confeccionados na comunidade eram as vassouras, o chapéu e a bolsa de feira, feitos de palha de ouricurizeiro. As primeiras confecções de cipó eram o balaio/cesto e o caçoar. Ao participar de cursos e formações, Marlene e outras artesãs observaram o potencial artístico da comunidade e começaram a produzir novas peças, outros modelos de bolsas e cestos, luminárias, jogo americano, jarros, flores e muitas outras peças.

Produzindo uma infinidade de produtos, o grupo se expandiu e começou a frequentar feiras artesanais e expor os produtos em estabelecimentos de vendas, também passaram a receber várias encomendas. Este fato fez com que o artesanato e a Associação ganhassem ainda

mais visibilidade. Nas décadas passadas, a renda familiar das artesãs era facilmente extraída da venda dos artesanatos, entretanto, o cenário se modificou, tendo em vista a redução das feiras artesanais e a escassez de projetos e políticas públicas de incentivo aos artesãos.

Por participar de várias feiras artesanais em diversos estados do país e ter se tornado uma referência para os quilombos na cidade de Água Branca, Marlene Araújo ficou conhecida e requisitada, muitos turistas visitam a comunidade por sua influência e receptividade. No ano de 2022, na Câmara Municipal de Vereadores de Água Branca, Marlene recebeu dos vereadores e do Prefeito José Carlos de Carvalho, o título de Patrimônio Vivo da Cidade, pois detém o conhecimento de uma arte centenária. Na figura 8, observamos a artesã em sua atividade cotidiana.

Figura 8: Marlene Araújo



Fonte: Autora (2023)

Por necessidades jurídicas a Associação muda de presidente a cada três anos, mas a líder da comunidade continua sendo Marlene de Araújo. Seu espaço dentro coletivo é sempre respeitado e a artesã participa de todas as reuniões do coletivo, expondo sua opinião sobre todos os acontecimentos e mobilizações realizadas pela AMAQUI.

A senhora Maria Izabel, a mãe de Marlene, também foi uma personalidade de destaque na povoação. Ela recebeu de seus familiares o apelido de Mãe Bela. Era uma das anciãs da localidade que preservava a identidade de remanescente de quilombo, detentora de muitos saberes tradicionais, que utilizou e repassou para seus familiares. No registro de nascimento de Maria Izabel, não há sobrenome, conforme relatos da Senhora, sua mãe disse que lhe daria um nome pequeno para que não tivesse dificuldade em escrevê-lo, embora, a senhora nunca tenha frequentado a escola nem aprendido a assinar seu nome.

Uma parte da família de Mãe Bela era originária do quilombo Cruz, que é uma comunidade remanescente de quilombo do município de Delmiro Gouveia, a outra parte da família morava na Serra das Viúvas. Quando criança, Maria Izabel, tinha o costume vir à comunidade em visita aos familiares. Ela não gostava de morar com os pais, por não possuírem moradia fixa e não haver estabilidade financeira. Em uma das visitas, ainda menina, se obstinou em não mais voltar com a mãe para a comunidade Cruz, chorou e pediu para ficar morando com a avó materna, e mesmo contra a própria vontade, a sua mãe consentiu. Maria Izabel contou que sua família vivia migrando por terras alheias, trabalhando como rendeiros, não possuía casa própria e isso para ela era muito ruim. A menina preferiu morar com a avó, que podia lhe proporcionar moradia fixa e segura, bem como alimentos e roupas para sobrevivência.

Morando na Serra das Viúvas a situação melhorou, entretanto, a vida continuou com suas dificuldades. A agricultura familiar e o artesanato eram a principal fonte de renda das famílias. A família de Izabel construiu uma casa de farinha e por meio da farinha de mandioca, a goma, os bolos e os beijos, que eram vendidos na feira livre, extraíam recursos financeiros suficientes para sobrevivência.

Izabel cresceu, tornou-se jovem e casou-se com o viúvo Cicero Oliveira Araújo, tiveram sete filhos. Cicero Oliveira, seu marido, foi a óbito no ano de 2003 por problemas de saúde, quando isso aconteceu, os filhos já eram crescidos e a maioria já havia constituído suas próprias famílias. Mãe Bela vivenciou sua viuvez ao lado dos filhos.

Depois que se aposentou, Mãe Bela, abandonou os trabalhos voltados para agricultura familiar e passou a se dedicar exclusivamente ao artesanato. Trabalhava diariamente no pontilhado da agulha. Assim, tornou-se uma atração turística, era ela quem recepcionava os visitantes da comunidade, todos que vinham à Serra das Viúvas tinham a oportunidade de vislumbrar a confecção de um dos artesanatos mais antigos da história do município. Sentada em sua cadeira de balanço, contava muitas histórias. Maria Izabel levava os visitantes ao prazer de observar sua arte e ouvir um pouco da sabedoria secular do quilombo. Depois de alguns anos vivenciando a mesma rotina, recebeu da comunidade o título de matriarca, a Mãe de Todos.

Após muitos anos abrilhantando a povoação, faleceu no dia 16 de setembro de 2023, aos oitenta e dois anos, deixando grande legado de humildade, sabedoria e valorização cultural. A figura 9 mostra a matriarca da comunidade:

Figura 9: Maria Izabel, matriarca da Serra das Viúvas



Fonte: Ambrósio (2023)

Ainda em relação à Associação, possui 45 mulheres de 18 a 65 anos, mas algumas ainda não produzem artesanato, o estatuto da Associação permite a entrada de mulheres que não sejam artesãs, mas tenham interesse em aprender. Sendo assim, o coletivo superou o objetivo de produzir e comercializar, e atualmente funciona também como órgão de interação e mobilização das atividades realizadas dentro da comunidade. Todas as questões que dizem respeito à comunidade são discutidas no coletivo. A cada três anos, a Associação passa pela mudança de diretoria, em 2023 houve nova eleição e a presidente escolhida foi Aparecida de Souza dos Santos Leite, integrante do grupo desde as primeiras atividades.

A maioria dos quilombolas são agricultores e artesãos, por isso, a comunidade busca empreendimentos, negócios e políticas públicas que possibilitem o escoamento de seus produtos, bem como, através da AMAQUI, procura encontrar meios para melhorar as condições sociais do quilombo e de seus moradores, uma vez que, na comunidade, ainda não há água encanada, saneamento básico, posto de saúde e escola de qualidade.

Os moradores da comunidade recebem atendimento médico na unidade de saúde do povoado vizinho e na cidade de Água Branca. Semanalmente os idosos da comunidade recebem

atendimento domiciliar da equipe técnica do posto de saúde do qual recebem atendimento. Na comunidade, há uma escola com apenas uma sala, que oferta o ensino multisseriado para as primeiras séries do ensino fundamental. A associação da comunidade possui uma sede, o local atualmente funciona como creche para as crianças. Todas as funcionárias da creche são quilombolas, diferente da escola. A figura 10 mostra a sede da Associação.

Figura 10: Sede da Associação



Fonte: Ambrósio (2022)

A principal manifestação cultural do quilombo é a festa da padroeira, Santa Cecília, que ocorre no mês de novembro do dia 12 ao dia 22. No dia 12 de novembro acontece a abertura da festa, seguida de nove noites de novenas. Alguns quilombolas são designados noiteiros da festa, ou seja, patrocinadores dos festejos. Os noiteiros celebram o período com café da manhã, almoços e jantares recheados de comidas típicas, oferecidos aos zabumbeiros⁸, familiares e amigos. A festa é embalada por muitos cânticos próprios da religião católica e fogos de artifícios.

Apesar de ser uma comunidade quilombola, a religião predominante é a Cristã, a povoação é constituída por muitos católicos e alguns protestantes. Na comunidade não há nenhum terreiro de candomblé ou umbanda, no entanto, alguns quilombolas frequentam terreiros que ficam fora da comunidade. As pessoas que praticam os rituais do candomblé ou

⁸ Banda de pífano

da umbanda costumam praticar de forma sigilosa e não se reconhecem como adeptos da religião.

As famílias que povoaram a cidade de Água Branca eram católicas, este fato fica evidente quando vislumbramos o centro da cidade. A igreja do Rosário, datada de 1770, e a igreja Matriz da Conceição de 1871 revelam a fé e a religiosidade dos fundadores da cidade. A capela do Rosário foi erguida pelo Major Francisco Casado de Melo, era o primeiro templo religioso da cidade, mas no século XIX, a igreja da Conceição passou a ser a matriz da região, e tornou-se o principal destaque da cidade, por conta da beleza e exuberância da construção em estilo barroco.

A construção desses templos demonstra o empenho das primeiras famílias habitantes da região na preservação da religião. Nos relatos da história de formação do município há registros de fatos que supervalorizam a religião católica e apagam forçosamente o culto das religiões de matriz africana. Sendo assim, o culto de tais religiões era censurado. A explicação para o culto sigiloso dos quilombolas da Serra das Viúvas do candomblé e da umbanda pode estar no apagamento cultural que aconteceu no município.

Na povoação há também a festa da Consciência Negra, no dia 20 de novembro, data que faz memória a morte de Zumbi dos Palmares. A comunidade aproveita a ocasião para provocar uma reflexão na sociedade sobre o movimento quilombola em Alagoas. O evento oferta palestras, oficinas, apresentações culturais e pratos culinários próprio da cultura do quilombo. Oferecer comida aos convidados da festa é uma forma que a comunidade encontrou para celebrar e agradecer as conquistas presentes e as vindouras, além de brindar as parcerias com os amigos que sempre estão juntos com a comunidade.

Os quilombolas recentemente retomaram a cultura de dançar coco na comunidade, formando um grupo cultural de dança, o coco de roda. O costume festivo da dança era uma prática comum nas décadas passadas, nas construções de casas de taipa e chão de barro. Os moradores da comunidade contam que as famílias se reuniam para planejar o chão das casas dançando o coco, a festividade durava vários dias. Ao longo dos anos, a cultura foi se perdendo à medida que começaram a colocar cimento e cerâmica no piso das residências. Cientes do apagamento cultural dos costumes da ancestralidade, as mulheres da Associação resgataram a dança e atualmente se apresentam na comunidade e em eventos culturais. O grupo é composto por um cantador e uma cantadora, onze dançadeiras e um dançador. O grupo se reúne uma vez por mês na sede da associação para ensaiar e incentivar nos jovens e adolescente o interesse pela cultura de dança. A figura 11 mostra o grupo em uma de suas apresentações culturais.

Figura 11: Grupo de Coco da Serra das Viúvas



Fonte: Arantos Fotografia (2022)

A comunidade possui em suas extensões muitas localidades que podem ser consideradas como áreas de lazer, existem no território várias trilhas para serem desbravadas. Neste sentido, o ponto turístico que atrai olhares e chama atenção dos visitantes é a trilha ecológica da Pedra do Vento. A localidade fica a aproximadamente três quilômetros da comunidade. Os trilheiros podem vir da cidade de Água Branca no sentido da Pedra do Vento e por último passar pela comunidade, ou passar primeiro na comunidade ir em direção a pedra do Vento e depois descer para a cidade. Pedra do vento é uma localidade cheia de rochas com visão panorâmica para vários locais do município, além de ser situada numa região bastante ventilada. Das duas principais características do local surgiu o nome, Pedra do Vento. A trilha ecológica atrai bastante visitantes o ano inteiro, principalmente, na estação do inverno e no período de Festival de Inverno que acontece na cidade de Água Branca. A figura 12 mostra o local visitado pelos turistas.

Figura 12: Pedra do vento



Fonte: Ambrósio (2022)

A culinária também se constitui como ponto crucial da comunidade. Quando recebem visitas ou participam de eventos, as comidas típicas são indispensáveis. Por serem agricultores e extraírem produtos orgânicos de suas plantações, a culinária quilombola se destaca por utilizar no preparo dos pratos ingredientes naturais da terra. Da mandioca deriva o beiju, a mal casada, a farinha, a massa puba, o bolo de forma e o cuscuz de massa de mandioca, que na comunidade é chamado de Joaquim. Da macaxeira se faz bolo, pudim, escondidinho, roscas e pães. Do milho os quilombolas fazem bolo, canjica, pamonha, mungunzá doce e salgado, e também licor. As frutas são utilizadas para fazer sucos e doces. Os doces mais comuns na comunidade são de mamão, banana e caju.

Na comunidade há um costume tradicional de quando alguém retornar de uma viagem que durou vários meses ou anos, recepcionar o viajante com o doce de mamão, é comum também que ao voltar de viagem a pessoa seja visitada pelos parentes e amigos, e a estes também é servida uma porção de doce durante a visita. Outra prática tradicional do quilombo é o costume de fazer cachimbo. O cachimbo é uma bebida feita com cachaça, mel, raspas de paus e ervas medicinais. A bebida é destinada especialmente para a ocasião de nascimento de uma criança na comunidade. O cachimbo é servido aos visitantes e familiares da puérpera em comemoração ao nascimento de um novo membro na comunidade.

Outra particularidade da comunidade é a tradição de alimentar as puérperas com pirão de galinha durante todo o primeiro mês de nascimento do bebê. O pirão é feito do caldo de galinha caipira e farinha de mandioca, todos os ingredientes para o preparo da comida são orgânicos e estão disponíveis na própria comunidade. Entre os quilombolas comenta-se que a mulher após dar à luz precisa recuperar as forças empenhadas no parto, e o pirão de galinha caipira atua no restabelecimento das forças femininas.

Em relação às comidas típicas da comunidade, é importante ainda mencionar a buchada de bode e o peixe cozido da palha da bananeira. Essas duas iguarias não podem faltar nos festejos dos quilombolas. No que diz respeito às bebidas, convém citar os licores e as cachaças artesanais, nos sabores de milho verde, maracujá, coco e ervas medicinais.

Desde o ano de 2022 o prefeito da cidade de Água Branca, o senhor José Carlos de Carvalho, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) vêm promovendo o festival de Gastronomia Quilombola. O evento está englobado no Festival de Inverno de Água Branca, que sempre ocorre entre os meses de julho e agosto, meses em que há o aumento do frio e de chuvas na cidade. Nesse período, a temperatura da cidade chega a 11° graus.

As seis comunidades quilombolas do município participam e trazem a culinária local para degustação dos participantes da festa. O evento é realizado no formato de feira, e cada comunidade tem um espaço para exposição das comidas. Com o auxílio da Ivanilda Luz, que é uma cozinheira especialista em comidas afro, as mulheres de cada quilombo elaboram um prato especial para o evento. Em 2022 o prato feito pela comunidade quilombola Serra das Viúvas foi o cuscuz de mandioca com banana flambada na cachaça e mel de rapadura.

A comunidade escolheu suas maiores potencialidades para compor o prato, a mandioca da qual deriva o cuscuz, e a banana que é plantada e colhida na própria comunidade. Na feira gastronômica quatro mulheres da comunidade vão representar sua cultura e tradição. Em 2023 a parceria continuou e o prato escolhido para exposição e degustação do festival pela Serra das Viúvas foi o escondidinho de macaxeira com frango, banana frita e beiju. A figura 13 mostra os pratos produzido pela comunidade.

Figura 13: Pratos servidos no Festival Gastronômico Quilombola



Fonte: Autora (2023)

O festival gastronômico teve ampla participação dos água-branquenses, mas também de muitos turistas e visitantes que vieram prestigiar o Festival de Inverno da cidade. A feira acontece em um final de semana, iniciando na sexta-feira das 15h às 00h. Além do prato principal, as participantes podem comercializar outros pratos. Serra das Viúvas comercializou também o doce de mamão, pé-de-moleque, caldo de macaxeira, beiju recheado, bolo pudim de macaxeira, bolo de macaxeira com abacaxi, sucos de frutas, café e outras comidas. No evento houve espaço para a exposição dos artesanatos, e a Serra das Viúvas esteve presente com seus produtos de palha e cipó. O evento além de reunir os quilombos de Água Branca e evidenciar a tradição culinária, tem também o objetivo de ajudar as famílias participantes na captura de renda, bem como estimular o interesse e a criatividade dos participantes em explorar o universo da gastronomia afro.

Apesar do potencial cultural, artístico, gastronômico e turístico da comunidade aqui apresentada, os quilombolas buscam desenvolver e explorar as potencialidades existentes, visando o desenvolvimento social e econômico do povoado, para diminuir a situação complexa do êxodo rural. Na realização desta pesquisa, o problema do êxodo rural ficou nitidamente explícito quando se constatou a ausência de informantes masculinos de 18 a 32 e 35 a 55 anos de idade, haviam poucos informantes com este perfil no povoado, uma vez que muitos saem

para trabalhar. Garantir a permanência dos quilombolas em seu território também é uma das principais preocupações da comunidade.

3.3.3 Coleta de dados: Diálogo entre dois informantes

3.3.3.1 Seleção dos informantes

A comunidade objeto de nosso estudo é a comunidade quilombola Serra das Viúvas, que possui identidade cultural própria e se formou por meio de um processo histórico que começou nos tempos da escravidão no Brasil. Ela simboliza a resistência a diferentes formas de dominação e mantém forte ligação com sua história e trajetória, preservando os costumes e a cultura trazidos por seus antepassados.

Para a seleção dos informantes, na constituição de uma amostra sincrônica, primeiramente delimitamos que, para uma amostra significativa que reflita a realidade linguística do quilombo, os informantes precisam ser naturais da comunidade. De acordo com Guy e Zilles (2007), “em estudos linguísticos das comunidades de fala, um procedimento de amostra aleatório nem sempre é o ideal, mas qualquer que seja o método escolhido, a questão da representatividade deve ser contemplada” (Guy e Zilles, 2007, p.22).

Para a constituição desta amostra, escolhemos a forma diálogo entre dois informantes, conhecida como D2, tendo em vista que os estudos sociolinguísticos mostram que a entrevista sociolinguística tende a não favorecer o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, principalmente o uso do *tu* em comunidades com um alto percentual de *você*. Para os diálogos, fizemos uma seleção de informantes que possibilitou a interação entre os sexos (masculino e feminino) e faixas etárias (18-32 anos, 35-58 anos e 60 anos em diante), como quadro (01).

Quadro 01: Estratificação dos diálogos

Diálogos
a) Feminino 18-32 e Feminino 18-32
b) Feminino 18-32 e Masculino 18-32
c) Feminino 18-32 e Feminino 60 em diante
d) Masculino 18-32 e Masculino 18-32
e) Masculino 18-32 e Masculino 60 em diante
f) Feminino 35-58 e Feminino 35-58
g) Feminino 35-58 e Masculino 35-58
h) Feminino 35-58 e Feminino 60 em diante
i) Masculino 35-58 e Masculino 35-58
j) Masculino 35-58 e Masculino 60 em diante
k) Feminino de 60 em diante e Masculino 60 em diante
l) Masculino 60 em diante e Feminino de 60 em diante

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Na estratificação dos diálogos, organizamos as conversas de modo que tanto as faixas etárias iguais quanto as diferentes pudessem interagir. No que diz respeito ao sexo/gênero, também sistematizamos os diálogos de forma que iguais e diferentes pudessem conversar. Sendo assim, a amostra é composta por diálogos entre jovens que possuíam o mesmo sexo/gênero e faixa etária, como em a) e d), bem como jovens de faixas etárias semelhantes e sexo/gêneros diferentes como em b).

Há diálogos entre jovens e idosos de sexo/gêneros iguais como em c) e e). Os idosos interagiram também com informantes de faixas etárias iguais e sexos/gêneros diferentes como exposto nas letras k) e l), e conversaram ainda com adultos de mesmos sexos/gêneros como em h) e j). Os adultos dialogaram também com sexos/gêneros e faixas etárias iguais como mostram as letras f) e i), e sexo/gênero divergente, como em g). É importante destacar que a estratificação dos diálogos foi pensada segundo o perfil da comunidade, considerando os possíveis participantes da pesquisa e suas redes de relações.

3.3.3.2 Constituição da amostra

Como recomenda a ética em pesquisa com seres humanos, submetemos o projeto de pesquisa ao comitê de ética da Universidade Federal de Alagoas no dia 28 de maio de 2022, e recebemos o parecer de aprovação de número 5.488.008 no dia 24 de junho de 2022. Os

diálogos entre os informantes deste estudo ocorreram entre os dias 03 e 20 de julho de 2022, foram realizados com dois informantes pertencentes à comunidade Serra das Viúvas, com a presença da pesquisadora. Todos os quilombolas participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e foram advertidos da possibilidade de desistência e exclusão da gravação, caso optassem em algum momento por não fazer parte da pesquisa.

Para a obtenção dos dados dos informantes, utilizamos uma ficha social que contém as principais informações para a estratificação da amostra, a saber, nome, idade, sexo e profissão. É importante salientar que os dados pessoais dos participantes foram preservados, utilizados apenas para controle da pesquisadora. Os diálogos foram conduzidos pelos próprios informantes, na presença da pesquisadora, com a intervenção em ocasiões de necessidade. As conversas ocorreram com o auxílio de uma lista/guia de tópicos temáticos sobre temas cotidianos da comunidade, conforme o quadro 02:

Quadro 02: Lista/guia de tópicos

LISTA/GUIA DE TÓPICOS TEMÁTICOS	
Estudos	Dança
Cidade de Água Branca	Festa de Água Branca
Trabalho	Irmãos
Roça	Amigos
Família	Namorados
Seus Pais	Esposos
Casamento	Paquera
Igreja	Brigas
Infância	Fofocas
Festa da Padroeira	Abastecimento de água na comunidade
Associação	Estradas da comunidade
Celular	E internet
Comida	O que você acha do uso de tu/você/cê?

Fonte: Elaborado pela Autora (2023)

Escolhemos tópicos de temas cotidianos para que os participantes se sentissem confortáveis e menos intimidados em utilizar o vernáculo, tendo em vista que quanto mais confortável estiver o informante, mais provável será a utilização de sua fala sem monitoramento. Ao final do diálogo, a entrevistadora perguntava aos participantes o que eles achavam da utilização das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. As conversas foram organizadas entre informantes conhecidos e os quilombolas tinham a opção de escolher o melhor dia e horário para a participação no estudo. Cada diálogo ocorreu na residência de um dos participantes, e para o registro de áudios, utilizamos um gravador digital.

Nas conversas, a pesquisadora apontava um tema e pedia para que um dos participantes iniciasse com uma pergunta, o outro participante respondia à pergunta, e sobre o mesmo tema fazia um questionamento ou iniciava uma conversa, como no exemplo do fragmento a seguir:

Pergunte a ela sobre a festa da padroeira, santa Cecília. Doc⁹
 O que você acha, é, da santa, é, da festa de santa Cecília. I1JF¹⁰
 É muito, muito boa, maravilhosa, né I2JF
 É! I1JF
 Que é pertinho de casa, a gente vai a noite que qué, a noite que não qué, é muito boa a festa de Santa Cecília, é uma maravilha I2JF
 Pergunte a ela. Doc
 E, o que é que tu acha? I2JF
 Eu acho boa também, muito bom, né!? Tem a festa da padroeira pá gente ir, bom. I1JF

Foram gravados 12 diálogos, que possuem de 8 a 19 minutos, no total foram 156 minutos e 9 segundos de gravação equivalentes a mais de duas horas de conversas. A maioria dos diálogos fluiu muito bem, entretanto, três deles foram rápidos e diretos. Nesses casos, um falante perguntava e o outro respondia brevemente. Às vezes respondia à pergunta com respostas do tipo sim, não, gosto, não gosto e não prolongava a conversa.

Nesta pesquisa, resolvemos considerar esses diálogos, levando em consideração a dificuldade de encontrar outros informantes para participar da pesquisa. Houve dificuldade de encontrar informantes masculinos de 18-32 e masculinos de 35-58, uma vez que os informantes dessa faixa e sexo/gênero saem da comunidade para trabalhar em outros estados e municípios, caso não considerássemos os diálogos com poucos minutos de duração, não haveria possibilidade de constituir uma amostra homogênea no que diz respeito à faixa etária.

⁹ As interferências da pesquisadora foram identificadas na transcrição pelas letras DOC.

¹⁰ A identificação de cada falante se deu pela letra I seguida do número de transcrição. Para falantes de 18 a 32 anos, utilizamos F1, para falantes de 35 a 58, utilizamos F2 e para falantes com 60 anos em diante, F3. O sexo feminino foi representado por F e o masculino por M.

Após a realização de todas as conversas, o passo seguinte foi a transcrição dos dados, com o objetivo de capturar de forma mais fidedigna possível os fatos relatados. Para tanto, utilizamos a chave de transcrição do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia.¹¹ As transcrições dos dados foram feitas com o auxílio do programa computacional Express Scribe¹², que pode ser obtido gratuitamente na internet e serve como auxílio ao pesquisador na tarefa de transcrição do registro de áudio.

Os diálogos foram transcritos por inteiro. Com a transcrição realizada, fizemos a separação de todas as sentenças que possuíam a realização fonética da segunda pessoa do singular, considerando as ocorrências de *tu*, *você*, *ocê*, *cê*, *o senhor* e *a senhora*. Depois de separadas, as sentenças foram codificadas, tomando por base as variantes analisadas e os fatores das variáveis independentes considerados na análise dos dados.

A codificação dos dados é feita para que os dados possam ser submetidos ao programa computacional, o Goldvarb X, programa utilizado nesta pesquisa para rodar os dados. O programa calcula conforme os códigos disponibilizados. O Goldvarb X fez a contagem, e disponibilizou os resultados em códigos. Com os resultados em mãos, o próximo passo foi a análise e interpretação dos dados obtidos.

3.3.4. Coleta de dados: Diálogo entre informante e documentador

3.3.4.1 Seleção dos informantes

Esta amostra foi coletada na comunidade quilombola Serra das Viúvas no ano de 2016 pela pesquisadora Maria Helena Menezes de Souza, dentro do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA) coordenado pela Prof^a Dr^a Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória. O corpus foi utilizado para a produção do trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Letras da Pesquisadora.

Para seleção dos informantes, determinamos que participariam da pesquisa os informantes que nasceram na comunidade e que eram filhos de quilombolas, ou nascidos em outras comunidades quilombolas, uma vez que alguns moradores da comunidade têm origem em outros quilombos da cidade Água Branca, Delmiro Gouveia e Pariconha.

No que diz respeito à escolaridade dos informantes, no período da constituição dessa amostra, constatamos altos índices de pessoas que não tiveram acesso à escola. Pessoas nascidas antes da década de 1990 dificilmente frequentaram a escola, tendo em vista que, por

¹¹ Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf>.

¹² Disponível em: <<https://express-scribe.br.uptodown.com/windows/download>>

necessidades econômicas, as famílias optavam por manter crianças e jovens em casa ou na roça ajudando nos afazeres cotidianos. As necessidades econômicas inviabilizavam a permanências dos quilombolas na escola. Em decorrência da heterogeneidade das séries estudadas e predominância de pessoas não escolarizadas nas faixas etárias pretendidas, mediante a impossibilidade de compor uma amostra com nível de escolarização homogênea, selecionamos apenas informantes sem escolarização.

Obedecendo aos critérios já descritos, procuramos por informantes sem escolarização nascidos na própria comunidade quilombola ou em outras da região. Também determinamos que o participante não poderia ter se afastado da comunidade por tempo superior a dois anos consecutivos. Amostra foi estratificada segundo as variáveis sexo/gênero e faixa etária, e subdividida em fatores: sexo/gênero (Masculino/ Feminino) e faixa etária (25 a 50 anos e 60 anos em diante).

Após estratificar a amostra, nos baseamos em Guy e Zilles (2007), que dizem que em uma pesquisa sociolinguística, o ideal é selecionar quatro ou cinco informantes em cada célula, para evitar um resultado inexato. Sendo assim, para obtermos uma amostra representativa da comunidade estudada. Selecionamos cinco informantes por célula e obtivemos um total de 20 informantes a serem entrevistados.

3.3.4.2 Entrevistas

A primeira etapa da pesquisa foi o convite para participação, mediante o convite e havendo a aceitação do participante, os horários para entrevistas eram agendados. Em todos os casos, a entrevistadora visitou a casa do informante para a realização das entrevistas. Ao chegar no local combinado para gravação, primeiramente a entrevistadora explicava do que se tratava a pesquisa e o destino das gravações. Os entrevistados não entendiam muito bem do que se tratava, mas sabiam que era importante para a comunidade, então consentiam a gravação e assinavam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Buscando homogeneizar as entrevistas, elaboramos uma ficha de amostra Sociolinguística contendo os dados dos informantes a serem entrevistados: nome, naturalidade, sexo/gênero (Masculino/Feminino) e faixa etária (25 a 50 anos/ 60 anos em diante). Também elaboramos um questionário-guia de entrevistas, com tópicos de conversa, a saber:

1. Fale-me sobre os aspectos da comunidade quando você era criança.
2. Como eram as festas dos antigos casamentos?
3. Quais eram os alimentos produzidos e consumidos na comunidade?

4. O que você acha das festas culturais da comunidade?
5. E quanto à assistência médica, transporte, segurança e moradia?
6. Fale-me da sua profissão.
7. Como é o seu dia de trabalho?
8. Onde você prefere passar seus dias de lazer?
9. Fale-me de um passeio ou viagem que você fez e achou interessante.
10. Quais ações são necessárias para que a comunidade venha a alcançar seus direitos descritos no estatuto da igualdade racial?

Segundo Labov (2008[1972]), esse tipo de questionário objetiva homogeneizar os dados coletados para a comparação, controlar os tópicos da conversa, e provoca o falante a desenvolver narração sobre suas experiências pessoais e, assim, envolvidos com a emoção, tendem a não se monitorar.

Nossas entrevistas aconteceram no mês de março de 2016. Para gravar as entrevistas, utilizamos um gravador digital e armazenamos nossas entrevistas no formato wav. Para manter a espontaneidade do entrevistado, as interferências geralmente ocorriam para estimular a continuidade da fala. No processo de gravação, a entrevistadora não usou de monitoramento algum, buscando deixar o informante confortável para fazer uso da sua fala cotidiana. Os quilombolas da Serra das Viúvas estão habituados a participar de entrevistas e documentários, então, a presença de um gravador pareceu não os intimidar. As gravações ocorreram de forma tranquila, alguns informantes eram concisos nas respostas, outros desenvolviam mais as questões propostas, sendo assim, o *corpus* possui gravações de 9 a 18 minutos. Ao final das gravações, obtivemos 256 minutos e 44 segundos de conversa, totalizando mais de 4 horas de entrevista.

3.3.5 Transcrição dos dados

Depois de realizar todas as entrevistas, seguimos para transcrição, tentando capturar de forma mais fidedigna possível os fatos relatados pelos falantes. Para tanto, seguimos o Protocolo de Transcrição do Projeto A Língua Usada em Alagoas (LUAL)¹³ segundo o qual todas as entrevistas gravadas tiveram transcrição ortográfica, isto é, procuramos seguir a

¹³ Responsável pelo LUAL: Prof^a Dr^a Denilda Moura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

ortografia oficial, mas registrando o máximo de questões características da fala coletada, conforme podemos observar no trecho transcrito a seguir:

Os transportes tamém tá horrível, tão te dano no ôio, tão quendo tiraá a carga do pobre por a cabeça, que você você vê muito bem. Como é que um motoqueiro quer cobrá dez reais de Água Branca pra aqui? Da um quilometro de Água Branca pra aqui? Não dá, se brincá não dá um quilometro, e cobrá dez reais daqui, dezoito quilômetros daqui pra Delmiro Gouveia, cobra cinco conto e o caba de Água Branca pra qui cobrá dez no moto taxi, ôi, tô achando péssimo também, né? - tá demais, pro pobre tá demais, tem que andá de pé ou de jumento L11IM¹⁴

Vale ressaltar que transcrevemos toda entrevista, as falas dos informantes e as interferências da documentadora. Para transcrições dos dados, utilizamos o programa computacional Express Scribe que pode ser obtido gratuitamente na internet e auxilia o pesquisador na tarefa de transcrição do registro de áudio. A escolha desse programa deu-se pela facilidade e praticidade em executar diversas tarefas em uma única janela. Após a transcrição, realizamos a leitura para revisão dos dados transcritos. Para analisar a variação entre *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nesta amostra, separamos todas as sentenças com aplicação da segunda pessoa do singular.

3.3.6 Variáveis analisadas

As pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista realizadas na comunidade quilombola Serra das Viúvas revelam processos de variações linguísticas, com *nós* e *a gente* e concordância verbal (Souza, 2021a, 2021b, 2022). Isso nos leva a acreditar que os quilombolas podem fazer uso também de outras variações existentes no Português Brasileiro. Para Lucchesi “[...] qualquer língua humana viva admite formas diferentes de dizer a mesma coisa, o que a ciência da linguagem denomina variação linguística” (Lucchesi, 2009, p. 14), portanto, consideramos importante investigar a variação *tu*, *você* *ocê* e *cê* na comunidade quilombola Serra das Viúvas. Em nossa análise, consideramos as variantes *tu*, como em (1), *você*, como em (2), *ocê* como no exemplo (3) e *cê* como no exemplo (4)

(1) *Tu* acha o que da cidade? I3IM

(2) É, o que *você* acha da cidade de Água Branca? *Você* gosta da cidade? I3IM

¹⁴ A identificação de cada falante se deu pela letra L seguido no número da transcrição, o Sexo/gênero feminino foi representado por F e masculino por M. Para falantes de 25 a 50 anos, utilizamos A, para falantes de 60 anos em diante, I.

(3) Mas que *ocê* acha da cidade de Água Branca, Evânio, einh ?I10IM

(4) Que *cê* gosta de istudá? I5JM

Para analisar a variação entre *tu*, *você*, *ocê* e *cê* selecionamos algumas variáveis sociais e linguísticas que em outros estudos sociolinguísticos trataram da variação *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, e foram consideradas como significativas. No âmbito social, elencamos as variáveis sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de relação entre os falantes, na perspectiva linguística, selecionamos as variáveis paralelismo pronominal e determinação do referente.

3.3.6.1 Faixa etária

Uma das variáveis extralinguísticas largamente testada nas pesquisas sociolinguísticas é a faixa etária, que possibilita a caracterização de uma variação estável e/ou uma mudança em curso incipiente ou completa de determinado fenômeno linguístico variável. Em estudos de tempo aparente, podemos identificar distintos estágios de desenvolvimento de um fenômeno na língua a depender da geração que cada informante faz parte. Podemos também verificar uma mudança em curso ou um caso de variação em que formas variantes são utilizadas de acordo com a idade, e ainda observar o que é característico de cada faixa.

Nos estudos sociolinguísticos, há uma tendência de os falantes mais jovens utilizarem as variantes inovadoras e os idosos utilizarem variantes conservadoras. Tal fato pode ser comprovado pelos estudos de Souza (2021a, 2021b, 2022) realizados na comunidade quilombola Serra das Viúvas, que mostraram que a faixa etária mais jovem da amostra condicionava o uso de formas inovadoras, como a realização de *a gente* em posição de sujeito, a realização do pronome *nós* sem concordância verbal com a primeira pessoa do plural, e ausência de concordância verbal com a terceira pessoa do plural, e a faixa etária de idosos condicionava o uso de variantes conservadoras, como a realização de *nós* em posição de sujeito, concordância verbal com o pronome *nós* e concordância verbal com a terceira pessoa do plural.

Os estudos de Silva (2019) e Silva, W., (2020), realizados em Alagoas, mostram que falantes mais jovens tendem a utilizar a variante *tu* e falantes mais idosos preferem a variante *você*. Assim, partimos do pressuposto de que o uso das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê* pode ser condicionado pela faixa etária dos falantes da comunidade, bem como que os falantes mais jovens favorecem a variante *tu*, *ocê* e *cê*, e os mais velhos favorecem a variante *você*.

Ainda na variável faixa etária na amostra D2, consideramos a interação entre faixas etárias, a partir dos seguintes fatores: jovem/jovem, jovem/idoso, adulto/adulto, adulto/idoso, idoso/idoso. Silva (2019) mostra que, nas relações simétricas, como no caso de jovem/jovem,

há tendência de ocorrências do pronome *tu*, já em relações assimétricas, como nos casos de jovem/adulto, jovem/idoso e adulto/idoso, tende a favorecer *você*. As ocorrências de *cê* aconteciam prioritariamente nas relações simétricas. Nossa hipótese é a de que, nas relações simétricas, os quilombolas favorecem *tu*, *cê* e *ocê*, e, nas relações assimétricas, favorecem *você*.

3.3.6.2 Sexo/gênero

Desde os primeiros estudos na área da Sociolinguística Variacionista há a estratificação da amostra incluindo a variável sexo/gênero. Segundo Labov (2008 [1972]), a distinção sexual dos falantes frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da variação e mudança linguística. O autor argumenta que “a diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para o outro” (Labov, 2008 [1972], p. 348). Dessa forma, podemos inferir que homens e mulheres podem ter comportamentos linguísticos distintos.

Labov (2008 [1972]) visando observar a correlação entre estratificação social e o inglês falado em Nova Iorque, percebeu a tendência de mulheres utilizarem mais formas de prestígio do que os homens. O pesquisador constatou ainda, no comportamento linguístico das mulheres, a capacidade de mudança na fala em estilos formais, uma vez que as mulheres da década de 1960 eram, em sua maioria, responsáveis pelo cuidado da casa e das crianças, tinham muito mais influência sobre o processo de variação e mudança linguística nas futuras gerações do que os homens.

Novaes e Siqueira (2020) analisaram seis estudos sociolinguísticos realizados no sertão alagoano e organizaram uma revisão descrevendo a influência da variável sexo/gênero sobre a variedade falada na comunidade. Para tanto, utilizaram os trabalhos desenvolvidos dentro do projeto *A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA)*, entre os anos de 2017 e 2018, que focalizavam os seguintes fenômenos linguísticos variáveis *você* e *cê*; verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais; *nós* e *a gente* na posição de sujeito; *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto; concordância verbal com o pronome *nós*; concordância verbal com o pronome *a gente*.

Os resultados da análise mostram que, dos seis trabalhos observados, apenas a pesquisa que tratava de *nós* e *a gente* na posição do sujeito teve a variável sexo/gênero considerada como estatisticamente significativa. Na referida pesquisa, as mulheres assumem um comportamento linguístico mais inovador do que os homens. Nas outras pesquisas, a variável foi descartada pela insignificância estatística, ou seja, pelos resultados, podemos pressupor que estejamos

diante de uma mudança social na qual os resultados encontrados por Labov na década de 1960 não mais correspondam à realidade linguística atual, pois o comportamento linguístico do sexo/gênero feminino e masculino do sertão parecem não divergir.

Souza (2021a, 2021b, 2022) testou a variável sexo/gênero na comunidade quilombola Serra das Viúvas na amostra coletada no ano de 2016, e realizou três pesquisas com fenômenos distintos, a saber, concordância verbal com a terceira pessoa do plural, concordância verbal com o pronome *nós* e variação *nós* e *a gente* sujeito. Das três, apenas a pesquisa com o fenômeno variável *nós* e *a gente* na posição de sujeito apresentou a variável sexo/gênero como significativa. Conforme a pesquisa que selecionou a variável sexo/gênero como estatisticamente significativa, as mulheres são mais conservadoras do que os homens. A autora supõe que o motivo do resultado é a frequência com que os homens da comunidade se ausentam do território e entram em contato com outras variedades linguísticas, uma vez que os quilombolas passam metade do ano em outros estados por motivos laborais.

É importante observar que dos nove estudos sociolinguísticos realizados no sertão alagoano apenas dois, ‘coincidentemente’ com o fenômeno variável *nós* e *a gente*, apresentam a variável sexo/gênero influenciando o fenômeno linguístico estudado. De acordo com os dados, podemos inferir que, nessa região, homens e mulheres tendem a se comportar linguisticamente de modo semelhante. Apesar dos resultados, consideramos interessante testar a variável sexo/gênero na variação *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na comunidade quilombola Serra das Viúvas, para verificar se homens e mulheres têm comportamento linguístico diferente. Tomando por base o estudo de Silva, W., (2020), para esta variável, a nossa hipótese é de que os homens fazem mais uso da variante *você*, e que as mulheres preferem as variantes *tu*, *cê* e *ocê*.

Para melhor explorar esta variável, também testamos a interação entre sexo/gênero na amostra D2. Nas interações homem/homem, mulher/mulher, homem/mulher. Silva (2019) observou que houve maior probabilidade para o *tu* em relação entre iguais, especialmente em relações entre informantes do sexo/gênero feminino, enquanto o *você* tende a ocorrer em relações com interação de informantes de sexo/gênero diferentes, enquanto *cê* apresentou maior frequência quando em relações entre sexos iguais. A nossa hipótese para esta variável é de que as variantes *tu*, *ocê* e *cê* ocorrem preferencialmente nas relações entre iguais; a variável *você* tende a ocorrer em relações de informantes de sexos/gêneros diferentes.

3.3.6.3 Escolaridade

A variável escolaridade tende a cooperar para a propagação do uso da norma padrão da língua portuguesa. Segundo Mollica (2003) “a escola atua como preservadora de formas de prestígio, face às tendências de mudança em curso” (Mollica 2003, p.51). Nesses termos, o nível de escolarização tem o poder de influenciar determinados usos. Divino (2020) assegura que “pessoas escolarizadas refletem, em geral, sinais da norma padrão, valorizada e ensinada na escola, quer dizer, a escola gera mudança na fala e na escrita das pessoas que a frequentam, no sentido de incorporarem no seu acervo linguístico uma maior produção de formas de expressão socialmente prestigiadas” (Divino, 2020, p. 205).

Algumas pesquisas que compõe a revisão de literatura desta pesquisa mostram a importância da variável social escolaridade. No estudo de Divino (2020), a variável escolaridade foi dividida nos fatores nível fundamental e nível universitário. A análise observou a aplicação das variantes nos estados de Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Paraíba. De acordo com os resultados, houve mais utilização de *você* do que da variante *tu*.

Das 1.720 ocorrências de referência à segunda pessoa utilizada por falantes de ensino fundamental, 216 realizações foram da variante *tu*. Por outro lado, os falantes de maior escolaridade desfavoreceram o uso do *tu*. Vale ressaltar que a rodada estatística foi em função do *tu*, objetivando resgatar a utilização deste pronome nas falas nordestinas. O pronome *você* foi, majoritariamente, escolhido pelos falantes de nível fundamental e universitário. Na análise ficou evidente que todos os falantes, independentemente do nível de escolaridade, utilizam mais o pronome *você* em detrimento do *tu*.

Na pesquisa de Silva e Vitória (2017), que analisou as realizações das variantes *você* e *cê*, a variável social escolaridade foi a primeira a ser selecionada como significativa. A variável foi estratificada em quatro fatores, a saber analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. O pronome *você* apresentou maior frequência em todos os níveis de escolaridade, porém, a variante *cê* apresenta-se com um percentual mais elevado entre os informantes de ensino médio.

Vitório (2018) analisou a variação *tu* e *você* em Maceió, Alagoas. Para dar conta do problema de restrição, utilizou uma amostra sincrônica composta de 72 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas segundo as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. A autora registrou um percentual de 98% de *você* contra apenas 2% de uso de *tu*, que representam apenas seis realizações dessa forma pronominal. A autora não aprofundou a explicação de como se deram as realizações condicionadas pela variável escolaridade, apenas menciona sua influência na aplicação da variante *você*.

Sendo assim é importante checar se o nível de escolaridade do informante influencia na escolha entre os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na comunidade quilombola Serra das Viúvas. Na composição da amostra utilizada para esta pesquisa, observando o perfil da comunidade, foi verificado que não havia possibilidade de organizar a variável escolaridade da mesma forma como os estudos da nossa revisão de literatura fazem, uma vez que não há informantes suficientes para compor a variável de forma homogênea, de modo que conseguíssemos preencher as células com o mesmo número de informantes com determinada escolarização. Sendo assim, não seguimos a estratificação das pesquisas sociolinguísticas.

A ausência de ortogonalidade na variável possibilitou uma análise diferenciada. A amostra é composta por quatro informantes com Ensino Médio completo, três informantes com Ensino Médio incompleto, um informante com Ensino Fundamental completo, nove informantes que estudaram da primeira à quarta série e sete informantes sem nenhuma escolarização.

Organizamos a variável da seguinte maneira: classificamos os sete informantes sem escolarização em um grupo, separamos os nove informantes que tinham de um a quatro anos de escolarização em outro grupo, e por último, formamos um grupo com um informante com ensino fundamental completo, quatro informantes de ensino médio completo e três informantes com ensino médio incompleto.

Nomeamos os fatores como ‘falantes sem escolarização’, ‘falantes de um a quatro anos de escolarização’ e ‘falantes de nove a doze anos de escolarização’. Sendo que os grupos não ficaram com números de informantes iguais. O grupo sem escolarização contém sete informantes, o grupo de primeira à quarta série é composto por nove informantes, e o grupo de nove a doze anos de escolarização possui oito informantes. Por isso, reafirmamos que esta variável não segue a estratificação dos estudos sociolinguísticos. Nossa hipótese, acreditamos que quanto maior o nível de escolarização dos informantes mais haverá a ocorrência da variante *você*, *ocê* e *cê* e quanto menos escolarização tiver, mais ocorrências encontraremos da variante *tu*.

3.3.6.4 Tipo de relação entre os falantes

A variável tipo de relação entre os falantes é utilizada no estudo dos pronomes e distingue as relações de poder das relações solidárias. Recordando a Teoria do Poder e da Solidariedade proposta por Brown e Gilman (2003[1960]), quando se trata de formas de tratamentos há sempre a presença de duas características sociais, poder e solidariedade, pois os

traços da organização social da comunidade linguística costumam transparecer no uso da língua.

Acreditamos que todas as relações sociais são simétricas ou assimétricas, uma vez que a escolha linguística do falante é influenciada pelo grau de intimidade ou distanciamento entre os participantes do diálogo. Neste estudo, selecionamos a variável tipo de relação entre os falantes, haja vista que, para compreender a variação *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na comunidade quilombola Serra das Viúvas na amostra D2, é necessário observar que tipo de relação estabelecida pelos quilombolas ocasiona a aplicação das variantes em estudo.

Para analisar as relações existentes na comunidade, organizamos os diálogos de forma que houvesse interação entre todas as relações. Na referida variável, consideramos as relações *esposo/esposa*, *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã*, *vizinha/vizinha* e *pai/filho*. Consideramos que as relações *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã* *vizinha/vizinha* são simétricas, já as relações *esposo/esposa* e *pai/filho* assimétricas. No trabalho de Silva (2019), a relação *esposo/esposa* é considerada uma relação simétrica, mas neste trabalho consideramos como relação assimétrica, em função dos relatos dos próprios participantes, eles afirmavam a preferencia pelo uso da variante *você* no tratamento ao cônjuge. Como exposto no exemplo (5):

(5) É mais normal dizê *você*, às vez diz *você*, às vez usa um apilido, às vez ele. Eu sô mais priguiçosa pá me levantá. Às vez ele diz - meu amor vamo tomá café - mas *tu*, assim, *tu* é mais difícil nois usá I17JF.

Baseados na pesquisa de Silva (2019), a nossa hipótese é de que as relações assimétricas favorecem o pronome *você*, sendo que, na relação *pai/filho*, a tendência é de que haja utilização da forma de tratamento *o senhor*. Acreditamos que as relações simétricas favorecem a variante *tu*, *cê* e *ocê*.

3.3.6.5 Paralelismo pronominal

A variável independente paralelismo linguístico refere-se à repetição de determinada variante em uma mesma sequência discursiva. Para Scherre (1998), o paralelismo pode ocorrer no interior do discurso (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). Nesta variável, a aplicação de uma determinada variante provoca a repetição da mesma variante em uma sequência discursiva. Entendendo a necessidade de observar como tal variável se comporta no *corpus* de fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas, focalizamos na realização do paralelismo pronominal.

Para a variável paralelismo pronominal, separamos quatro fatores, a saber, realização isolada, que é a realização isolada de um dos pronomes na sentença, como em (6); primeira da série, que corresponde a primeira realização de uma das variantes na sequência discursiva, sendo que há outras realizações, seja da mesma variante ou de outras variantes, como em (7); antecedida por *tu* que acontece quando uma das variantes aparece antecedida por *tu*, como em (8), antecedida por *você*, ocorre quando uma das variantes é antecedida por *você* em uma mesma sequência discursiva, como no exemplo (9); antecedida por *cê*, ocorre quando uma variante é antecedida por a *cê* como em (10):

(6) Como foi seus estudos? O que *você* achou? I1JF

(7) E *você*, quantos irmão *você* tem, einh? I10IM

(8) Música, é eu? *Tu* Gilda, que tipo de música *tu* gosta? I13AF

(9) A igreja pra mim é... representa é... a minha estrutura derde piquena que meus pais me leva pra lá pra receber os sacramento, é reconstrução, né? Quando *você* tá bem mal, *você* vai lá pedir a Deus força pá se erguê. I17AF

(10) E aí Gilda, quando *cê* era piquena, *cê* gostava de quê? I13AF

Vitório e Silva (2017) e Silva (2019) observaram que, na variável paralelismo pronominal, o pronome *tu* apresentou maior frequência quando antecedido por *tu*, e *você* e *cê* quando antecedido por *você* e *cê*, confirmando o princípio do paralelismo. Assim, a nossa hipótese é de que a aplicação da variante *você* implica a ocorrência de *você*, o uso de *ocê* favorece a realização de *ocê*, bem como a utilização de *cê* condiciona a repetição de *cê*. Da mesma maneira, a ocorrência de *tu* implica sua repetição.

3.3.6.6 Determinação do referente

A variável determinação do referente diz respeito à referência feita ao sujeito utilizado. A variável está mais concentrada no campo semântico, pois partindo da análise da fala, visa observar se o falante, ao utilizar as variantes em questão, está se tratando de um sujeito determinado, a própria pessoa com quem está dialogando, como em (11), ou se está fazendo referência a uma segunda pessoa indeterminada, não sendo exatamente as pessoas presentes no diálogo, uma espécie de sujeito indeterminado como em (12).

(11) Vai pa roça hoje, *você* vai pa roça hoje? Eu acho mais bunito. I15IF

(12) bom, do celulé e da internet, eu acho bom assim, porque se não tivesse a internet, a gente não puderia usá o celulé pra vê muitas coisas que hoje a gente vê, né? E o celulé você vê, você tá lá no fim do mundo, você vê o rosto daquelas pessoa lá no fim do mundo, você, aquelas pessoas tá lá em São Paulo em Rio de Janêro, nesses lugá longe, liga pra cá, a gente vê as voz dele e além da voz, a gente vê o rosto, o rosto dele, a gente vê eles, né, a pessoa de lá. I10AF

Casos como do exemplo (12), o sujeito de segunda pessoa do singular não se refere ao ouvinte especificamente. “Muitas vezes, o falante utiliza estratégias presentes em sua língua para expressar os participantes do discurso sem obediência à padronização pronominal paradigmática. O falante pode utilizar-se de pronomes participantes do discurso (primeira e segunda pessoas) para referência arbitrária” (Carvalho, 2017, p.133). Collins e Postal (2012) denominam de pronome *impostor* (por conta do disfarce sintático) ou *você genérico*, sendo que sua utilização é condicionada pelo contexto conversacional estabelecido pelos falantes, e este pronome *impostor* pode assumir a forma de qualquer outro pronome pessoal. Os impostores são obtidos a partir do que Collins e Postal (2012) chamam “deformação sintática” de um sintagma determinante precursor subjacente. Como um dos resultados da deformação, o componente pronominal do sintagma determinante precursor é apagado. Para Freitag e Mendonça (2017)

A indeterminação do sujeito, expressando uma referência genérica, é utilizada comumente para reportar discursos hipotéticos ou de senso comum, exemplificar situações gerais que possam ocorrer com qualquer pessoa. As noções de pessoa, referência e generalização são importantes para a definição da indeterminação do sujeito, visto que o sujeito indeterminado pode englobar qualquer uma das três pessoas gramaticais ou as três indistintamente, abrangendo inclusive o locutor e o ouvinte, denotando uma referência genérica. Entende-se referência como a relação estabelecida no universo comunicativo entre o sintagma nominal e o elemento por ele representado (Freitag; Mendonça, 2017, p. 239).

De acordo com Collins e Postal (2012), Carvalho (2017) e Freitag e Mendonça (2017) o pronome de segunda pessoa do singular pode ocorrer de forma impostora sendo a expressão genérica do pronome precursor *você*, isto ocorre quando em um acordo entre os falantes o *você* não faz referência específica ao falante ou ao ouvinte, mas a um grupo muito maior de pessoas.

Silva (2019) analisando a fala de Coité do Noia- AL, verificou uma única realização de *tu* na referência indeterminada, constatando que o pronome foi mais frequente enquanto referência determinada. Com relação ao pronome *você*, houve percentuais mais altos de uso nos dois os fatores, mas de acordo com os percentuais de uso, o *você* pronome é mais utilizado em referências indeterminadas.

Na rodada entre *você* e *cê*, autora constatou que a variante *você* acontece na referência determinada e indeterminada, mas com o percentual mais elevado na referência indeterminada, a variante *cê* apareceu também tanto na referência determinada quanto na referência indeterminada, mas os falantes preferiam sua aplicação com o referente determinado. Silva, W., (2020), em sua investigação, obteve resultados semelhantes aos de Silva (2019), pois, a variável determinação do referente condiciona a aplicação da variante *você*, haja vista que *você* ocorre preferencialmente na referência indeterminada, e a variante *cê* com referente determinado.

Para a análise desta variável, consideramos a determinação do referente dividida em dois fatores, correspondendo ao *referente determinado* e *referente indeterminado*, e tomando por base o estudo de Silva (2019) e Silva, W., (2020), nossa hipótese é de que o pronome *você* é utilizado tanto na referência determinada quanto na referência indeterminada com preferencia de uso na referência indeterminada, já os pronomes *tu*, *cê* e *ocê* em referências determinadas.

3.3.7 Programa Computacional Goldvarb X

A utilização de pacotes estatísticos para analisar dados de pesquisa é importante para a interpretação dos resultados. Com a finalidade de facilitar o tratamento de grandes volumes de dados, existem vários programas computacionais que ajudam na tarefa de quantificação dos dados. O Goldvarb X foi elaborado para trabalhar especificamente com dados na área da Sociolinguística Variacionista, embora possa ser utilizado em outras linhas da Linguística, dependendo do objetivo do pesquisador.

Disponível gratuitamente na internet, o VARBRUL ou sua versão atualizada, Goldvarb X é um modelo logístico de análise desenvolvido por David Sankoff (1978) para auxiliar William Labov nos primeiros estudos sociolinguísticos. A proposta teve êxito e, desde a década de 1960 o pacote estatístico continua sendo utilizado pelos linguistas que trabalham com a Teoria da Variação e Mudança Linguística. O Goldvarb X através de cálculos estatísticos oferece as frequências e pesos relativos necessários à discussão dos fatores que condicionam o uso das variantes que estão sendo analisadas.

O processamento de dados no programa recebe o nome de rodada. Com a definição da variável dependente e das variáveis independentes e separadas as ocorrências do fenômeno em estudo, é feita a codificação dos dados, ou seja, cada variante e fator recebem um código diferente, podendo ser uma letra ou um número. Depois os códigos são levados a uma janela do Goldvarb X e o programa vai processar todos os dados. Após uma sequência de comandos, apresenta os resultados.

O programa mostra os resultados de cada variante analisada, e as porcentagens de influência para cada variável e seus fatores, assim, podemos verificar as variáveis consideradas estatisticamente significativas e estatisticamente não significativas para o estudo. O resultado é apresentado de acordo com o grau de ocorrência das variáveis. Não havendo distinção entre variáveis linguísticas ou sociais, o programa apresenta todas segundo o nível de relevância. Vale ressaltar que o programa trata apenas de variantes binárias, ou seja, se em um caso de variação houver três ou mais variantes, o pesquisador precisará fazer mais de uma rodada com seus dados.

Em todo e qualquer estudo o programa apresenta uma variante predominante, aquela que mais ocorre. Sendo assim, mostra os resultados focalizando nessa variante. Primeiramente evidencia as variáveis independentes que condicionam a ocorrência da variante predominante, as porcentagens e os pesos relativos. O programa também apresenta as variáveis estatisticamente não significativas.

Em cada variável, o programa apresenta os percentuais, a quantidade de ocorrências e o peso relativo. Algumas vezes acontecem também os nocautes, são casos em que aparece zero ocorrência de alguma variante ou fator, isso impossibilita o pesquisador de checar os pesos relativos, uma vez que ao passo que o programa apresenta nocaute, não permite a continuação da sequência de comandos para obtenção de todos os resultados, por isso é recomendado que se salve a rodada e recomece outra rodada excluindo a variável que apresentou nocaute.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

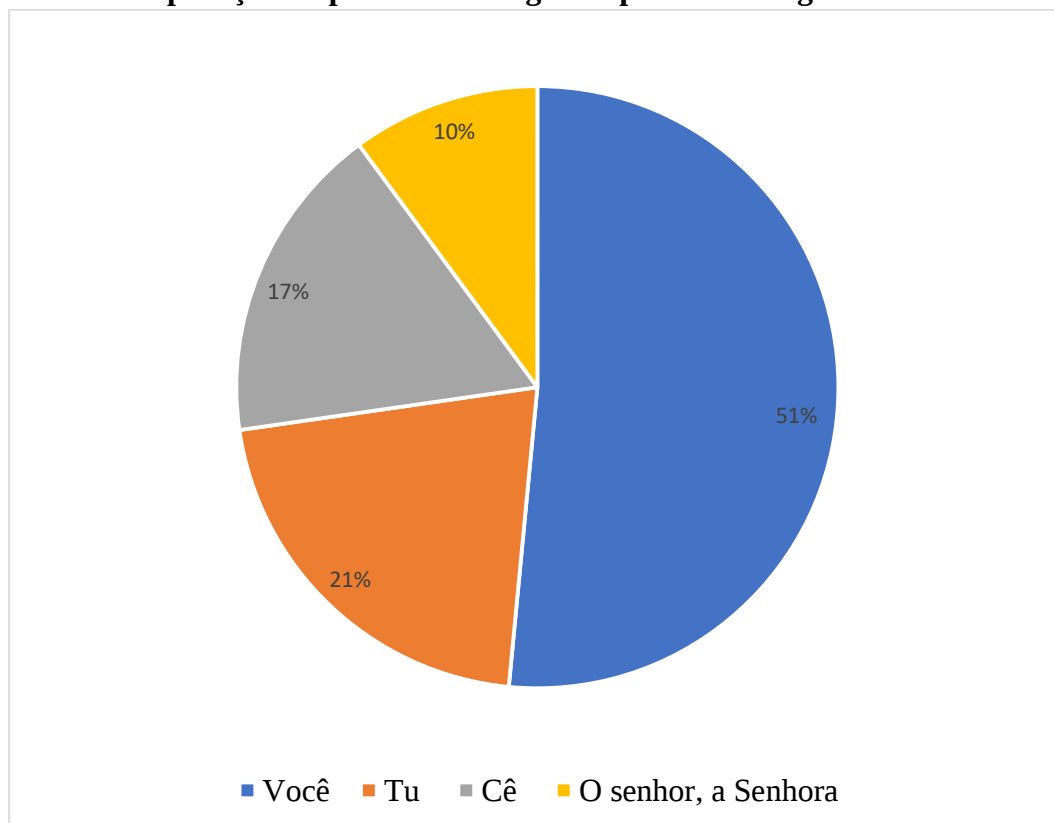
Nesta seção, realizamos uma descrição do comportamento variável da aplicação de *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na posição de sujeito na fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas, com o intuito de verificar a frequência de uso das variantes, bem como constatar as variáveis que condicionam as escolhas linguísticas dos falantes quilombolas. Ainda nesta seção, realizamos uma discussão metodológica acerca dos modelos de coleta de dados, a saber, documentador e entrevistado (DID) e diálogo entre dois informantes (D2).

4.1 Variação *tu*, *você* e *cê* na amostra D2

Para a obtenção dos dados, realizamos três rodadas no programa computacional Goldvarb X, a primeira rodada levou em consideração as ocorrências de *tu*, *você*, *cê*, *o senhor* e *a senhora* na posição de sujeito. A rodada geral apresentou a frequência total de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, bem como a existência de nocautes, principalmente, com as formas *tu*, *cê*, *o senhor* e *a senhora*, por isso, usamos os percentuais gerais para organizar as primeiras informações, mas foi necessário fazer outras rodadas, considerando, em cada uma delas, duas variantes. Em cada rodada, utilizamos a variante que liderou a frequência de uso confrontada com uma das formas concorrentes.

Após a obtenção dos percentuais gerais, realizamos a segunda rodada com os pronomes *tu* e *você*, observados os resultados, realizamos uma nova rodada com as variantes *você* e *cê*. Como não é objetivo deste estudo analisar as formas *o senhor* e *a senhora*, ao verificarmos os percentuais gerais, separamos as formas, e focalizamos na análise e descrição das variantes *tu*, *você* e *cê*. O gráfico 1 mostra os resultados gerais da aplicação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas.

Gráfico 1- Aplicação do pronome de segunda pessoa do singular na amostra D2



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

No resultado da rodada geral, computamos 405 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular. Como nas pesquisas de Tenório (2002), Cardoso (2013), Scherre *et al.* (2015), Silva e Vitória (2017), Silva (2019), Divino (2020), Silva, W. (2020), Scherre, Andrade e Catão (2020) e Scherre, Andrade e Catão (2021), na comunidade quilombola Serra das Viúvas, os falantes também optam preferencialmente pela variante linguística *você*, tendo em vista que das 405 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular, houve 206 casos da variante *você*, que corresponderam a 51% do total geral. Vejamos nos exemplos (13) e (14) alguns casos da realização de *você* no *corpus* de análise da comunidade. Esse dado corrobora e confirma a preferência linguística pelo uso da variante *você* evidenciada em praticamente todas as localidades estudadas no Brasil.

(13) Muito bom, gostei muito, e *você* gostou dos seus istudos? I8JF

(14) E fofoca, *você* gosta de fofoca? I11IF

A variante *tu* apresentou um percentual de 21% correspondente a 88 realizações. Esse dado difere dos resultados de Silva e Vitória (2017), que encontraram apenas 3 realizações do pronome *tu* na amostra do Sertão alagoano, e o estudo de Vitória (2018) em Maceió, que

computou apenas 6 casos do pronome *tu*. Os resultados das autoras podem nos dizer que há pouco uso da variante *tu* em algumas localidades alagoanas, mas vale destacar que as autoras utilizaram em suas pesquisas o modelo de entrevista tradicional da Sociolinguística Variacionista, que Paredes Silva (2003) afirma não favorecer a captura dos pronomes de segunda pessoa, uma vez que esse modelo não favorece a interação entre falantes, inibindo a realização da segunda pessoa do discurso. Por isso, não podemos afirmar que, nas localidades estudadas, há quase a inexistência do pronome *tu*, mas apenas que o modelo de entrevistas utilizado pode não ter favorecido seu uso. Em nosso estudo, utilizamos um modelo alternativo, o diálogo entre dois informantes, e isto possibilitou a captura das variantes. Após a análise das amostras, aprofundamos a discussão sobre metodologias de coleta de dados.

Ainda em relação ao resultado da variante *tu*, é importante ressaltar que não houve nenhum caso em que o pronome foi utilizado com concordância verbal de segunda pessoa do singular, ou seja, os quilombolas da Serra das Viúvas ao fazerem uso da variante *tu*, não aplicam a regra padrão de concordância verbal. Assim, neste trabalho tomamos a variante *você* como padrão e não a variante *tu*, haja vista que o padrão de uso da comunidade é o uso de *tu* sem concordância com a segunda pessoa do singular. As realizações de *tu* na comunidade, nos termos de Scherre, Andrade e Catão (2020), corresponde ao uso de *tu* sem concordância, conforme exemplos (15) e (16) retirados do *corpus* de estudo.

(15) O que que *tu* acha das istradas? Boa? I16IM

(16) *Tu* gosta, Uel, de ir pa festa de Nossa Senhora? I23AM

O estudo de Tenório (2002) mostrou duas ocorrências de *tu com concordância* na capital alagoana. Comparando o estudo de Tenório (2002) aos nossos resultados, podemos dizer que a concordância verbal com o pronome *tu* caiu em desuso ao longo desses vinte anos, tendo em vista que Scherre Andrade e Catão (2021), assim como em nossa pesquisa também não encontraram nenhuma ocorrência da variante *tu* com concordância no estado de Alagoas.

Dos resultados das pesquisas que estudaram a variação de *tu* e *você* nas diversas localidades do Brasil, discutidas na seção 2, um dado nos chamou atenção, a ausência de estudos que contemplem as variantes *cê* e *ocê*. Scherre, Andrade e Catão (2020) também chamam atenção para a mesma carência.

Portanto, para que tenhamos um mapa ainda mais próximo da realidade, são necessárias e urgentes mais pesquisas no vasto território brasileiro, com o controle de,

pelo menos, cinco possibilidades disponíveis no português brasileiro: *ocê*, *ocê*, *cê*, *tu* com concordância e *tu* sem concordância (Scherre; Andrade; Catão, 2020, p.274)

Para Scherre, Andrade e Catão (2021), as variantes *cê* e *ocê* acompanham a variante *você* Brasil a fora, por isso, é recorrente encontrar as três formas em um estudo com pronomes de segunda pessoas do singular, e é também importante que os pesquisadores contemplem as suas ocorrências para mapear o comportamento linguístico dos brasileiros. Ainda segundo as autoras, a variante *cê* é mais frequente em áreas urbanizadas especialmente em todo estado de Minas Gerais. Nesta pesquisa, também contemplamos a variante *cê*, que apareceu em 69 casos, com percentual de 17%, como podemos observar nos exemplos em (17) e (18). Assim como neste estudo, a pesquisa de Silva e Vitória (2018) mostrou o uso da variante *cê* no Sertão alagoano. Seus resultados foram menores, a saber 33 realizações. Sendo assim, percebemos que as ocorrências da variante *cê* não estão restritas apenas as áreas urbanizadas, mas vivenciam um processo de expansão para as áreas interioranas.

(17) Minhas coisa que nem como, porque eu num como tudo no mundo, cumo *cê* sabe, eu num como tudo no mundo. Eu só como é galinha ou se não bode, minha carne é galinha ou bode. Eu num gosto de ovos, Eu num gosto de pêxi I4IF

(18) Aí, *cê* tem que... A gente tende ter uma coisa, que a pessoa, as vez muda, mai o certo é sê uma parte só, né? I10IM

Como já mencionado, a variante *ocê*, sempre acompanha a variante *você*, mas ao contrário da variante *cê* que é frequente em áreas urbanas, a variante *ocê* é mais comum em áreas rurais e interioranas, conforme Scherre Andrade e Catão (2021). Nos resultados expostos no gráfico 1, a variante *ocê* não fez parte da rodada dos dados, haja vista que foi encontrada apenas uma realização em todo o *corpus* de análise, conforme a ocorrência no exemplo (19):

(19) Mas que *ocê* acha da cidade de Água Branca, Evânio, einh ?I10IM

Considerando a afirmação de Scherre Andrade e Catão (2021), e por estarmos analisando a fala dos informantes de uma comunidade rural, esperávamos que houvesse alguma ocorrência da variante *ocê*. A aplicação da variante foi feita por um informante do sexo/gênero masculino, faixa etária idosa, e com escolarização de um a quatro anos de estudo.

O tratamento ao interlocutor também se realiza por meio das expressões *o senhor* e *a senhora*, sendo assim, resolvemos considerar este tipo de ocorrência, pois se tratando de diálogos entre pessoas de idades iguais e diferentes, pressupomos que as expressões sejam usadas pelos falantes, principalmente na relação pai e filho. Em nossa análise, observamos 41

ocorrências dos pronomes *o senhor* e *a senhora*, que totalizou 10% de frequência na rodada geral. Na relação pai e filho, foi observado que, em todos os casos, os filhos tratavam os pais pela expressão *o senhor*, nunca por *tu*, *você*, *ocê* ou *cê*, como no exemplo (20), também nas relações entre faixas etárias Jovem/Idoso e Adulto/Idoso frequentemente a faixa com menos idade tendia a tratar o idoso ou a idosa por *o senhor* ou *a senhora*, como exposto no exemplo (21). Estes resultados serão aprofundados mais à frente nas variáveis *tipo de relação* e *relações entre faixas etárias*. Convém ainda mencionar que a grande maioria das realizações de *tu*, *você*, *ocê*, *cê*, *o senhor* e *a senhora* acontecem no *corpus* em contextos interrogativos.

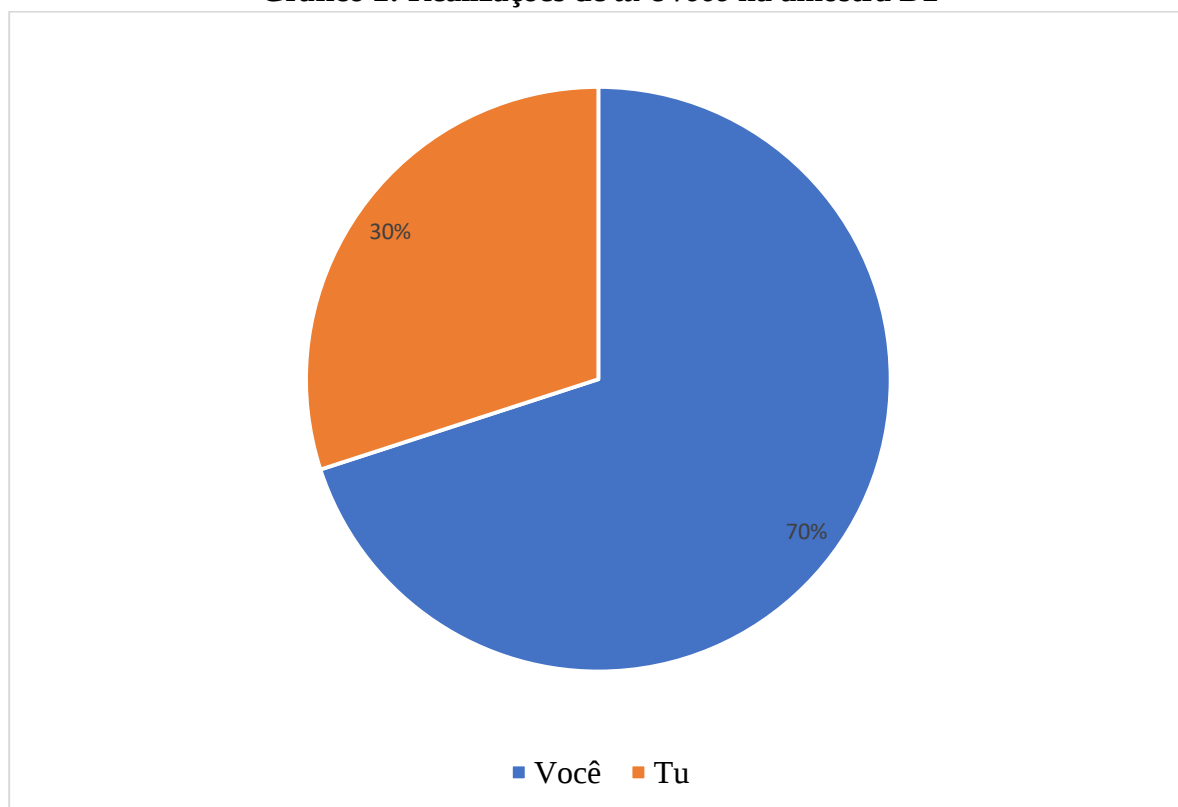
(20) E, o *sinhô* gosta, Pai, da cidade de Água Branca? I22AM

(21) O que que a *sinhora* acha dos seus irmãos? I12JF

Quanto à hipótese de que os pronomes *você*, *ocê* e *cê* ocorreriam com mais frequência que o pronome *tu* na fala dos quilombolas da Serra da Viúvas, observamos que os resultados comprovam que *você* tem a preferência dos quilombolas, sendo, portanto, o tratamento mais preferido, entretanto, a variante *tu* ocorre mais que as variantes *cê* e *ocê*, sendo assim, no que diz respeito à frequência de uso das variantes *ocê* e *cê* a nossa hipótese não foi confirmada.

4. 1.1 *Tu* e *você*

Para melhor entender os resultados, executamos a segunda rodada, nela separamos as ocorrências das variantes linguísticas *tu* e *você*. Realizamos os testes para comparar a frequência de realizações e observar quais variáveis linguísticas e/ou sociais estão condicionando a aplicação de uma ou de outra variante. O Goldvarb X nos deu os resultados do gráfico 2.

Gráfico 2: Realizações de *tu* e *você* na amostra D2

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Nos resultados, observamos a preferência dos falantes quilombolas pelo pronome *você*, no entanto, também computamos um percentual expressivo de uso de *tu*, resultando em um total de 206 ocorrência do pronome *você* correspondente a 70% de aplicação, e 88 realizações do pronome *tu* sem concordância, totalizando 30% de frequência. Estes dados comprovam a nossa hipótese de que a variante *você* é mais frequente na comunidade quilombola Serra das Viúvas do que a variante *tu*. A nossa pesquisa vai ao encontro da pesquisa de Silva (2019) que ao estudar a fala de informantes da Cidade de Coité do Noia no Agreste de Alagoas observou a preferência pela variante *você*. W, Silva., (2020), estudando a fala de oito municípios alagoanos a saber, Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios, União dos Palmares, Penedo, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres, também obteve resultados semelhantes, ou seja, maior porcentagem de uso da variante *você*.

No que diz respeito à realização da variante *tu*, nossos dados contrariam as pesquisas até aqui realizadas em Alagoas, que captaram poucas realizações da variante *tu* em comunidades de fala alagoanas, com exceção da pesquisa de Silva (2019), que utilizou a metodologia de coleta D2 e conseguiu captar um uso expressivo da variante *tu*.

4.1.1.1 Variáveis estatisticamente significativas

As variáveis independentes são aquelas que o pesquisador seleciona através de um estudo minucioso de outras pesquisas realizadas com a mesma variável dependente e que tiveram relevância na descrição do fenômeno linguístico variável, pois uma vez que apresenta significância em um estudo, tende a apresentar significância também em outros. Nesta pesquisa selecionamos as variáveis sociais *faixa etária*, *sexo/gênero*, *escolaridade*, *tipo de relação entre os falantes*, *relações entre sexos* e *relações entre faixas etárias*, bem como as variáveis linguísticas *determinação do referente* e *paralelismo pronominal*.

O programa computacional Goldvarb X selecionou as variáveis *escolaridade*, *tipo de relação entre os falantes*, *sexo/gênero*, *paralelismo pronominal* e *relações entre faixas etárias* como estatisticamente significativas, e as variáveis *relações entre sexos* e *faixa etária* foram descartadas, todas segundo a ordem de significância apresentada pelo programa. Na variável *determinação do referente* houve nocaute, por isso, tivemos que a excluir desta rodada, mas explicamos o motivo do nocaute e os resultados para esta variável.

4.2.1.1 A variável escolaridade

Como exposto na subseção 3.3.6.4 deste trabalho, a variável escolaridade não segue o padrão tradicional de estratificação dos trabalhos na área da Sociolinguística Variacionista, que abordam o problema dos fatores condicionantes, pela ausência de informantes que pudessem compor uma variável com ortogonalidade, isto é, uniformidade no número de células. O nível de escolarização dos informantes desta pesquisa é heterogêneo e como a comunidade é pequena e possui pouco mais de duzentos moradores, considerando a ausência de informantes para compor algumas células sociais, adaptamos esta variável a realidade da comunidade. Tomamos esta decisão em virtude da relevância da variável escolaridade em outras pesquisas, dessa forma, testamos a variável para observar sua influência na variação de *tu* e *você*.

A nossa amostra é composta por informantes de vários graus de escolarização, e não podendo organizar o número de células de forma homogênea, fizemos a seguinte separação: os informantes sem nenhuma escolarização em um grupo, este grupo tem um total de sete informantes. Os informantes com o ensino básico, que estudaram até pelo menos a quarta série do ensino fundamental, foram separados em um segundo grupo, havendo informantes que estudaram apenas um ano, outros dois anos, alguns três e quatro anos. O grupo é composto por nove informante. O terceiro grupo possui informantes com ensino fundamental completo, ensino médio incompleto e ensino médio completo, o grupo foi composto por oito falantes. Sendo assim, organizamos a variável em três fatores, a saber *sem escolarização*, *de um a quatro*

anos de escolarização, e de nove a doze anos de escolarização. O programa nos deu os resultados da tabela 1.

Tabela 1 – Variável escolaridade na amostra D2

Escolaridade	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Sem escolarização	37	57	65%	.84	20	57	35%	.16
De um a quatro anos de escolarização	27	135	20%	.32	108	135	80%	.68
De nove a doze anos de escolarização	24	102	23,5%	.53	78	102	76,5%	.47

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Nos resultados, podemos observar que o fator que mais condiciona a realização da variante *você* é *de um a quatro anos de escolarização* com percentual de 80% e peso relativo .68, este resultado descarta a nossa hipótese para esta variante, pois acreditávamos que quanto mais escolarização tivesse os falantes mais fariam uso de *você*. Neste aspecto, os resultados divergem da nossa hipótese, entretanto, em relação à aplicação do pronome *tu*, os resultados evidenciam grande influência da *ausência de escolarização* na aplicação da variante, ou seja, em relação ao pronome *tu* a nossa hipótese foi comprovada, uma vez que o fator *sem escolarização* influencia um percentual de 65% de aplicação e peso relativo .84. Ainda em relação à variante *tu*, verificamos que o fator *de nove a doze anos de escolarização* também influencia a aplicação da variante, com percentual de 25,5% e peso relativo .53.

Divino (2020) trabalhou em sua pesquisa com falantes de cinco estados do Nordeste, incluindo o estado de Alagoas e constatou que os falantes com mais escolaridade desfavoreceram o uso do *tu*. O pronome *você* foi, majoritariamente, escolhido pelos falantes de nível fundamental e universitário. Na análise, ficou evidente que todos os falantes, independentemente do nível de escolaridade, utilizam mais o pronome *você* em detrimento do *tu*. Silva e Vitório (2017), pesquisando o Sertão de Alagoas, notaram que o pronome *você* apresentou maior frequência em todos os níveis de escolaridade. Tais resultados divergem desta pesquisa quando mostram que mais escolarização favorece mais o uso de *você*, ou até mesmo que independentemente do nível de escolarização há preferência pela variante *você*, em nosso estudo, são os falantes que têm *de um a quatro anos de escolarização* que condicionam a

aplicação de *você*. O resultado e a significância desta variável mostram a importância de testar a escolarização dos informantes nos estudos sociolinguísticos com fenômenos variáveis.

4.1.1.2 A variável tipo de relação entre os falantes

Para Brown e Gilman (2003 [1960]), dentro da sociedade encontramos indivíduos que se relacionam por meio de relações simétricas e assimétricas, influenciadas pelo grau de intimidade ou distanciamento entre eles. Para analisar as relações existentes na comunidade quilombola Serra das Viúvas, organizamos os diálogos de forma que houvesse interação entre todas as relações. Os fatores para esta variável foram *esposo/esposa*, *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã*, *vizinha/vizinha* e *pai/filho*. Sendo que as relações *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã* e *vizinha/vizinha* são simétricas, e as relações *pai/filho* e *esposo/esposa*¹⁵ são assimétricas. A nossa hipótese é de que as relações assimétricas favorecem o pronome *você*, sendo que, na relação *pai/filho*, a tendência é de que haja utilização da forma de tratamento *o senhor* por parte do filho. Acreditamos que as relações simétricas favorecem a variante *tu*. A variável tipo de relação entre os falantes foi a segunda variável considerada estatisticamente significativa e tem os resultados apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Tipo de relação entre os falantes na amostra D2

Tipo de relação entre os falantes	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Amiga/Amiga	7	64	11%	.26	57	64	89%	.74
Irmão/Irmão	19	40	47,5%	.30	21	40	52,5%	.70
Vizinha/Vizinha	30	72	42%	.67	42	72	58%	.33
Esposo/Esposa	17	49	35%	.13	32	49	65%	.87
Irmão/irmã	1	34	3%	.16	33	34	97%	.84
Pai/filho	14	35	40%	.57	21	35	60%	.43

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

¹⁵ Em estudos como o de Silva (2019), a relação *esposo/esposa* é considerada como simétrica, em nosso estudo, como já mencionado na subseção 3.3.6.4, a relação é tomada como assimétrica, haja vista que os próprios informantes, no processo de gravações dos diálogos, afirmavam a preferência pelo uso da variante *você* para se dirigirem ao cônjuge.

Os resultados nos mostram que a relação que mais favoreceu o uso do *você* foi a relação *esposos/esposas* com percentual de 65% e peso relativo .87, este resultado poderia evidenciar a comprovação da hipótese de que as relações assimétricas favorecem o uso do *você*, entretanto o segundo fator que mais condicionou a variante *você* foi a relação *irmão/irmã* que é uma relação simétrica, com percentual de 97% e peso relativo .84. A relação *amiga/amiga* também é uma relação simétrica e favoreceu o uso do pronome *você* com percentual de 89% e peso relativo .74, caso semelhante aconteceu no fator *irmão/irmão* que, apesar de ser uma relação entre iguais, condicionou o uso do *você*, com percentual de 52,5% e .70 de peso relativo.

Em relação à variante *tu*, observamos que a relação *vizinha/vizinha* condicionou a variante *tu* com percentual de 42% e peso relativo .67. Também observamos o favorecimento pela relação *pai/filho* que é uma relação assimétrica com percentual de 40% e peso relativo .57. A nossa hipótese para este fator era de que haveria a tendência de os filhos utilizarem no tratamento com os pais a expressão *o senhor*, e, ao avaliar a amostra, constatamos que, em todas as aplicações do pronome de segunda pessoa do singular feitas pelos filhos nessa relação, foi utilizada a expressão *o senhor*. Sendo assim, podemos afirmar que todas as realizações de *tu* que o programa utilizado computou, foram realizadas pelos pais e não pelas duas partes.

Na pesquisa de Silva (2019) em Coité do Noia – AL, a variável tipo de relação entre os falantes não foi considerada estatisticamente significativa, mas a autora verificou que diferente dos nossos resultados, todas as relações assimétricas favoreciam o uso do *você* e as relações simétricas condicionavam o uso de *tu*. Diante dos resultados obtidos em nossa pesquisa, podemos afirmar que o tipo de relação entre os falantes influencia a variação entre *tu* e *você*, mas não podemos dizer que, na comunidade quilombola Serra da Viúvas, apenas as relações assimétricas condicionam o uso de *você*, pois as relações simétricas também condicionam.

4.1.1.3 A Variável Sexo/gênero

A variável sexo/gênero está dividida nos fatores *masculino* e *feminino* e foi a terceira variável considerada como estatisticamente significativa. Novaes e Siqueira (2020) examinaram seis estudos sociolinguísticos realizados no sertão alagoano para entender a influência da variável sexo/gênero sobre a variedade falada na comunidade. Os autores focalizaram nos fenômenos linguísticos variáveis *você* e *cê*, verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais, *nós* e *a gente* na posição de sujeito, *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, concordância verbal com o pronome *nós* e concordância verbal com o pronome *a gente*. Dos seis trabalhos observados, apenas a pesquisa que tratava de *nós* e *a gente* na posição do sujeito teve a variável sexo/gênero considerada como estatisticamente significativa.

Sendo assim, consideramos importante entender se o comportamento linguístico dos homens e mulheres quilombolas se assemelham aos da pesquisa de Novaes e Siqueira (2020). Apesar dos resultados da pesquisa dos autores, para esta variável a nossa hipótese é de que o sexo/gênero *masculino* faz mais uso da variante *você* do que o sexo/gênero *feminino*, uma vez que, por motivos laborais, os homens da comunidade têm contato com outras variedades linguísticas, e, como nos mostram Scherre, Andrade e Catão (2020-2021), o pronome *você* é amplamente utilizado Brasil a fora, sendo assim há a possibilidade de o sexo/gênero *masculino* ser mais adeptos ao uso da variante *você*.

Nesta pesquisa, a variável sexo/gênero foi considerada estatisticamente significativa, e esse fato já mostra um resultado divergente das pesquisas sintetizadas por Novaes e Siqueira (2020), ou seja, há influência do sexo/gênero na aplicação das variantes *tu* e *você* na comunidade estudada, conforme podemos observar nos resultados na tabela 3.

Tabela 3 - Sexo/ Gênero na amostra D2

Sexo/gênero	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Feminino	44	182	24%	.30	138	182	76%	.70
Masculino	44	112	39%	.81	68	112	61%	.19

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Os percentuais e pesos relativos nos mostram que o fator que favorece a aplicação de *você* é o fator *feminino* com percentual de 76% e peso relativo .70, o fator masculino, por sua vez, favorece o uso do *tu* com percentual de 39% e peso relativo .81. Diante destes resultados, verificamos que a nossa hipótese não foi comprovada, uma vez que as mulheres favorecem o uso de *você*, também podemos afirmar que o nosso estudo não se enquadra no mesmo grupo das pesquisas de Novaes e Siqueira (2020), pois, diferente dos resultados encontrados pelos autores, nesta pesquisa os homens e mulheres têm comportamento linguístico diferente.

Silva, W., (2020), quando analisou a fala de oito municípios alagoanos, constatou que os homens fazem mais uso da variante *você* do que as mulheres. Souza (2021a, 2021b, 2022) testou a variável sexo/gênero na mesma comunidade quilombola. Realizou três pesquisas com fenômenos distintos, a saber, concordância verbal com a terceira pessoa do plural, concordância verbal com o pronome *nós* e a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito. Das três pesquisas,

apenas a pesquisa com o fenômeno variável *nós* e *a gente* na posição de sujeito apresentou a variável sexo/gênero como significante. Conforme a pesquisa, as mulheres são mais conservadoras que os homens. A autora supõe que o motivo do resultado é a frequência com que os homens da comunidade se ausentam do território por motivos laborais. Apesar de estarmos dialogando com fenômenos linguísticos variáveis deferentes, é importante chamar a atenção para o fato de que, nas pesquisas, é o sexo/gênero *feminino* que condiciona a variedade padrão dentro da comunidade.

4.1.1.4 A variável paralelismo pronominal

O paralelismo pronominal postula um padrão de repetição do mesmo pronome em uma mesma sequência discursiva. Sendo a quarta variável considerada estatisticamente significativa, foi a primeira e única variável linguística que apresentou relevância no programa computacional Goldvarb X. Separamos esta variável nos fatores *realização isolada*, *primeira da série*, *antecedida por tu* e *antecedida por você*. A nossa hipótese é de que a aplicação da variante *você* favorece a aplicação da variante *você*, bem como ocorrência da variante *tu* favorece a aplicação da mesma variante. O programa nos mostrou os resultados da tabela 4.

Tabela 4 – Paralelismo Pronominal na amostra D2

Paralelismo pronominal	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Realização isolada	73	229	32%	.55	156	229	69%	.45
Primeira da série	7	26	27%	.53	19	26	73%	.47
Antecedida por você	1	31	3%	.12	30	31	97%	.88
Antecedida por tu	7	8	87,5%	.96	1	8	12,5%	.04

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme a tabela 4, o único fator que favorece a variante *você* é a anteposição de *você* com percentual de 97% e peso relativo .88, conforme podemos observar nos exemplos (22) e (23). Em relação à variante *tu*, podemos notar que foi favorecida pelo fator *antecedida por tu* com percentual de 87,5% e peso relativo .96, como exposto nos exemplos (24) e (25). Esses resultados comprovam a nossa hipótese de que uma marca pronominal leva a repetição da mesma marca, confirmando a atuação do paralelismo pronominal no uso desses pronomes.

(22) A cidade de Água Branca é uma coisa muito importante, porque uma coisa muito importante de mais, que é aquela igreja com Nossa Senhora da conceição, uma coisa mar linda do mundo, quando *você* chega na cidade, *você* já vê uma coisa iluninano, iluninano o sol o tempo a vida toda, porque Nossa Senhora da Conceição está lá dento daquela igreja, uma coisa muito importante de mais, minina. I19AF

(23) Sabe dizê não? Diga qualquer coisa, se *você* pretende ainda istudá, istudá, acho que num pretende mais, e se casá *você* pretende que ainda, num casou? I21IM

(24) Mais se *tu* achá uma pessoa que dé certo, *tu* num casá não? I21IM

(25) Se Leninha quizesse casá cum *tu*, *tu* queria Deilso? I21IM

Ainda em relação à variante *tu*, observamos seu favorecimento nos fatores *realização isolada* com percentual 32% e peso relativo .55, como nos mostram os exemplos (26) e (27). O fator *primeira da série* também apresentou relevância uma vez que apareceu com percentual de 27% e peso relativo .53, como observamos nos exemplos (28) e (29).

(26) Que *tu* acha do abastecimento de água? I1JF

(27) Cumo era que *tu* vivia cum teus pais, brigando ou de bem? I3IM

(28) *Tu* queria Deilso, se Leninha dicesse eu caso cum *você*, *você* num queria não? I21IM

(29) E *tu* Deilso da festa da padroeira, o que que *tu* acha? I21IM

Assim como nos nossos resultados, Vitorio e Silva (2017), na fala de informantes do Sertão alagoano, e Silva (2019), na comunidade de Coité do Noia, observaram que, na variável paralelismo pronominal, o pronome *tu* apresentou maior frequência quando antecedido por *tu*, e *você* quando antecedido por *você*, confirmando o princípio do paralelismo.

4.1.1.5 A variável relação entre faixas etárias

A variável relação entre faixas etárias foi a última variável considerada como estatisticamente significativa. Com o objetivo de checar de que forma os falantes se comportam diante de iguais ou diferentes em relação à idade, consideramos a interação entre faixas etárias a partir dos seguintes fatores: *Jovem/Jovem*, *Jovem/Idoso*, *Adulto/Adulto*, *Adulto/Idoso*, *Idoso/Idoso*. Nossa hipótese é de que, nas relações simétricas, *Jovem/Jovem*, *Adulto/Adulto* e *Idoso/Idoso*, os quilombolas favorecem a variante *tu* e, nas relações assimétricas, *Jovem/Idoso* e *Adulto/Idoso*, favorecem a variante *você*. Vejamos os resultados para esta variável na tabela 5.

Tabela 5 – Relações entre faixas etárias na amostra D2

Relações entre faixas etárias	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Jovem/Jovem	23	91	25%	.21	68	91	75%	.79
Jovem/Idoso	3	25	12%	.89	22	25	88%	.11
Adulto/Adulto	23	81	28%	.75	58	81	72%	.25
Adulto/Idoso	23	66	35%	.20	43	66	65%	.80
Idoso/Idoso	16	31	52%	.93	15	31	48%	.07

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

De acordo com os resultados, o fator que mais condicionou a variante *you* foi *Adulto/Idoso*, com percentual 65% e peso relativo .80, sendo que este fator se refere à uma relação assimétrica. O fator *jovem/jovem* que é uma relação simétrica também condicionou a aplicação da variante *you*, com percentual de 75% e peso relativo .79. Na variante *tu*, observamos o fator *Idoso/Idoso*, relação simétrica condicionando em 52% e peso relativo .93. O fator *Jovem/Idoso*, relação assimétrica, também favorece a variante *tu* com percentual de 12% e peso relativo .89. Ainda em relação à variante *tu*, podemos notar o fator *Adulto/Adulto* favorecendo sua aplicação, com percentual de 28% e peso relativo .75.

Silva (2019) observou que, nas relações simétricas, como no caso de *Jovem/Jovem*, há tendência de ocorrências do pronome *tu*, já em relações assimétricas, como nos casos de *Jovem/Adulto*, *Jovem/Idoso* e *Adulto/Idoso*, há o favorecimento de *you*. Nesta pesquisa, não encontramos resultados totalmente iguais, haja vista que a relação assimétrica *Adulto/Idoso* condiciona o uso de *you*, mas a relação simétrica *Jovem/Jovem* também favorece seu uso. Da mesma maneira ocorre com a variante *tu*, pois, tanto é favorecida pela relação simétrica *Idoso/Idoso* e *Adulto/Adulto*, como pela relação assimétrica *Jovem/Idoso*. Nossa hipótese para esta variável foi refutada e podemos dizer que, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, não há um padrão de simetria ou assimetria que condicionem as variantes *tu* e *you*, as formas são condicionadas tanto pelas relações assimétricas quanto pelas relações simétricas.

4.1.1.6 Variáveis estatisticamente não significativas

A variável é considerada estatisticamente não significativa quando não exerce influência sobre a variável dependente. Nesses casos, as porcentagens para os fatores não influenciam diretamente na ocorrência das variantes, isto é, os percentuais são muito próximos e não chegam a condicionar as ocorrências. Nesta pesquisa, duas variáveis foram consideradas como não significativas pelo Goldvarb X, a saber, relações entre sexos e faixa etária, segundo a ordem de eliminação. Sobre a ausência de significância de uma variável, Guy e Zilles (2007) argumentam que a falta de significância de uma relação ou efeito é, em si, um fato, uma descoberta, uma evidência, uma resposta às perguntas do pesquisador.

Se um pesquisador só apresenta as respostas do tipo sim, e não as respostas do tipo não, acaba deixando várias das perguntas simplesmente sem respostas nos arquivos da ciência, e futuros pesquisadores não vão saber que tal pergunta foi investigada. Portanto, a prática de não apresentar resultados negativos tem um efeito negativo para o progresso da ciência: a falta de relato sobre um assunto acaba sendo ambígua pode indicar que ninguém jamais pensou em investigar tal assunto, o que sim, alguém investigou e teve resultados sem significância. A prática de pesquisadores em variação linguística deve ser, então, a de sempre descrever os fatores investigados, deixando claro quais deles obtiveram significância, e também quais deles deram resultados sem significância (Guy; Zilles, 2007, p. 214-2150).

Considerando a importância de apresentar não somente as variáveis significativas, mas também as variáveis não significativas, como sugerem os autores, apresentamos os resultados das variáveis descartadas pelo programa. Em seguida, mostramos a variável determinação do referente que, nesta rodada, apresentou nocaute.

4.1.1.7 Relações entre sexos

Para melhor explorar a variável sexo/gênero, testamos a relação entre sexo/gênero, a saber, *homem/homem*, *mulher/mulher*, *homem/mulher*. Na pesquisa de Silva (2019), houve maior probabilidade para o *tu* em relação entre iguais, especialmente em relações entre informantes do sexo/gênero feminino, enquanto o *você* ocorreu preferencialmente em relações com interação de informantes de sexos diferentes. A nossa hipótese para esta variável é de que a variante *tu* ocorre majoritariamente nas relações entre iguais; a variante *você* tende a ocorrer em relações de informantes de sexos diferentes. Observemos os nossos resultados na tabela 6.

Tabela 6 – Relações entre sexos na amostra D2

Relações entre sexos	Tu			Você		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Home/Homem	33	75	44%	42	75	56%
Mulher/Mulher	37	136	27%	99	136	73%
Homem/Mulher	18	83	22%	65	83	78%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Dos resultados, depreendemos que independente da relação entre os sexos, os falantes preferem a variante *você*, mas também utilizam a variante *tu*, entretanto, em menos quantidade. Isso se justifica pelos percentuais de aplicação da variante *você* 56% na relação *Homem/Homem*, 73% na relação *Mulher/Mulher* e 78% na relação *Homem/ Mulher*. Por outro lado, observamos que, em relação a variante *tu*, todos os percentuais são bem menores, pois temos 44% na relação *Homes/Homem*, 27% na relação *Mulher/Mulher* e 22% na relação *Homem/Mulher*. Sendo assim, a nossa hipótese para esta variável foi descartada. É interessante enfatizar que na subseção 4.1.1.3, os resultados mostraram que a variável sexo/gênero foi estatisticamente significativa, tendo os homens utilizando preferencialmente a variante *tu* e as mulheres *você*. No caso desta variável, a relação entre os sexos não condiciona a aplicação do fenômeno em estudo.

4.1.1.8 A variável faixa etária

Amplamente testada nas pesquisas sociolinguísticas, a faixa etária possibilita a análise da mudança linguística em tempo aparente. Um estudo em tempo aparente pode apontar diferentes estágios de desenvolvimento de um fenômeno na língua a depender da geração que cada informante faz parte. Esse tipo de estudo permite identificar uma mudança em curso ou um caso de variação estável, e ainda observar o que é característico de cada faixa. A variável faixa etária foi dividida em três fatores, o fator *jovem* corresponde aos falantes de 18 a 32 anos, o fator *adulto* informantes de 35 a 55 anos e o fator *idoso* são falantes com 60 anos em diante.

Silva (2019) e Silva, W., (2020), em pesquisas com amostra de falantes alagoanos, verificaram que falantes mais jovens tendem a utilizar a variante *tu* e falantes mais idosos preferem a variante *você*. Assim, partimos do pressuposto de que os falantes mais jovens favorecem a variante *tu* e os mais idosos favorecem a variante *você*. De acordo com a rodada no Goldvarb X obtivemos os resultados apresentados na tabela 7.

Tabela 7 – Variável Faixa etária na amostra D2

Variável Faixa etária	Tu			Você		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Jovem	23	91	25%	68	91	75%
Adulto	27	95	28%	68	95	72%
Idoso	38	108	35%	70	108	65%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme os resultados, a variável faixa etária foi a última eliminada pelo programa, isso revela que não há influência da variável na variação de *tu* e *você* na comunidade quilombola Serra das Viúvas, isto é, independentemente da idade os falantes preferem fazer uso da variante *você*. Os resultados nos mostram um percentual de 75% de uso para os jovens, 72% para adultos e 65% para os idosos. Em relação à variante *tu*, podemos ver os percentuais reduzidos, sendo que os jovens aparecem com percentual de aplicação de 25%, os adultos 28% e os idosos 35%. Trazendo a nossa hipótese para dialogar com os percentuais, podemos afirmar que esta foi totalmente descartada, pois a faixa jovem apresentou um percentual maior da variante *você* e a faixa idosa a que mais fez uso da variante *tu*.

4.1.1.9 A variável determinação do referente e o nocaute

A variável determinação do referente está mais concentrada no campo semântico, pois observa se a referência está sendo feita a própria pessoa com quem está dialogando, como em (30) e (31) ou se está fazendo referência a uma segunda pessoa indeterminada, não sendo exatamente as pessoas presentes no diálogo, uma referência generalizada como exposto no exemplo (32) e (33), ao qual Collins e Postal (2012) denominam de pronome *impostor*, ou *você genérico*, como discutido na subseção 3.3.6.6.

(30) *Você* tem roça? I1JF

(31) *Tu* tem roça? I2JF

(32) E então aí eu achei que foi muito bom celulé e o internet, porque as vezes acontece que a pessoa aduece, está num lugá e não tem nada. Com um celulé *você* liga pá qualquer pessoa da família, a pessoa pode lhe ajudá porque tá cum celulé. Então, acho que isso, o celulé é bom e o internet também, porque tem canto que não pega o celulé, mais tem internet, o celulé pega, né? Eu achei bom pur essa parte, né, e além disso,

tamém tira uma foto, tira uma foto de *você* pra mandá pa um familiar, tira uma foto pra andá pra qualquer lugá do mundo, né? Uma foto num celulá, né? E aí, eu gostei muito do celulá I19 AF.

(33) É o que mais tem na vida, é o que mais a gente tem na vida é amiga falsa, porque assim, as vezes *você* tem um uma, um segredo que *você* conta pra uma amiga, só que tem aquela amiga que tem ôta amiga que também gosta da ota amiga, aí o que acontece, eu conto meu segredo pra *você* , Lucinha, meu segredo é esse e esse. I19 AF

Para a análise da variável, consideramos a determinação do referente dividida em dois fatores, correspondendo ao *referente determinado* e *referente indeterminado* , e tomando por base o estudo de Silva (2019) e Silva, W., (2020), nossa hipótese é de que o pronome *você* é mais utilizado na referência indeterminada, já o pronome *tu* , em referência determinada.

Ao realizar a rodada no programa, nos deparamos com o nocaute da variável. Segundo Guy e Zilles (2007) “um nocaute, na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores dependentes” (Guy; Zilles, 2007, p. 158). Quando uma variável aparece com nocaute o programa não consegue processar totalmente os dados deixando de fazer os cálculos para os pesos relativos e o nível de significância de cada fator.

[...] Esses casos são chamados de nocautes porque, em tal contexto, o valor desse fator se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente; quaisquer que sejam os outros fatores presentes, o resultado vai ser sempre 0% ou 100% de aplicações do processo indicado pelo nocaute. Os outros efeitos de contexto, portanto, são postos fora do ringue. Esses contextos são um problema analítico para a rotina do Varbrul, porque a matemática da análise inclui cálculos em que, num dado momento, se procede a uma divisão pela fração de aplicações e, noutro momento, pelas frações de não-aplicações. Se uma dessas frações é equivalente a zero, cria-se a violação de um princípio básico da matemática de números reais: não se pode dividir por zero. Portanto, qualquer nocaute nos dados tem que ser excluído dos cálculos de pesos relativos (Guy; Zilles, 2007, p. 158).

Por isso, ao constatar o nocaute na rodada de *tu* e *você* , foi necessário reservar os resultados do nocaute e organizar uma nova rodada de dados sem a variável determinação do referente, isto é, detectado o nocaute, excluimos a variável determinação do referente, para poder obter os resultados da rodada *tu* e *você* . Vejamos na tabela 8, como se deu o nocaute.

Tabela 8 – Determinação do referente na amostra D2

Determinação do referente	Tu			Você		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Referente determinado	88	276	32%	188	276	68%
Referente indeterminado	0	18	0%	18	18	100%

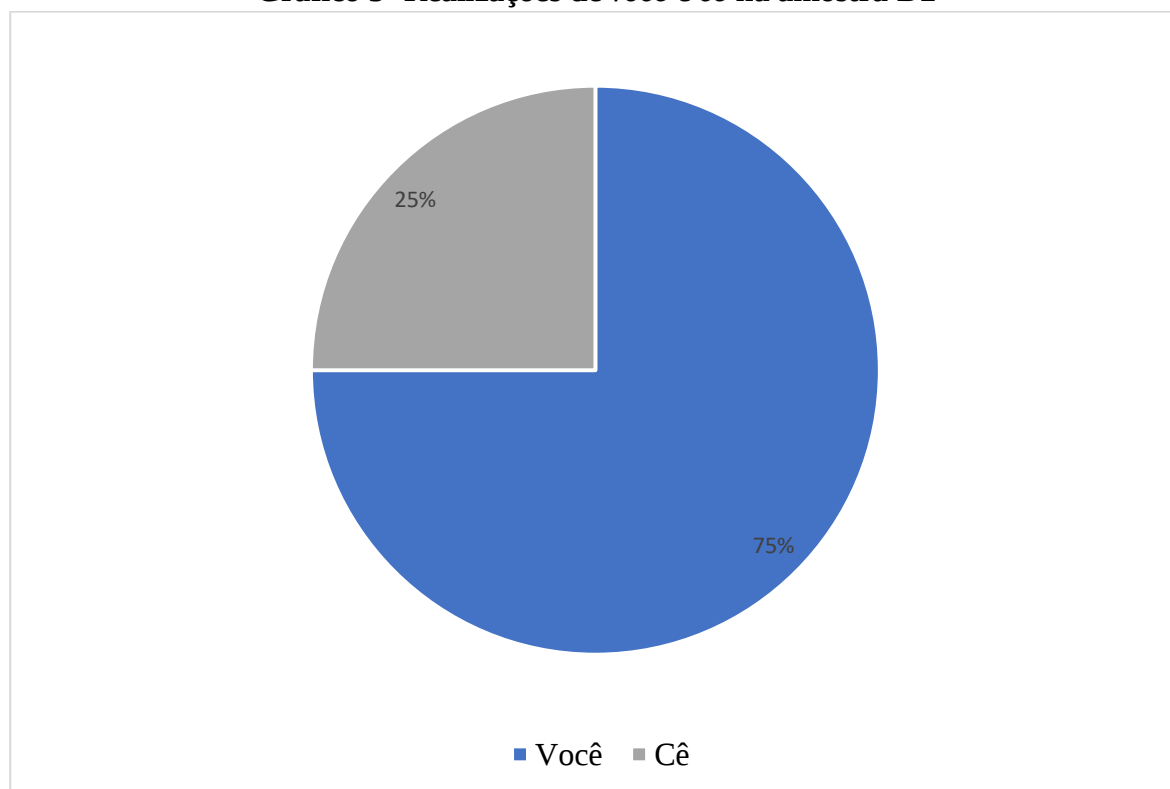
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

De acordo com os resultados, o nocaute aconteceu pelo fato de a variante *tu* acontecer exclusivamente mediante ao referente determinado. A tabela 8 mostra que, das 88 realizações do pronome *tu*, todas foram com *referente determinado*. Conforme os dados, não houve uso de *tu* com referência indeterminada. Na variante *você*, verificamos que ocorre tanto na referência determinada com percentual de 68%, quanto na referência indeterminada com 100% de ocorrências, das 18 ocorrências do referente indeterminados, todas foram de *você*.

Assim como na nossa pesquisa, Silva (2019), analisando a fala de Coité do Noia- AL computou uma única realização de *tu* na referência indeterminada, constatando que o pronome foi mais frequente com referência determinada. Com relação ao pronome *você*, houve percentuais altos de uso nos dois fatores. De acordo com os resultados, o *você* é mais utilizado em referências indeterminadas. Silva, W., (2020), em sua investigação, constatou que variável determinação do referente condicionava a aplicação da variante *você*, haja vista que *você* ocorria preferencialmente na referência indeterminada. Sendo assim, a nossa hipótese de que o pronome *tu* aconteceria preferencialmente com referente determinado foi comprovada. A variante *você* diferente do que acreditávamos, acontece tanto com referente determinado quanto com referente indeterminado, mas com preferência da referência determinada.

4.1.2 A variável dependente *você* e *cê*

Após realizar a rodada com as variantes *tu* e *você*, testamos também as variantes *você* e *cê*, para observar as frequências e os condicionadores que influenciam a variação. Separamos as sentenças com realização fonética de *você* e *cê* na posição do sujeito e submetemos ao programa Goldvarb X. Computamos 206 ocorrências da variante *você*, correspondentes a 75% e 69 realizações de *cê* que correspondem a 25%, conforme gráfico 3.

Gráfico 3- Realizações de *você* e *cê* na amostra D2

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Scherre, Andrade e Catão (2020-2021) apontam a necessidade de trabalhos com os pronomes de segunda pessoa do singular, que não só capturem a presença das variantes *tu* e *você*, mas que contemplem as variantes *cê* e *ocê*, pois, conforme os autores, as formas acompanha *você* Brasil a fora. Ainda segundo os autores, a variante *ocê* tende a ocorrer em áreas interioranas e rurais, já a variante *cê*, é mais frequente em centros urbanos.

No trabalho de Silva e Vitória (2017), Silva (2019) e Silva, W., (2020), que foram realizados no estado de Alagoas, as autoras também encontraram realizações da variante *cê*. Silva e Vitória (2017) constataram que, na fala dos sertanejos alagoanos, há a variação *você* e *cê*, com percentuais de 94% de *você* e 6% de realizações da variante *cê*. Silva (2019), dentre as realizações encontradas, 372 foram do pronome *você* e 91 de variante *cê*. Esses dados representam percentuais de 80% de *você* contra 20% de *cê*, mostrando que, apesar da presença das duas formas na fala da comunidade estudada, o pronome *você* tem seu uso mais elevado. Silva, W., (2020) constatou que das 1.014 realizações do pronome de segunda pessoa do singular 725 foram do pronome *você* 216 foram do pronome *cê*.

Se levarmos em consideração a afirmação de Scherre, Andrade e Catão (2021) de que a forma *cê* é mais frequente em áreas urbanas, e observando os resultados das pesquisas de Silva e Vitória (2017), Silva (2019) e Silva, W., (2020), podemos afirmar que a variante *cê* está se

expandindo rapidamente para áreas interioranas e rurais, pois os resultados da presente pesquisa mostram que, além do uso da variante *você*, os quilombolas da Serra das Viúvas também alternam a posição de sujeito com a forma de uso *cê*.

4.1.2 .1 Variáveis analisadas

Na segunda rodada consideramos as variáveis sociais *faixa etária*, *sexo/gênero*, *escolaridade*, *tipo de relação entre os falantes*, *relações entre sexos* e *relações entre faixas etárias*, e também as variáveis linguísticas *determinação do referente* e *paralelismo pronominal*. Nesta rodada, apenas uma variável foi considerada como estatisticamente significativa, o tipo de *relação entre os falantes*. O Goldvarb X apresentou as seguintes variáveis como estatisticamente não significativas, *relações entre sexos*, *sexo/gênero*, *escolaridade*, *faixa etária*, *relações entre faixa etárias*, segundo a ordem de eliminação. Nas variáveis *determinação do referente* e *paralelismo pronominal* houve nocaute.

4.1.2.2 A variável relação entre os falantes

A variável *relação entre os falantes* foi dividida nos fatores *esposo/esposa*, *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã*, *vizinha/vizinha* e *pai/filho*. As relações *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã* e *vizinha/vizinha* são simétricas, e as relações *esposo/esposa* e *pai/filho* são assimétricas. Baseados na pesquisa de Silva (2019), a nossa hipótese é de que as relações assimétricas favorecem o pronome *você* e as relações simétricas *cê*. Vejamos os resultados para esta variável na tabela 9:

Tabela 9 – Tipo de relação entre os falantes na amostra D2

Tipo de relação entre os falantes	Você				Cê			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Amiga/Amiga	57	65	87,5%	.67	8	65	12,5	.33
Irmão/Irmão	22	52	41%	.16	30	52	59%	.84
Vizinha/Vizinha	44	49	85,5%	.67	6	49	12,5%	.33
Esposo/Esposa	33	45	73%	.43	12	45	27%	.57
Irmão/Irmã	34	43	79%	.51	9	43	21	.49
Pai/filho	22	26	84%	.60	4	26	16%	.40

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme a tabela 9, os fatores que favorecem o uso de *você* são *amiga/amiga* e *vizinha/vizinha*, com 87,5 e 85,5% respectivamente e peso relativo .67. A relação *pai/filho* também favorece a aplicação da variante *você* com 84% e peso relativo .60. A relação irmão/irmã condiciona a variante *você* com percentual de 79% e peso relativo .51. A nossa hipótese de que as relações assimétricas condicionam a aplicação da variante *você* não pode ser refutada, haja vista que a relação *pai/filho* que é assimétrica condiciona a aplicação da variante *você*, entretanto as relações *Amiga/Amiga*, *Vizinha/Vizinha* e *Irmão/Irmã* que são simétricas também favorecem a aplicação da variante *você*, por isso não podemos afirmar que apenas as relações assimétricas condicionam a ocorrência da forma *você*, mas que relações simétricas e assimétricas influenciam a aplicação de *você*.

Como foi enfatizado na rodada *tu* e *você*, na relação *pai/filho* todas as ocorrências de *você* e *cê* foram feitas pelos pais, pois na análise do *corpus* de estudo, notamos que os filhos, em todas as possibilidades de aplicação do pronome de segunda pessoa do singular, tratavam o pai pelo *o senhor* como nos mostram os exemplos (34) e (35).

(34) O *sinhô* acha o que da festa de São Cecília. I9JM

(35) E, o *sinhô* gosta, Pai, da cidade de Água Branca? I22AM

No que se refere à variante *cê*, verificamos o fator *Irmão/Irmão* condicionando sua aplicação em 59% e peso relativo .84. Da mesma forma a relação *Esposo/Esposa* condiciona o

uso de *cê* com percentual de 27% e peso relativo .57. Dos resultados, depreendemos que não há um padrão seguido na variável *tipo de relações entre os falantes*, não podemos dizer que a variante *cê* é condicionada somente por relações simétricas.

Da relação *Pai/Filho* não podemos afirmar sobre sua influência, uma vez que as realizações são apenas de uma das partes, isto é, o Pai. Semelhante ao nosso estudo, Silva (2019) verificou que a variante *você* é utilizada como coringa, podendo ser usado tanto em relações mais íntimas, ou em relações menos íntimas. Já o uso de *cê*, semelhante aos nossos resultados, a autora verificou o uso tendendo a ocorrer em relações de maior intimidade entre os falantes.

4.1.2.3 Variáveis estatisticamente não significativas

Assim como na rodada entre *tu* e *você*, apresentamos as variáveis que foram consideradas como estatisticamente não significativas pelo programa computacional Goldvarb X. As variáveis descartadas foram relações entre sexos, sexo/gênero, escolaridade, faixa etária e relações entre faixas etárias. Nas variáveis determinação do referente e paralelismo pronominal houve nocaute.

4.1.2. 3. 1 A variável relações entre os sexos

A variável relações entre os sexos discute o comportamento linguístico dos falantes mediante a alguém do mesmo sexo/gênero ou diferente. Subdividimos esta variável nos fatores Homem/Homem, Mulher/Mulher e Homem/Mulher. A nossa hipótese para esta variável é de que a variante *você* tende a ocorrer em relações de informantes de sexos diferentes, e a variante *cê* acontece na relação entre iguais. A variável relações entre sexos foi a primeira variável considerada como estatisticamente não significativa pelo Goldvarb X, conforme tabela 10.

Tabela 10 – Relações entre sexos na amostra D2

Relações entre sexos	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Homem/Homem	43	77	55%	34	77	45%
Mulher/Mulher	99	113	87,5%	14	113	12,5%
Homem/Mulher	65	87	76%	21	87	24%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Observamos a predominância da variante *você* em todas as relações, visto que na relação *Mulher/Mulher* houve um percentual de 87,5%, na relação *Homem/mulher* 76% e na relação *Homem/Homem* houve um percentual de 55%. Os percentuais nos mostram que a relação que mais ocorre o uso da variante *você* é *Mulher/Mulher*, seguida da relação *Homem/Mulher*.

Em relação à variante *cê* os percentuais da tabela 10 evidenciam que a relação *Homem/Homem* foi a que apresentou mais uso, com percentuais de 45%, a relação com percentual mais baixo foi a relação *Mulher/Mulher* – 12,5%.

4.1.2.3.2 A variável sexo/gênero

A variável sexo/gênero foi subdividida nos fatores *feminino* e *masculino*, sendo a segunda variável eliminada pelo programa. Para esta variável, a nossa hipótese é a de que o sexo/gênero *masculino* favorece a variante *você* e o sexo/gênero *feminino* favorece o uso de *cê*. O fato de esta variável ter sido descartada nos remete ao trabalho de Novaes e Siqueira (2020) que evidencia que a variável sexo/gênero como pouco influente na região do sertão Alagoano, neste caso, os resultados desta rodada, conforme tabela 11, estão de acordo com os resultados dos autores, que mostram o sexo/gênero como não influente na escolha linguística dos falantes.

Tabela 11 - Sexo/ Gênero na amostra D2

Sexo/gênero	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Feminino	138	164	84%	26	164	16%
Masculino	69	112	61%	43	112	39%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

De acordo com a tabela 11, para a variante *você*, o sexo/gênero *feminino* apresenta percentual de 84%, e o sexo gênero *masculino* percentual de 61%. Este resultado mostra que apesar de os dois sexos/gêneros usarem mais a variante *você*, o sexo/gênero *feminino* usa mais essa variante. A variante *cê*, por sua vez, é mais usada pelo fator *masculino* com 39% e pelo fator *feminino* em 16%. Para a variante *cê*, Silva, W., (2020) também obteve percentuais abaixo de 50% de aplicação, tanto para o sexo/gênero *feminino* quanto para o *masculino*. O sexo/gênero *masculino* apresentou 26,7%, e semelhante à nossa pesquisa o fator *feminino* apresentou um percentual de 16,6% da forma variável *cê*.

4.1.2.3.3 A variável escolaridade

A variável escolaridade é amplamente testada nas pesquisas sociolinguística uma vez que a escolaridade dos informantes pode ser decisiva na aplicação de uma ou de outra variante. Em geral, quanto mais escolaridade possuir o falante, mais tendência de aplicação da variante padrão. Lembrando que cada comunidade de fala tem sua variedade linguísticas, a comunidade quilombola Serra da Viúvas, por exemplo, nos mostrou isto na rodada entre *tu* e *você*, conforme os resultados não eram os falantes com mais escolarização da amostra que mais favoreciam a variante *você*, mas os informantes que tinham *de um a quatro anos de escolarização*.

Na composição da amostra utilizada para esta pesquisa, observando o perfil da comunidade, não houve a possibilidade de organizar a variável escolaridade da mesma forma como os estudos da nossa revisão de literatura fazem, uma vez que não há informantes suficientes para compor a variável de forma homogênea, de modo a preencher as células com o mesmo número de informantes com determinada escolarização. Sendo assim, a amostra é composta por quatro informantes de Ensino Médio completo, três informantes com Ensino Médio incompleto, um informante com Ensino Fundamental completo, nove informantes que estudaram da primeira à quarta série e sete informantes sem nenhuma escolarização.

A ausência de ortogonalidade na variável não nos permitiu analisar esta variável da mesma forma como fazem as pesquisas de Silva e Vitorio (2017) e Silva (2019) que estratificaram suas amostras com os fatores analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Por não dispor de uma amostra homogênea, separamos a variável da seguinte maneira: classificamos os sete informantes sem escolarização em um grupo, juntamos os nove informantes que tinham de um a quatro anos de escolarização em outro grupo, e por último, formamos um grupo com um informante com ensino fundamental completo, quatro informantes de ensino médio completo e três informantes com ensino médio incompleto. Nossa hipótese é de que quanto mais escolarizado for o informante, mais utilizará as variantes *você*.

A variável escolaridade foi a terceira variável considerada como estatisticamente não significativa, isto é, a variável não interfere na variação de *você* e *cê*, pois independentemente do nível de escolaridade, os falantes optam preferencialmente pela variante *você*, no entanto é importante observar como se deu a distribuição dos percentuais, conforme tabela 12.

Tabela 12 – Variável escolaridade na amostra D2

Escolaridade	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Sem escolarização	21	29	71%	8	29	29%
De um a quatro anos de estudos	108	128	84%	20	128	16%
De nove a doze anos de estudos	79	120	65,5%	41	120	34,5%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

De acordo com os dados, são os falantes que têm *de um a quatro anos de escolarização* que mais usam *você*, com um percentual de 84%, seguido dos informantes *sem escolarização* com 71% e por último os falantes *de nove a doze anos de escolarização* com 65,5%. Aqui observamos, como na rodada *tu e você*, que não são os que possuem mais escolarização que mais usam a variante *você*, mas o nível intermediário. Por outro lado, assim como na pesquisa de Silva e Vitória (2017), o pronome *você* apresentou maior frequência em todos os níveis de escolaridade e a variante *cê* apresenta-se com um percentual mais elevado entre os informantes de ensino médio, também, em nossa pesquisa, são os falantes com mais escolarização que mais usam a forma *cê*, com 34,5%, mostrando que a variante *cê* ocorre com mais frequência neste nível de escolarização. Apesar da não significância estatística, a nossa hipótese de que os falantes com mais escolarização da amostra são os que mais utilizam a variante *cê* foi mostrada.

4.1.2.3.4 Variável faixa etária

A variável faixa etária mostra o comportamento linguístico dos falantes evidenciando preferências linguísticas de uma determinada geração. Os mais jovens tendem a usar as variantes inovadoras, como a variante *cê*, e os mais idosos tendem a preferir *você*. A variável foi subdividida nos fatores *jovem*, *adulto* e *idoso*, sendo que os *jovens* possuem de 18-32 anos, os *adultos* de 35-55, e os *idosos* de 60 anos em diante. Para a variável, partimos do pressuposto de que quanto mais jovem for a faixa etária mais utilizará a variante *cê*, e, por outro lado, quanto mais idosa for a faixa etária mais utilizará a variante *você*. A faixa etária foi a quarta variável descartada, ela não influencia a variação do fenômeno em estudo, conforme tabela 13.

Tabela 13 – Variável Faixa etária na amostra D2

Faixa etária	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Jovem	69	106	65%	37	106	35%
Adulto	69	86	80%	17	86	20%
Idoso	70	85	82%	15	85	18%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A tabela 13 mostra que todas as faixas etárias preferem a utilização do pronome *você*, entretanto, a faixa idosa é a que mais faz uso dessa variante, com percentual de 82%. Depois do fator *idoso*, é o fator *adulto* que mais usa *você* com 80%. Por último, o fator *jovem* apresentou um percentual de 65%. Para a variante *cê*, observamos um percentual de 35% para os *jovens*, ou seja, mesmo não tendo predominância de aplicação entre os jovens, a forma *cê* é mais usada pela faixa *jovem* do que pela faixa *adulto* e *idoso*. Ainda em relação à forma *cê*, observamos os percentuais de 20% e 18% para *adultos* e *idosos*, respectivamente.

Os percentuais mostram a preferência da faixa jovem pelo uso de *cê*. O estudo de Silva, W., (2020) vai de encontro dos resultados encontrados na comunidade Serra das Viúvas para a variável faixa etária, tendo em vista que, na pesquisa da autora, o aumento gradativo do uso da forma *cê* cresce com o aumento da faixa etária do falante, ou seja, quanto maior a idade, maior é a probabilidade de uso da forma *cê*.

4.1.2.3.5 A variável relações entre faixas etárias

A variável relações entre faixa etária busca observar o pronome utilizado pelos falantes conforme a relação existente entre as faixas. A variável foi composta pelos fatores *Jovem/Jovem*, *Jovem/Idoso*, *Adulto/Adulto*, *Adulto/Idoso* e *Idoso/Idoso*. Para esta variável, nossa hipótese é de que nas relações assimétricas os quilombolas favorecem a variante *você* e nas relações assimétricas favorecem a variante *cê*. A tabela 14 nos mostra como se deu as realizações das variantes nesta variável.

Tabela 14 – Relações entre faixas etárias na amostra D2

Relações entre faixas etárias	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Jovem/Jovem	69	106	65%	37	106	35%
Jovem/Idoso	22	28	78%	6	28	22%
Adulto/Adulto	59	70	84%	11	70	16%
Adulto/Idoso	44	53	83%	9	53	17%
Idoso/Idoso	16	22	71%	6	22	27%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Podemos observar que, em todas as relações entre faixa etárias há percentuais maiores da variante *você*, com percentuais acima de 50%. A relação *Adulto/Adulto*, relação simétrica, aparece com percentual de 84% para a variante *você*. Ainda em relação à variante *você*, observamos que a relação *Adulto/Idoso* apresenta percentual de 83%, mas esta relação, ao contrário da primeira, é uma relação assimétrica. A relação *Jovem/Idoso* apresenta percentual de 78% e é uma relação assimétrica. Em seguida, temos as relações *Idoso/Idoso* e *Jovem/Jovem* com percentuais de 71% e 65%, vale ressaltar que são relações simétricas.

A variante *cê* apresenta números reduzidos, mas é importante considerar existência e o uso da forma variável na comunidade, por isso, devemos observar como tem se dado sua manifestação na fala dos quilombolas. A relação *jovem/ jovem* é a que mais se destaca com o uso de *cê*, com percentual de 35%, sendo que esta é uma relação simétrica. Na sequência, temos a relação *Idoso/Idoso*, com percentual de 27% para *cê*, e também é uma relação simétrica. Em seguida, temos a relação *Jovem/Idoso* com 22%, *Adulto/Idoso* com 17% e *Adulto/Adulto* 16%, as duas primeiras são relações assimétricas e a última simétrica.

Os resultados evidenciam o motivo de a variável ter sido descartada, isto é, a pouca influência da variável na variação do fenômeno em estudo. Na pesquisa de Silva (2019), os resultados mostram que as relações assimétricas favorecem a realização de *você* e as relações simétricas ocasionam a aplicação da variante *cê*. Sendo assim, diferente da pesquisa de Silva (2019), as relações entre faixas etárias não condicionam a variação de *você* e *cê* na comunidade quilombola Serra das Viúvas.

4.1.2.3.6 A variável determinação do referente e primeiro nocaute

A variável determinação do referente diz respeito ao conteúdo semântico do referente, pois muitas vezes usamos o pronome de segunda pessoa com o sentido determinado, como (36) e (37), ou com sentido indeterminado/genérico, como (38) e (39). Para esta variável, a nossa hipótese é de que a variante *você* é preferencialmente utilizada na referência indeterminada e *cê* ocorre preferencialmente na referência determinada.

(36) Eu acho uma família boa uma família maravilhosa, gosto muito de minha família, e *você*, o que *você* acha de sua família? I1JF

(37) Que que eu acho? Ave Maria, tá vendo eu dizer que eu gostei, num gostei não, eu adorei, porque do jeito que eu quis, ixi, foi ói, aí. Que *cê* acha? Foi! I4IF

(38) Oh, *você* põe uma cumida sem tempero que nem cherá num chêra, né? I21IM

(39) Armaria, fofoca é a coisa mais triste desse mundo {risos} que é a coisa mais ruim. *Você* tá em casa, ou tá num lugá e o povo falano da sua vida, Ave Maria! Num tem coisa mais pió de que uma coisa dessa. I20AF

A variável determinação do referente, assim como na rodada de *tu* e *você*, apresentou nocaute, isso porque, da mesma maneira como ocorreu com a variante *tu*, a variante *cê* não aconteceu com a referência indeterminada, sendo assim, a hipótese de que as variantes *cê* ocorreriam preferencialmente na referência determinada foi comprovada, vejamos os dados obtidos na tabela 15.

Tabela 15 – Determinação do referente na amostra D2

Determinação do referente	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Referente determinado	187	257	73%	69	257	27%
Referente indeterminado	19	19	100%	0	19	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme os resultados da tabela15, a variante *você* acontece mais com a referência determinada, com percentual de 73%. É interessante observar que também ocorre com a referência indeterminada, mas com um percentual bem reduzido, sendo 27% de frequência. Este resultado é oposto ao de Silva (2019) e Silva, W., (2020), que mostram a variante *você*

sendo mais utilizado na referência indeterminada. No que diz respeito à variante *cê*, os falantes preferem utilizar apenas na referência determinada, o que gerou o nocaute.

Silva (2019) e Silva, W., (2020) observaram que uso de *você* se apresentou mais elevado em ambos os tipos de referência, e, em relação a variante *cê*, diferente dos nossos dados, aconteceu na referência determinada e indeterminada, com mais ocorrência da variante *cê* na referência determinada. Segundo Silva (2019), os falantes tendem a utilizar *cê* com mais frequência em discursos com referência específica, uma vez que estão se dirigindo ao seu interlocutor, e o *você* apresenta frequência mais alta em discursos com referência genérica, pois, nestes casos, dirigem-se a qualquer pessoa, de maneira indefinida.

4.1.2.3.7 A variável paralelismo pronominal e o segundo nocaute

Relacionada ao padrão de repetição da variante pronominal do fenômeno estudado, a variável paralelismo pronominal foi dividida nos fatores *realização isolada*, como nos exemplos (40) e (41), *primeira realização da série*, como nos exemplos (42) e (43), *realização antecedida por você*, como em (43), e *realização antecedida por cê*, como em (44) e (45):

(40) Cumo *você* vai na sua iscola? I11IF

(41) *Cê* gosta de istudá? I11IF

(42) É o que mais tem na vida, é o que mais a gente tem na vida é amiga falsa, porque assim, as vezes *você* tem um uma um segredo, que *você* conta pra uma amiga, só que tem aquela amiga que tem ota amiga que também gosta da ota amiga, aí o que acontece, eu conto meu segredo pra *você*, Lucinha, meu segredo é esse e esse. Aí as vez acontece, *você* ra tem otra amiga também bota fé e *você* conta pa quela ota amiga, aquela ota amiga já tem outra que tamém otra fé, aí já conta com aquela outra amiga. Aí hoje a gente pensa que tem amiga mermo forte mermo, que não pode revelá o segredo de uma pra outra, mais revela o segredo, aí o que acontece? Aí, tem muitas amigas falsa no mundo,né, não todas, nem todas, mais a gente tem muitas amigas falsa, né?I19AF

(43) E aí Gilda, quando *cê* era piquena, *cê* gostava de que fazê o que? I13AF

(44) *Você* foi muito danado quando *você* era piqueno?I17AF

(45) *Cê* acha o que Lucinha? que que *você* diz? acha *você*, ou o que *você* diz? I19AF

A hipótese para esta variável é que uma marca pronominal condiciona a repetição da mesma marca. Vejamos os nossos resultados na tabela 16.

Tabela 16 – Paralelismo Pronominal na amostra D2

Paralelismo Pronominal	Você			Cê		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Realização isolada	156	220	71%	65	220	29%
Primeira da série	20	23	86%	3	23	14%
Antecedida por você	30	30	100%	0	30	0 %
Antecedida por cê	1	2	50%	1	2	50%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Na variável paralelismo pronominal também ocorreu nocaute, tendo em vista que o fator realização *antecedida por você* apresentou zero ocorrência para a variante *cê*, ou seja, não houve aplicação da variante *cê antecedida por você*. Das 30 ocorrências em que a variante *você* aconteceu na anteposição, todas as ocorrências foram de *você antecedida por você*. Outro fator que chama a atenção é o fator *antecedida por cê*, que apresentou apenas duas realizações, sendo uma realização de *você antecedido por cê*, como nos mostra o exemplo (45), e no outro caso, *cê antecedido por cê*, como nos revela o exemplo (43).

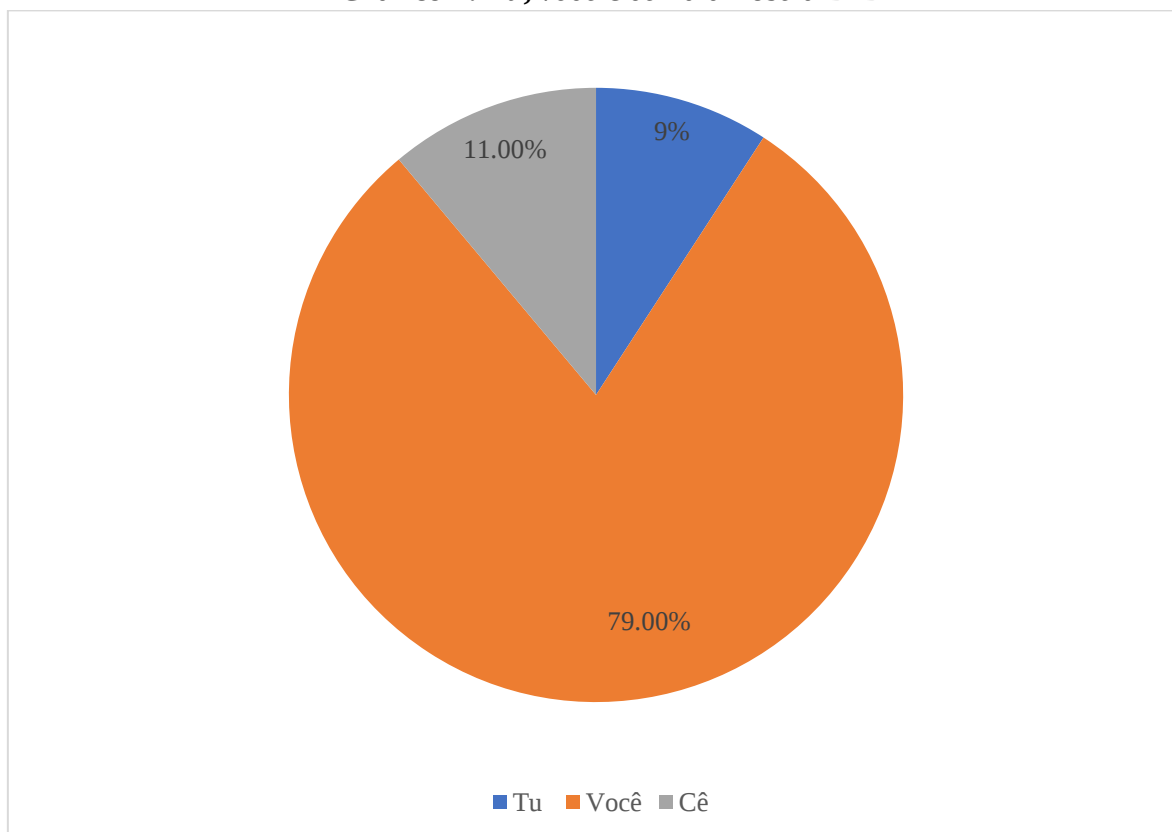
De acordo com os dados, os falantes preferem a variante *você*, mas no detalhamento dos percentuais, além dos fatores *antecedida por você* e *antecedida por cê*, verificamos que a variante *você* é favorecida pela *primeira realização da série* em 86% e em *realizações isoladas* em 71%. Apesar dos percentuais, ao nos atentarmos para o total de aplicação, podemos afirmar que o princípio do paralelismo pronominal não se confirma, pois, do total de 206 ocorrências de *você*, 156 foram de realizações isoladas. Na variante *cê*, observamos que das 69 aplicações da variante 65 foram de realizações isoladas, ou seja, na comunidade quilombola Serra das Viúvas o fator que mais favorece a aplicação das variantes *você* e *cê* é a *realização isolada*. Diferente de Vitorio e Silva (2017) e Silva (2019), que observaram as variantes *você* e *cê* sendo condicionadas pela existência da mesma forma na sentença.

4.2 Variação *tu*, *você* e *cê* na amostra DID

Realizamos uma rodada geral dos dados da segunda amostra no programa Goldvarb X, para checar as frequências de aplicações, nela observamos 77 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular, distribuídas da seguinte maneira: 7 aplicações de *tu* com percentual

de 9%, 61 ocorrências de *você* e percentual 79%, 9 realizações de *cê* com percentual de 11%, conforme gráfico 4. Nessa amostra, não houve realização da variante *ocê*

Gráfico 4: *Tu, você e cê* na amostra DID



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme os dados do gráfico 4, apesar das poucas ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular, podemos comprovar mais uma vez que os quilombolas da Serra das Viúvas preferem a utilização da variante *você* para ocupar tal posição, haja vista que mais da metade das ocorrências são de *você*. Constatamos ainda poucas ocorrências das variantes *tu* e *cê*, com percentuais de uso muito próximos. Vale ressaltar que todas as aplicações do pronome *tu* não apresentam concordância verbal, como exposto no exemplo (46).

(46) Por que *tu* num vai? L17AF

4.2.1 Variáveis analisadas

Nesta análise, não testamos todas as variáveis da primeira amostra, uma vez que algumas variáveis são exclusivas para amostras constituídas por diálogos, a saber, *tipo de relação*, *relações entre sexos* e *relações entre faixas etárias*. É importante mencionar que esta amostra é formada por informantes sem escolarização, por isso, a variável escolaridade também

não foi considerada, sendo assim testamos as variáveis *faixa etária* (adulto - 25 a 50, idoso - 60 em diante), *sexo/gênero*, *determinação do referente* e *paralelismo pronominal*.

Na primeira rodada geral dos dados, observamos que houve nocaute nas variáveis linguística *determinação do referente* e *paralelismo pronominal*. Não houve nenhuma ocorrência de *tu* e *cê* com referência indeterminada, as poucas vezes que os pronomes apareceram estavam com a referência determinada. Na variável *paralelismo pronominal*, foi verificado que não houve nenhum caso de *tu* na anteposição de *você* ou *cê*, a variável também não apareceu como primeira da série e todas as ocorrências de *tu* foram realizações isoladas. Mesmo diante dos resultados, decidimos fazer uma rodada com *tu* e *você* e outra com *você* e *cê*. Então, retiramos as variáveis *determinação do referente* e *paralelismo pronominal* da análise e fizemos o processamento somente com as variáveis *sexo/gênero* e *faixa etária*.

Os resultados da rodada de *tu* e *você* mostraram que as variáveis sociais *sexo/gênero* e *faixa etária* não foram consideradas estatisticamente significativas pelo programa, ou seja, não tinham significância sobre o fenômeno de variação. As duas variáveis sociais foram eliminadas pelo programa Goldvarb X. Após esses resultados, executamos outra rodada com as variantes *você* e *cê* para entender melhor o comportamento das variantes. Dos resultados da rodada, verificamos que também na variação entre *você* e *cê* não há variáveis condicionadoras da aplicação, uma vez que as duas variáveis foram descartadas. Tendo em vista esses resultados, apresentamos os dados gerais das três variantes para cada variável na tabela 17.

Tabela 17 - *Tu, você e cê* na amostra DID

	Tu			Você			Cê		
	Aplic.	Total	Per.	Aplic.	Total	Per.	Aplic.	Total	Per.
Faixa etária									
Adulto	3	42	71%	36	42	85,7%	3	42	7%
Idoso	4	36	11%	26	36	71%	6	36	17%
Sexo/Gênero									
Feminino	5	40	12,5%	30	40	75%	5	40	12,5%
Masculino	2	37	5%	31	37	83%	4	37	10,8%
Determinação do referente									
Determinado	7	56	12%	40	56	73%	9	56	14%
Indeterminado	0	21	0%	21	21	100%	0	21	0%
Paralelismo Pronominal									
Isolada	7	42	16,7%	31	42	73,8%	4	42	9%
Primeira da Série	0	15	0%	13	15	86%	2	15	13%
Antecedida por você	0	18	0%	16	18	89%	2	18	11%
Antecedida por cê	0	2	0%	1	2	50%	1	2	50%

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Dos resultados da tabela, depreendemos que jovens, adultos, homens e mulheres fazem uso da variante *você* na posição sujeito de segunda pessoa do singular, isto é, não há distinção de idade ou sexo. Podemos dizer ainda que existe a aplicação do referente determinado como exposto no exemplo (47) e (48), mas os quilombolas também utilizam o pronome *você* em contextos indeterminados, embora como menos frequência, como observamos em (49) e (50):

(47) Um bucado de gente - porque uma pessoa só - uma pessoa só num vai ser resolvido nada. Que nêem o caso mermo *você* chega lá, *você* fala, é mermo que não falá ninguém, e pegando um bucado de gente da comunidade, isso e aquilo ramu batê na porta, ramu fala, pode ser que eles, pode corrêrem atrás e fazerem alguma coisa, agora uma pessoa só. Vou fazê queném sua mãe, uma pessoa só num resolve nada, né verdade não? Eu tô mintindo? L1AF

(48) Era a igreja do horto. Teve que ter uma cabeça, num teve? Num tinha saído só com vocês jovim. *Você* estudano, Cida istudano, cês tinhas tempo pra quê? L2AF

(49) *é muito* pouco* é preciso *você* prantá uma serra todinha, pra vivê só da agricultura, que quando tem não tem preço e quando tem preço, o pobre do agricultô fraco num tem, né? L11IM

(50) Num existia daqui pro Oricuri, *você* contava a casa que tinha de tijolo coberta de telha, o resto tudo era como eu tô lhe dizeno, um ranchinho de paia quando não era de paia era feito de madeira tapado de barro coberto de telha, não tinha moradia, as casa melhó que tinha antigamente, hoje não vale mais nada. Que nem aquela do finado Antoin Vermelho, aquela do finado Jonas, aquela ali que era do finado Zé Pinto é umas casa de antes que num vale nada aquelas casa L11IM

Ainda em relação ao uso do pronome *você*, observamos que a preferência pelo uso da forma isolada é predominante, como (51), mas também constatamos que pode ocorrer como primeira da série e antecedida por *você*, como (52) e antecedida por *cê*, como (53).

(51) Ele num quer sai de lá, dai não, meu fio. Venha pra cá agora, *você* agora tá só. Maria mais Marlene podia de butá duas num quarto e ele no de lá que ele sempre ficava lá /mas, mais/ ele num quer num quer, mais foi feito aqui esse esse quartinho aí. Nós mandemo trazer a cama dele praí. Disse que num quer não que é feia (risos) L13IF

(52) É verdade, primeiro é obrigação, primeiro *você*, Bença meu pai, bença minha mãe, pra dá bença ao povo de fora, *você* se ligou na conversa, já? L16IM

(53) Que quando a gente pranta meia cuia de feijão um salamim, a gente vem tirano duas cuia três de feijão - *cê* vê Leninha. Quando aparece aí essas feira dai de mãe Bela, eu não por que de qulaquer maneira eu tô encostado, né? Eu tô encostado, mais de qualquer maneira, tem esse pessoal necessitado que precisa, eu num preciso não, que eu tenho meu aposentinho, dá pra eu ir viveno né? Mais quando cheguei aqui, quando eu cheguei logo aqui, era muito fraco, era fraco. Hoje tá ameiando, mais mais ainda precisa melhorá mais e mais. O que que *você* quer? L16IM

A variante *tu* apresentou 7 ocorrências que correspondem a 9%, acontece sempre sem concordância verbal com a segunda pessoa do singular e com referente determinado, como nos exemplos (54) e (55). Outra característica própria da variante *tu* usada pelos quilombolas é predominância de contextos interrogativos e isolados, como nos exemplos (54) e (55), convém

mentonar que foram encontrados dois exemplos na amostra em que a variante *tu* se realiza em contextos afirmativos, observemos os exemplos (56) e (57).

(54) *Tu* tem quantos anos? L17AF

(55) Que nem hoje as moradia - era feita de madeira coberta de paia de oricurizeiro, né? Tapada de barro quem mais tinha uma casinha melho era coberta de telha, mais era feita de barro num era feita de tijolo assim que nem hoje né de bloco de tijolo mermo como como se diz né? Antigamente era assim, a convivência do mantimento antigamente era só feijão com farinha, um pedaço de bofi assado de tripa, o que fosse, que carne pobre não podia. A carne só dava pru rico, pro pobre num dava, né? O custo de vida era desse jeito quando tinha, e quando não tinha, comia o feijão puro com farinha com / molho, moio/ de pimenta. Um ovo, era preciso cozinha, pra repartir pra quatro pessoa - olhe e *tu* vai buta tudo isso? L11IM

(56) É um contrato de um padre certo, pra fazê o a missa nem que seja de quinze em quinze, mais trate o dia porque o povo daqui *tu* sabe, o povo da qui trabaia, o povo daqui num brinca. Aí bota uma missa que hora? Quinta feira! L16IM

(57) Não, eu dizia coisa, eu dizia tanta coisa, que num queria que ninguém ajeitasse. Quando eu quisesse, eu mesmo ajeitava. Era tanta coisa que eu dizia. Comade Mazé do finado Horten::so. Ô cumade Nirde, a Sinhora já namorô com tanto homi purai, cumade Nirde Muié, namore com o fio de João Lau. Tenha uma fia e dê a ele pra casá, que eu mermo num quero não num tô caindo. Aí, dizia o nomão, que eu num queria. Num deu três semana, outra pessoa disse, Nirde, Antonio disse se *tu* quiser namorá com ele, ele quer. Aí, eu fiquei assim, aí muié, tá tão bonzinho tão bonitinho, ele era bonito mesmo, Lena, morreu ainda era bonitinho, era o mais bonito que tinha na casa do finado João Lau. Era, num era porque era meu marido não, mais era mesmo, quando ele chegava com o chapéu pequenininho na cabeça, tão prontinho em casa, eita meu Deus L14IF

A variante *cê*, por sua vez, apareceu na análise com 9 ocorrências e um percentual de 11%, tais realizações se dão apenas em contextos determinados, como podemos verificar em (58) e (59), a aplicação se realiza em cinco casos em contextos isolados, mas também foram encontrados no *corpus* dois casos em que aparecem como primeira da série, como se observa em (60) e (61), e em dois casos antecedita por *você* como em (62) e (63), especificamente em um caso é antecedita por *cê*, que é o exemplo (60).

(58) Enquanto ele só deixava nós com dinheirinho, a gente tinha tudo na mesa, quando ele saía, ou quando ele custava, que num vendia as peça custava, aí, nós não tinha alimento pra mesa. Morava na casa de uma tia, aí, minha tia mandava eu ir pedir, eu num me agradava de pedir de andá pedindo, aí, pedi a minha mãe pra vim morar mais minha vó e ela sem quererem deixa. Muié, num vá não que as vez aqui eu acho, tem gente que mandava lavá roupa , né? E era no rio que ía lavá era distante do rio - *cê* fica mais seus irmãos- mas eu não atendia ela, desobedecia nesse ponto L13IF

(59) Esse ano que teve, né? A gente gostou, só fiquemo chateada porque depois da festa que é passada o povo /ficam, ficam/ curvesano bestera né? /Mas, Mais/ *cê* sabe, né, cumo é as coisa, né? L1AF

(60) Não, quando nois chegemo *cê* era soltera ainda, *cê* num era casada, não L2AF

(61) Que quando a gente pranta meia cuia de feijão, um salamim, a gente vem tirano duas cuia três de feijão - *cê* vê Leninha, quando aparece ai essas feira dai de mãe Bela, Eu não, por que de qulaquer maneira eu tô encostado, né? Eu tô encostado, mas de qualquer maneira, tem esse pessoal necessitado que precisa, eu num preciso não que eu tenho meu aposentinho, dá pra eu ir vivo né - mais quando cheguei aqui, quando eu cheguei logo aqui, era muito fraco, era fraco, hoje tá ameiando mais, mais ainda precisa meiorá mais. E mais o que que *você* quer? L16AM

(62) Ói, pra *você* vê a história – Ói, e Água Branca que *cê* dá um grito da qui todo mundo atende L16IM

(63) Aí, jantava, tava cuidano, Aí elas sai disse, fique meu fio aí que ela tá fazendo ali um serviço é vem já, que ela vem que ninguém se botava pra fazê, finada Lúcia, daqui a pouco compade Zé chegava, ela ia pra lá pontá compadre Zé, que era muito enjuado e eu é que ia cuida quando acabava de lavá. Era eu lavando e ela já escaldano as tripinha de bode, isso, que nem uma banda de cabeça num tinha dinheiro pra compra, que num dava, que comprava farinha, comprava feijão, só num comprava a água e a lenha porque nós botava. Nós se juntava aquele bututão e ia pegá, quem ia mais era o finado Mané Grande e a finada Madalena mais eu e Lúcia busca, Esse é a lenha, e aí, minha fia. Se criemo nisso, quando me casei, muito bem tinha muita roça, muita muita muita roça, que nós num comprava farinha, num comprava feijão e nem nada, mais ele ia pro alugado pra ganha, pra fazê a feira, aí quando foi um dia, eu disse, Antônio *você* vai deixá de trabalhá alugado. Ê:: deixo não. Deixa, eu num crie o brucutão em casa andando por as fêra, quer dizê que, eu me casei, eu enriquei? Né não? *Cê* tem muita coisa na roça, que tá se perdendo, se perdendo mamão, que nesse tempo, era, vije, mamão era vendável, mamão, tem goiaba, tem mandioca, tem tudo, meu fio, na roça, e eu tenho que aprofitá aí, cá L14IF

4.3 Discussão metodológica

A entrevista sociolinguística é um modelo utilizado por Labov (1966; 1984; 2008 [1972]) e pesquisadores da área. Através dessa metodologia, o pesquisador interage com o informante de forma direta, isto é, face a face. A entrevista se constitui como uma maneira comunicativa entre pelo menos duas pessoas com alternância de turno. De modo geral, as entrevistas ocorrem no formato de pergunta e resposta. Através de um questionário guia em que o pesquisador seleciona tópicos de conversas para estimular o fluxo da discussão, buscando sempre envolver o informante na conversa de forma a conseguir a extração do vernáculo, ou seja, utiliza meios para que o falante utilize a sua fala espontânea, sem monitoramento.

Conforme Freitag (2013), a coleta de dados com entrevistas sociolinguísticas é um modo rápido e eficaz para se constituir uma amostra de uma comunidade de fala, garantindo a confiabilidade e a intersubjetividade da análise, a entrevista realizada nos moldes da sociolinguística laboviana possibilita uma análise confiável da fala da comunidade objeto de estudo.

Labov (2008[1972]) propõe a elaboração de temas que provoquem o informante discorrer acerca de situações de perigo ou risco de vida, para que envolvidos pela emoção, deixem fluir o vernáculo da comunidade. De acordo com o autor, “precisamos de algum modo, capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com amigos” (LABOV, 2008 [1972], p.110). Na busca pelo vernáculo utilizado pelos informantes, o entrevistador não focaliza no o que é dito, mas na maneira como é dito. Para bem realizar uma pesquisa na área da Sociolinguística Variacionista, Labov (1984)¹⁶ afirma que a entrevista sociolinguística consiste em um método de coleta bem desenvolvido com dez objetivos principais:

- (1) gravar com razoável fidelidade de 1 a 2 horas de fala de cada entrevistado/falante.
- (2) obter toda a gama de dados demográficos necessários para a análise dos padrões sociolinguísticos (idade; história residencial, escolar, ocupacional e de linguagem; localização e relações familiares; renda, renda ou valores da casa; participação em grupos e associações).
- (3) obter respostas comparáveis a perguntas polêmicas e de interesse em várias culturas (experiência do perigo de morte; destino; premonições; luta e regras para uma luta justa; atitudes em relação a outros grupos raciais e étnicos; aspirações educacionais).
- (4) promover narrativas da experiência pessoal, onde as normas e estilos de interação pessoal da comunidade são mais claramente revelados, e onde o estilo é mudado regularmente para o vernáculo.
- (5) estimular a interação entre o grupo de pessoas presentes e grave também a conversa não endereçada ao entrevistador.
- (6) separar tópicos de maior interesse para o falante e permitir que ele ou ela conduza a explicação do tópico da conversa.
- (7) traçar os padrões de comunicação entre os membros da comunidade e estabelecer a posição do falante na rede de comunicação.

¹⁶ Tradução (Araújo, 2022, p.55)

- (8) obter um registro de atitudes evidentes em relação à linguagem, características linguísticas e estereótipos linguísticos.
- (9) obter informações específicas sobre estruturas linguísticas por meio de licitações formais: leitura de textos e listas de palavras.
- (10) realizar experimentos de campo sobre reações subjetivas às percepções de formas linguísticas (testes pares mínimos e comutação; testes de autorrelato; testes de reação subjetiva; testes de antecedentes familiares).

Dada as orientações de Labov (1986), e os procedimentos para realização de entrevistas, cada pesquisador tende a adequar a proposta do teórico à realidade da comunidade de fala, ao objeto de estudo e ao perfil dos informantes, nem sempre é possível obedecer rigorosamente aos dez objetivos sugeridos pelo autor, cada comunidade tem aspectos sociais e culturais distintos, e o pesquisador precisa ajustar os objetivos à realidade disponível.

O modelo tradicional de entrevista sociolinguística é o diálogo entre o informante e o documentador (DID), nesse tipo de entrevista, o pesquisador define tópicos de conversa com temas que sejam comuns na comunidade escolhida, e conduz os informantes nas conversas, o entrevistador cuida para que a conversa não perca seu fluxo e estimula o falante de forma a fazê-lo desenvolver os temas e capturar o vernáculo. Para capturar as variantes de segunda pessoa do singular, o modelo de entrevista sociolinguística diálogo entre dois informantes (D2) é utilizado como alternativo e consiste na interação entre dois falantes, na presença e sob a condução do entrevistador.

Nesta pesquisa, analisamos duas amostras da fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas, sendo uma com metodologia de coleta DID, que nomeamos de DID-2016, e a outra D2, que denominamos de D2-2022. Nesta investigação, não podemos realizar uma análise comparativa entre as amostras, haja vista que são amostras distintas, a nossa proposta é realizar uma comparação de metodologias de coleta de dados para análise da segunda pessoa do singular. A amostra coletada em 2016 é diferente da amostra coletada em 2022 nos seguintes aspectos: as entrevistas de 2016 são conversas entre o documentador e informante, já os diálogos realizados em 2022 são entre dois informantes com a presença do documentador; o número de informantes também diverge, assim como nível de escolaridade, a faixa etária dos informantes e tempo de gravação. Vejamos no quadro 3 a diferença entre as amostras:

Quadro 03: Diferenças entre as amostras

Diferenças entre as amostras	DID – 2016	D2 – 2022
Número de informantes	20	24
Escolaridade	Sem escolarização	De primeira à quarta série; Ensino fundamental; Ensino médio.
Faixa etária	25 a 50 60 em diante	18 a 32 35 a 55 60 em diante
Tempo de gravação	Quatro horas e vinte e seis minutos	Duas horas e seis minutos

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme o quadro 3, observamos as divergências entre as amostras. Em DID - 2016, 20 quilombolas foram entrevistados, já em D2-2022, 24 informantes participaram dos diálogos. Em relação à escolaridade, na amostra DID-2016 todos os são falantes sem escolarização e D2-2022 se constitui com a junção de falantes do ensino básico até o ensino médio completo. Em relação à faixa etária, DID - 2016 é composta por participantes de 25 a 50 anos e de 60 anos em diante, em D2 – 2022, os falantes têm idade de 18 a 32 anos, 35 a 55 anos e 60 anos em diante.

No que diz respeito ao tempo de gravação, verificamos que, mesmo tendo o número de informantes elevado, D2 - 2022 tem menos horas de gravação, isto é, duas horas de gravação a menos, este fato pode ser explicado pelo tipo de questionário elaborado para cada coleta.

Em DID 2016, eram feitas perguntas com o intuito de provocar os falantes a discorrer sobre os assuntos de sua vida cotidiana com provocações do tipo: “fale-me sobre os aspectos da comunidade quando você era criança”, “fale-me de um passeio ou viagem que você fez e achou interessante” e “quais ações são necessárias para que a comunidade venha a alcançar seus direitos descritos no estatuto da igualdade racial? ”. Essas perguntas estimulavam os falantes expressar suas opiniões alongando o fluxo da entrevista, neste tipo de coleta, o objetivo do entrevistador é fazer com que o entrevistado fale e revele seu vernáculo.

Em D2 - 2022, foram apresentados temas para que os participantes formulassem uma pergunta ou iniciasse um assunto interagindo com o outro participante da pesquisa. Os temas eram cotidianos, como por exemplo, estudos, trabalho, roça, família, casamento, etc. Nos dois tipos de coleta, é importante que o entrevistador conheça minimamente a comunidade, para que possa propor aos informantes temas que sejam cotidianos e que estimule a fala.

Expostas as peculiaridades da constituição de cada amostra e constatada a impossibilidade de uma análise comparativa, chamamos a atenção para as metodologias de coleta de dados. Neste trabalho, constatamos que, na amostra que contém duas horas e seis minutos de gravação, na D2- 2022, houve 405 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular, sendo 206 ocorrências de *você*, 88 aplicações de *tu*, e 69 casos de *cê*, 41 realizações de *o senhor* ou *a senhora*, e apenas uma ocorrência da variante *ocê*. Na amostra DID - 2016 que tem quatro horas e vinte e seis minutos de gravação, verificamos apenas 77 realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular, distribuídas em 61 casos da variante *você*, 7 aplicações de *tu* e 9 ocorrências de *cê*, nesta amostra não houve realizações de *o senhor*, *a senhora* e *ocê*.

Ao analisar o tempo de gravações das duas amostras, percebemos que não é o tempo de gravação que determina as ocorrências dos pronomes, uma vez que a amostra que contém menos tempo de duração foi a que mais favoreceu as realizações dos pronomes estudados. É importante enfatizar a captura do pronome *tu* realizada com coleta do tipo DID na capital e no sertão de Alagoas, como nos trabalhos de Vitória e Silva (2017) e Vitória (2018), mostram a poucas realizações do pronome, abrindo margem para afirmação de que em Alagoas o pronome *você* é o coringa, sendo o pronome *tu* pouco usado nessas comunidades.

Os resultados desta pesquisa nos levam a argumentar que a não captura do pronome *tu* nessas amostras decorre da metodologia utilizada, ou seja, o modelo de coleta baseado em DID não é apropriado para capturar a realização da segunda pessoa do singular, principalmente do pronome *tu*, em comunidades que *você* tende a ser a forma mais usada. Esse problema já foi relatado por Paredes e Silva (2003) e Lucca (2005), que, em suas análises com o fenômeno variável da segunda pessoa do singular, perceberam a ineficácia de captura das variantes através modelo de entrevista DID. Lopes *et al.* (2009) também relatou tal dificuldade:

As entrevistas nos moldes labovianos não conseguem captar se o informante usa *tu* ou *você*. As estratégias de referência ao ouvinte são candidatas usuais nas perguntas feitas pelos eventuais documentadores e não ocorrem na fala de um informante. Quando muito, encontram-se ocorrências de um *você* indeterminado. Trata-se de um fenômeno curioso, uma vez as formas tratamentais saem de nossas bocas, invadem

nossos ouvidos, mas os corpora criteriosamente organizados por diversos projetos nacionais não conseguem capturá-las (Lopes *et al.*, 2009, p.50).

Lopes *et al.* (2009) evidencia a problemática, ressaltando a dificuldade de captura das variantes não só em seu trabalho, mas nos diversos projetos nacionais que utilizaram a metodologia DID para coleta de dados sociolinguísticos. Tais resultados confirmam os resultados encontrados por Vitória (2018), que analisou a variação *tu* e *você* em Maceió, Alagoas, a autora registrou um percentual de 98% de *você* contra apenas 2% de uso de *tu*, que representam apenas seis realizações dessa forma pronominal na amostra do tipo DID.

A pesquisadora acredita que tais resultados sinalizam o fato de que o pronome *tu* representa [+ intimidade], logo seu uso é desfavorecido em modelos de entrevistas sociolinguísticas em comunidades de fala em que não possuem esse pronome como primeira forma de tratamento ao interlocutor. Como foi exposto ao longo desta pesquisa, o pronome *tu* se realiza principalmente em situações de intimidade e em relações simétricas. Em uma pesquisa sociolinguística em que há participação do entrevistador e do informante, a relação entre os participantes costuma ser assimétrica, sendo assim, provavelmente não favorecerá a realização de *tu*, o entrevistado tende a utilizar a variante *você* ao se dirigir ao interlocutor.

A falta de [+ intimidade] comprovada por Vitória (2018), na coleta do tipo DID, é superada em coleta do tipo D2 pela presença de uma pessoa do mesmo convívio com quem o falante dialoga. Na pesquisa DID-2016, das 61 realizações de *você*, 40 foram de aplicações dirigidas à entrevistadora, como em (63), das sete realizações de *tu* e das 9 ocorrências de *cê*, todas foram direcionadas à entrevistadora, como em (64) e (65):

(63) O que mais qui *você* quer? L9AM

(64) *Tu* foi lá dessa última vez? L2AF

(65) Rapaz, num sei nem dizê, com esses prefeito que tem aí, o caba nunca arruma isso aí nunca na vida, aqui não, que *cê* vê, o tempo que nós trabaíemo fazendo essa encanação d'água pra aqui num aturô nem um ano, a água foi acabada aqui /até, enté/ hoje, quantos anos tá que essa água daqui se acabou? L10IM

Esse fato também evidencia a necessidade da relação dialógica entre os informantes para que haja a realização do fenômeno variável de segunda pessoa do singular. Silva e Vitória (2017) analisaram as realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você* e *você/cê* na posição de sujeito na fala dos sertanejos alagoanos com modelo de entrevista DID. Ao examinar os dados, obtiveram apenas três realizações do pronome *tu*, 473 realizações do

pronome *você* e 33 realizações da sua variante *cê*. Pela dificuldade de analisar a variação *tu* e *você*, as autoras decidiram analisar somente a variação entre *você* e *cê*. Essas pesquisas somam-se a aos resultados de Paredes e Silva (2003), Lucca (2005) e Lopes *et al*, (2009) para indicar que, quando se trata do fenômeno variável de segunda pessoa do singular, os pesquisadores precisam também recorrer ao modelo D2 para poder provocar a aplicação das variantes.

Para tentar dar conta desse problema, Silva (2019), ao pesquisar a fala dos habitantes da cidade de Coité do Noia-AL, preferiu realizar a coleta de dados com D2, e conseguiu capturar um quantitativo considerável de *tu*, *você* e *cê*. A autora constatou um total de 429 realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular, que representam 57 realizações do pronome *tu*, 372 realizações do pronome *você* e 91 ocorrências de *cê*.

Apesar da ineficiência do modelo de coleta para a realização da segunda pessoa do singular, é curioso observar que não existe nenhum trabalho que aprofunde e discuta a questão, tendo em vista que o fenômeno de variação *tu* e *você* é amplamente estudado no Brasil, principalmente em comunidades que apresentam poucos registros da variante *tu* em coletas do tipo DID. Nesse sentido, a presente pesquisa, que foi realizada com uma mesma comunidade de fala, mas com dois modelos de coletas de dados diferentes, apesar das divergências quanto a estratificação da amostra, apresenta a possibilidade de confirmar a hipótese formulada sobre as metodologias em questão, que interferem na realização de *tu* e *você*, principalmente no uso de *tu*. A partir deste estudo, afirmamos que o modelo de coleta DID não é apropriado para capturar as variantes de segunda pessoa do singular e que o modelo adequado para reter as ocorrências da segunda pessoa do singular é o modelo D2, um modelo mais dialógico.

Diante da comprovação, podemos afirmar que metodologias diferentes levam o pesquisador a obter diferentes resultados. Os resultados desta discussão metodológica também evidenciam o fato de que dependendo do tipo de coleta realizada, não podemos concluir que, em uma determinada comunidade de fala, esta ou aquela forma está em desuso ou é inexistente. Partindo da amostra DID-2016, poderíamos concluir que as variantes *tu* e *cê* são escassas na comunidade quilombola Serra das Viúvas, e D2-2022 mostrou o contrário, pois, o método de coleta é que interfere na realização.

Dessa maneira, no que diz respeito à variação entre *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, os pesquisadores precisam ser cautelosos ao pressupor a ausência ou é inexistência das formas. Antes de tudo, é necessário observar o modelo de coleta utilizado em cada pesquisa. Dos resultados desta discussão, consideramos importante ressaltar a importância de que as novas pesquisas apresentem inovações metodológicas que possam auxiliar os pesquisadores nesse tipo de investigação.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa tem como foco principal verificar a frequência de uso das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas, bem como observar a influência de variantes linguísticas e sociais no processo de alternância. Também foi objetivo deste estudo constatar entre as metodologias DID e D2, qual a mais eficaz na captura das variantes de segunda pessoa do singular.

Primeiramente realizamos a análise dos dados da amostra D2 - 2022, nela fizemos três rodadas no programa computacional Goldvarb X. Na rodada geral dos dados, observamos 405 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular. Sendo 206 casos da variante *você*, que corresponderam a 51%, 88 realizações da variante *tu* com percentual de 21%. A variante *cê* apareceu em 69 casos, com percentual de 17%. Na amostra, computamos apenas uma realização da forma *ocê*, e contabilizamos também as ocorrências das variantes *o senhor* e *a senhor*, que totalizaram 41 casos e 10% de frequência. Após a obtenção dados gerais, excluimos as realizações de *o senhor* e *a senhora*, pois não era nosso intuito analisá-las.

Os resultados gerais mostraram que o comportamento linguístico da comunidade quilombola Serra das Viúvas, no que diz respeito à realização da variante *você*, não difere do comportamento observado no sertão alagoano e no amplo território nacional, tendo em vista que a preferência pelo pronome *você* foi constatada. Apesar de as variantes *ocê* e *cê* acompanharem *você* Brasil a fora, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, essas formas são menos frequentes do que *tu*. Em relação a variante *cê*, os resultados diferem, por exemplo, das pesquisas de Silva (2019) Silva W., (2020). Este fato nos faz questionar a existência de alguma restrição gramatical que interfere na produtividade da forma.

Depois, realizamos duas rodadas, uma com as variantes *tu* e *você* e outra com *você* e *cê*. Nas duas rodadas, testamos as variáveis sociais faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, tipo de relação entre os falantes, relações entre sexos e relações entre faixas etárias, bem como as variáveis linguísticas determinação do referente e paralelismo pronominal. Na rodada entre *tu* e *você*, o GoldVarb X selecionou as variáveis escolaridade, tipo de relação entre os falantes, sexo/gênero, paralelismo pronominal e relações entre faixas etárias como estatisticamente significativas, e as variáveis relações entre sexos e faixa etária foram descartadas. Na variável determinação do referente ocorreu nocaute.

Nos resultados, verificamos que, na variável escolaridade, o fator que favorece a realização de *você* é *de um a quatro anos de escolarização*, e o pronome *tu* é favorecido pela *ausência de escolarização*. Na variável tipo de relação entre os falantes, as relações que mais

favorecem o uso do *você* são as relações *esposo/esposa*, *irmão/irmã*, *amiga/amiga* e *irmão/irmão*. Em relação à variante *tu*, a relação *vizinha/vizinha* e *pai/filho* condicionam as realizações. Nesta variável, observamos um fato interessante, que parece ser característico da comunidade. A expressão da segunda pessoa do singular por parte do filho se dirigindo ao pai na relação *pai/filho* é feita majoritariamente pela expressão *o senhor*. Isso acontece em sinal de respeito e submissão ao papel social que a figura do pai exerce na comunidade. Na variável sexo/gênero, o fator que favorece a aplicação de *você* é o fator *feminino*, o fator masculino por sua vez, condiciona o uso do *tu*.

Na variável paralelismo pronominal, o único fator que favorece a variante *você* é a anteposição de *você*. Em relação à variante *tu*, é influenciado pelo fator *antecedida por tu*, *realização isolada* e *primeira da série*. A variável relações entre os sexos mostrou que os fatores *Adulto/Idoso* e *Jovem/Jovem* condicionam a realização de *você*, e os fatores *Idoso/Idoso*, *Jovem/Idoso* e *Adulto/Adulto* favorecem a aplicação da variante *tu*. Na variável determinação do referente houve nocaute e foi verificado que há um uso categórico de *você* indeterminado, e a variante *tu* acontece majoritariamente como referente determinado.

Na rodada entre *você* e *cê* apenas uma variável foi considerada como estatisticamente significativa, o tipo de relação entre os falantes. Nessa variável, os resultados mostraram que os fatores que favorecem o uso de *você* são *amiga/amiga*, *vizinha/vizinha*, *pai/filho* e *irmão/irmã*. Como foi enfatizado na rodada *tu* e *você*, na relação *pai/filho* todas as ocorrências de *você* e *cê* foram feitas pelos pais. No que se refere à variante *cê*, o fator *Irmão/Irmão* e *Esposo/Esposa* condicionam seu uso.

Na amostra DID-2016, realizamos uma rodada geral dos dados e observamos 77 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular, distribuídas da seguinte maneira: 7 aplicações de *tu* com percentual de 9%, 61 ocorrências de *você* e percentual 79%, 9 realizações de *cê* com percentual de 11%. Nessa amostra, não houve realizações das variantes *ocê*, *o senhor* e *a senhora*. Utilizamos para a análise as variáveis faixa etária, sexo/gênero, determinação do referente e paralelismo pronominal.

Na primeira rodada geral dos dados, observamos que houve nocaute das variáveis linguísticas determinação do referente e paralelismo pronominal, pois, não houve nenhuma ocorrência de *tu* e *cê* com referência indeterminada. Na variável paralelismo pronominal, foi verificado que não houve nenhum caso de *tu* na anteposição de *você* ou *cê*, a variável também não apareceu como primeira da série, todas as ocorrências de *tu* foram realizações isoladas.

Retiradas as variáveis com nocaute, realizamos duas rodadas, uma entre *tu* e *você* e outra entre *você* e *cê*. Os resultados da rodada mostraram que as variáveis sociais *sexo/gênero* e *faixa*

etária não foram consideradas estatisticamente significativas pelo programa, ou seja, não tinham significância sobre o fenômeno de variação *tu*, *você* e *cê*. Dos resultados depreendemos que jovens, adultos, homens e mulheres fazem uso majoritário da variante *você* na posição sujeito de segunda pessoa do singular.

Podemos dizer ainda que existe a aplicação do referente determinado, no entanto, os quilombolas também utilizam o pronome *você* em contextos indeterminados, mas com menos frequência. Ainda em relação ao uso do pronome *você*, observamos que a preferência pelo uso da forma isolada é predominante, apesar de ocorrer como primeira da série e antecedida por *você*. Em relação aos resultados obtidos na amostra DID, acreditamos que a ausência significativa para as variáveis tenha relação com as poucas realizações do fenômeno na amostra.

Por último, realizamos uma análise das metodologias de coleta DID e D2 e constatamos que a eficácia na captura dos pronomes de segunda pessoa do singular está diretamente relacionada com a metodologia de coleta escolhida para pesquisa. Como foi comprovado neste estudo, o modelo de coleta DID não é eficaz na captura das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, tendo em vista que este tipo de pesquisa não é baseado na relação dialógica, mas pretender fazer com que o informante fale o máximo possível.

As pesquisas realizadas com o modelo D2 são apropriadas para capturar as realizações da segunda pessoa do singular, pois buscam a interação entre os falantes e cuidam para que na relação dialógica os participantes façam uso das formas pesquisadas. Por isso, é importante que os pesquisadores busquem por inovações metodológicas que possam auxiliar nesse tipo de investigação, para superar possíveis problemas de coleta de dados em suas pesquisas.

Neste trabalho, ficou evidente a existência de muitos trabalhos com as variantes *tu* e *você*, estudos como o de Tenório (2002), Cardoso (2013), Scherre et al. (2015), Silva e Vitória (2017), Silva (2019), Divino (2020), Silva, W. (2020), Scherre, Andrade e Catão (2020) e Scherre, Andrade e Catão (2021) mostram a variação das formas com predominância da variante *você*, entretanto, diante da constatação de que a metodologia DID não é apropriada para retenção das variantes, e entendendo que a maioria desses estudos são com a modelo tradicional de coleta, podemos dizer que novos estudos precisam ser realizados para comparação e constatação do uso das variantes de segunda pessoa do singular a partir da metodologia D2, metodologia que consegue capturar de forma adequada, principalmente, o uso da variante *tu*.

Ao longo do trabalho, ficou evidente a existência de muitas pesquisas com o fenômeno variável de *tu*, *você*, *cê* e *ocê*, entretanto muitas comunidades de falas precisam ser estudadas principalmente em Alagoas. Ressaltamos ainda a necessidade de estudos que contemplem a

variante *cê* e *ocê*, e esperamos com esta pesquisa contribuir com mapeamento sociolinguístico do português brasileiro, principalmente em relação às formas de uso da segunda pessoa do singular e despertar o interesse dos pesquisadores da área para o estudo do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. S. *O uso variável dos pronomes tu, você e cê na função de sujeito: um estudo do padrão de comportamento referencial*. Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.
- BORGES, P.R.S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: Análise histórico-social-linguística da fala das Comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2004.
- BROWN, R.; GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. In: Sebeok, T.A. (ed.) 1960 Style in language. Cambridge- Mass: MIT Press, 2003, p.253-276.
- CARVALHO, D. S. Aspectos da morfossintaxe dos impostores em português brasileiro. In: CARVALHO, D.; BRITO, D (Org.) *Pronomes: morfossintaxe e semântica*. Salvador: EDUFBA, p. 131-158, 2017.
- CASTILHO, A. T. de. *A gramaticalização*. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 25-63, mar. 1997.
- COLLINS, C.; POSTAL, P. M. *Imposters: a study of pronominal agreement*. Cambridge: MIT Press, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.
- DIVINO, L. S. do A. *Tu e você em cinco estados do Nordeste a partir dos dados do Projeto Altas Linguístico do Brasil: um estudo variacionista*. 2020. 254 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- FARACO, C. A. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. *Laborhistórico*. v. 3, n. 2 .2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150>>. Acesso em 22 de fev 2022.
- FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedade: introducción a la sociolingüística*. Madrid: Visor, 1996.
- FREITAG, R. M. K. Pistas prosódicas para a segmentação da entrevista sociolinguística. *Anais do congresso brasileiro de prosódia* v. 2, p. (2013). Disponível em:<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/6160/5326>. Acesso em 30 de agosto de 2023.
- GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *Anais da Abralin*, 2001.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins. v. 1, p. 17-35, 1991.

- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. <http://doi.org/10.5281/zenodo.1202201>
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, C. R. S. *A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004.
- LOPES, C. R. S. *Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia*. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro II - contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1 ed. Niterói: EDUFF, v. 2, p. 55-71. 2008.
- LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. 1 ed. Rio de Janeiro, v. I, p. 61-76. 2003.
- LOPES, C.R.S. et al. quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. *Processos Urbanos I. Variação Linguística em Megalópoles Latino Americanas*. Berlin. Neue Romania 39. Número especial. 2009
- LUCCA, N.N.G. a variação tu/você na fala brasiliense. Dissertação de Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília, 2005.
- LUCCHESI, D. B., A. RIBEIRO, I. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MEILLET, A. *L'évolution des formes grammaticales*. [1912] Scientia 12 (26) (Milan). (Reprinted: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: C. Klincksieck, p. 130, 148, 1965[1912].
- MENDONÇA, J. J.; FREITAG, R. M. K. Indeterminação do sujeito, primeira pessoa do plural e gradação referencial. In: CARVALHO, D.; BRITO, D (Org.) *Pronomes: morfossintaxe e semântica*. Salvador: EDUFBA, p. 235-260, 2017.
- MENÉNDEZ, F. G. *Hacia una sociolingüística histórica*. E.L.U.A., 1, págs. 181-226, 1983.
- MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, v. 44, 1995.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. ISBN 85-7244-222-7. São Paulo: Contexto. 2003.
- NOVAIS, V.; SIQUEIRA, M. A variável sexo/gênero no português falado no sertão alagoano. *Leitura, [S. l.]*, n. 66, p. 35–50, 2020. DOI: 10.28998/2317-9945.2020v0n66p35-50. Disponível em: < <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/9614> >. Acesso em: 1 set. 2022.
- OUSHIRO, L. *Introdução à Estatística para Linguistas* (versão 1.0.2). Zenodo, 2017.
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p.160-169.

- PEREIRA, S. S.C. *Um estudo sociofuncionalista das variantes negativas não e num no português falado de Vitória da Conquista*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística –PPGLin. Vitória da Conquista, 2018.
- RUMEU, M. C. B. As relações de poder e de solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 115-126, 2011.
- RUMEU, M. C. B. Traços formais e semântico-discursivos No processo de Gramaticalização de 'Vossa mercê' > 'você'. *Revista do GEL*, v. 3, p. 67-82, 2014.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCHERRE, M. M. P. ANDRADE, C. Q. e CATÃO, R. C. Por onde transitam o tu e o você no Nordeste? *Revista de Letras*. nº 40 - vol. (1) - jan./jun. – 2021
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293/2242>>. Acesso em 09 de set de 2022.
- SCHERRE, M. M. P. Por onde transitam o tu e o você no Nordeste? In: *Fórum de estudos linguísticos do Ceará – FELCE*, 5., 2020, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2020.
- SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. de C. Redesenhando o mapa dos pronomes tu/você/cê/ocê no português brasileiro falado. In: WITCHES, P. H.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; FURLAN, C. K. J.; NOGUEIRA, M. de O. (org.). *Conquistas e desafios dos estudos linguísticos na contemporaneidade: trabalhos do V Congresso Nacional de Estudos Linguísticos – V CONEL*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 270-276
- SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.
- SILVA, S. de O. P.; VITÓRIO, E. G. de S. L. A. A variação você e cê no sertão alagoano. *Revista Leitura*, Maceió, v. 2, n. 59, p. 122-142, jul./dez. 2017.
- SILVA, S.O. P. *A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Noia, AL*. Dissertação de Mestrado e Letras e Linguística. 126 f. il. Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas. Maceió 2019.
- SILVA, W. S. *Pronomes de 2ª pessoa do singular em falares alagoanos: uma análise variacionista*. TCC (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.
- SOUZA, J. P. F. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2012. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2012.
- SOUZA, M. H. M. A concordância verbal com o pronome nós na comunidade quilombola Serra das Viúvas /Água Branca – AL. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-13, e-17810, 2021. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>> . Acesso em 22 de janeiro de 2023.

SOUZA, M. H. M. A Concordância Verbal De Terceira Pessoa Do Plural Na Fala Da Comunidade Quilombola Serra Das Viúvas/ Água Branca – Al. Web – Revista SOCIODIALETO. ISSN: 2178-1486. v 11, n 33, p. 1-22, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.48211/sociodialeto.v11i33.366>>. Acesso em 01 de set de 2022.

SOUZA, M. H. M.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas. *Letras em Revista*, [S.l.], v. 12, n. 01, abr. 2022. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/378>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente. e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba –PR*. Tese de doutorado – em Letras na área de Concentração: Estudos Linguísticos Universidade Federal do Paraná Curitiba: UFPR, 2010.

TENÓRIO, A. *O uso das formas tu e você em diálogos de maceioenses*. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. Introduction. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.), *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, V. 1, p. 1-14, 1991.

VITÓRIO, E. Avaliação social e a concordância verbal com o pronome *tu*. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, p. 151-170, jan.-jun. 2021.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. A variação tu e você em Maceió, Alagoas. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 85-99, maio/ago. 2018.

VITÓRIO, E. Panorama da variação tu e você na função de sujeito em Alagoas. (no prelo).

VITÓRIO, E. Percepções sociolinguísticas de estudantes universitários em relação ao uso relação ao uso do pronome *tu*. *Revista Investigações*, v.32, n. 2, p. 432-455, 2019.

VITÓRIO, E.; SILVA, S. A variação tu/você/cê na posição de sujeito e o problema da avaliação linguística no sertão alagoano. In: NUNES, C.; SILVA, C. (orgs.) *A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais*. São Paulo: Pontes Editora, 2021, p. 149-169.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.